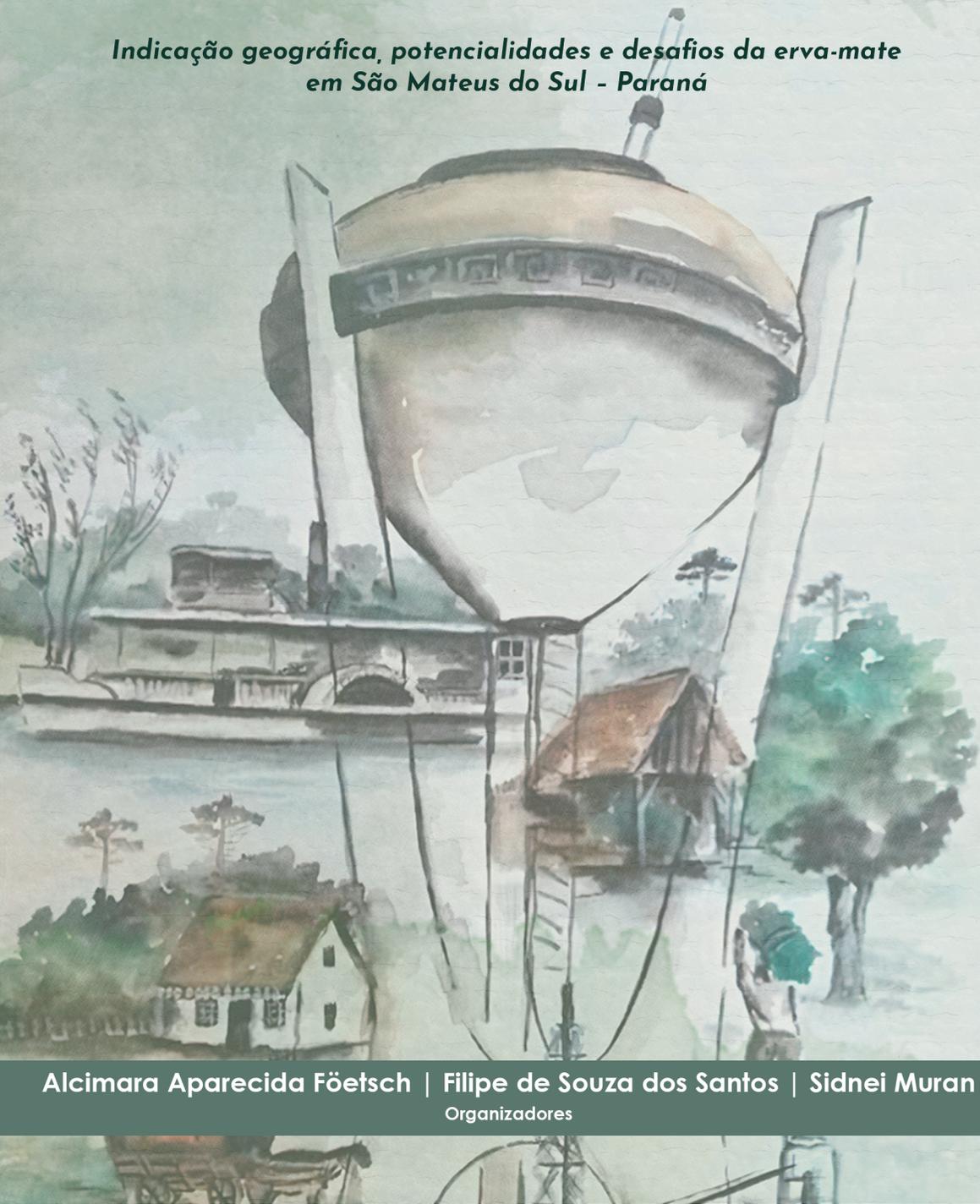


Bella Cidade dos Verdes Hervaes

Indicação geográfica, potencialidades e desafios da erva-mate
em São Mateus do Sul - Paraná



Alcimara Aparecida Föetsch | Filipe de Souza dos Santos | Sidnei Muran
Organizadores

Bella cidade dos Verdes Hervaes

*Indicação geográfica, potencialidades e desafios da erva-mate em São
Mateus do Sul - Paraná*

Alcimara Aparecida Föetsch
Filipe de Souza dos Santos
Sidnei Muran
(Organizadores)

Bella cidade dos Verdes Hervaes

*Indicação geográfica, potencialidades e desafios da erva-mate em São
Mateus do Sul - Paraná*

UNIUV
2020

Bella Cidade dos Verdes Hervaes: indicação geográfica, potencialidades e desafios da erva-mate em São Mateus do Sul - Paraná

Fundação Municipal Centro Universitário da Cidade de União da Vitória – UNIUV

Reitor

Prof. Me. Alysso Frantz

Vice-reitor

Prof. Dr. Lúcio Kürten dos Passos

Supervisão editorial

Prof^a Dr.^a Angela Maria Farah

Revisão

Prof^a M.^a Fahena Porto Horbatiuk

Supervisão gráfica

Prof^a M.^a Julliana Biscaia

Diagramação e capa

Gabriele Taís Boeno de Oliveira

Ilustração da capa

Maria Regina Gaesnly Maciel

Fotografia da contracapa

Sandro Zimny Vitonski

Ficha Catalográfica Catalográfica elaborada por Anicleto Luíz de Lima – (CRB 9/1825)

B381

Bella cidade dos verdes hervaes: indicação geográfica, potencialidades e desafios da erva-mate em São Mateus do Sul, Paraná. / Alcimara Aparecida Föetsch; Filipe de Souza dos Santos; Sidnei Muran (Orgs). – União da Vitória, Uniuuv, 2020.

190 p. ; il. : color.

Inclui Bibliografia no final de cada parte.

Bibliografia dos organizadores p. 186 - 189.

ISBN: 978-65-87847-00-9.

1. Geografia. 2. História. 3. Erva-mate. 4. Potencialidades. 5. São Mateus do Sul. I. Título.

CDD – 918.162

Conselho Editorial da Uniuuv
Avenida Bento Munhoz da Rocha Neto, 3856
Bairro São Basílio Magno
Cep: 84.600-530 União da Vitória- Paraná
e-mail: conselhoeditorial@uniuv.edu.br



SUMÁRIO

<u>Considerações do IG-Mathe.....</u>	<u>7</u>
<u>Prefácio.....</u>	<u>9</u>
<u>Apresentação.....</u>	<u>11</u>

PARTE I - ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

<u>A América nasceu bebendo mate: origens indígenas e coloniais.....</u>	<u>14</u>
<i>Jéssica Franco</i>	

<u>Erva-mate – o ouro verde de São Mateus do Sul/PR: o que a Geografia tem a ver com isso?</u>	<u>24</u>
<i>Alcimara Aparecida Föetsch</i>	

<u>Fontes para a história da erva-mate em São Mateus do Sul, Paraná.....</u>	<u>49</u>
<i>Hilda Jocele Digner Dalcomuni</i>	

<u>A erva-mate e o sistema faxinal.....</u>	<u>71</u>
<i>Arleriane de Fátima Ferreira Portugal</i>	
<i>Wagner da Silva</i>	

PARTE II - INDICAÇÃO GEOGRÁFICA: POTENCIALIDADES

<u>Terra da erva-mate, identidade e indicação geográfica (IG).....</u>	<u>86</u>
<i>Sidnei Muran</i>	

<u>A indicação geográfica da Erva-mate São Matheus e sua possível consolidação como identidade local.....</u>	<u>96</u>
<i>Filipe de Souza dos Santos</i>	

A conquista do IG: Indicação Geográfica da erva-mate em São Mateus do Sul – PR: um potencial para novos empreendedores na economia local.....115

Filipe de Souza dos Santos

Marivanda Bortoloso Pigatto

Thuani Radzikowski Mruz

Mayara Griten

Franciele Roberta Nadolny

Da *Ilex paraguensis* ao ouro verde de São Mateus do Sul: a comunicação como composto estratégico para valorização da erva-mate.....130

Larissa Drabeski

PARTE III - INSPIRAÇÕES E MANIFESTAÇÕES

Helena e o Ouro Verde: um conto sobre a erva-mate em São Mateus do Sul...149

Gerson Cesar Souza

Um mate amargo, a poesia dos sentidos e os retratos de uma paisagem.....166

Alcimara Aparecida Föetsch

Dirce Maria Föetsch

Sandro Zimny Vitonski

Uma breve história sobre os belos rótulos de erva-mate.....172

Jéssica Franco

Uma receita com a erva-mate.....176

Restaurante Veneza

Bolo de erva-mate.....177

Sadas Hotel

CONSIDERAÇÕES DO IG-MATHE

A erva-mate é uma planta extremamente carismática, principalmente para o povo sul-americano, ora pelo seu potencial benéfico à saúde, ora pela tradição de consumo, mas principalmente por sua história e habitat natural.

Natural do sul da América do Sul, mais especificamente em regiões de ocorrência de mata de araucárias, teve sua história de consumo passando por indígenas, jesuítas até consumidores o mais ecléticos possível!

Ocorre que com a ascensão do consumo mundial da erva-mate, em época que essa planta não era cultivada, mas extraída da mata nativa, a região de São Mateus do Sul destacou-se não apenas pelo volume que produzia, mas principalmente pela qualidade que oferecia na elaboração de sua principal bebida, o chimarrão (ou mate). Por consequência disso, grandes empresas processadoras de erva-mate se instalaram no município para estar próximo da matéria-prima tão valiosa naqueles tempos, o que, inclusive, veio a ajudar o Paraná a se emancipar da então Província de São Paulo.

O desenvolvimento dessa região sempre acompanhou os altos e baixos do setor ervateiro, sem jamais perder o orgulho e tradição obtida pelas condições naturais da região, bem como pelo reconhecido trabalho realizado pelo povo daquela época.

Esse forte vínculo histórico da erva-mate com São Mateus do Sul, onde sempre se destacou a qualidade e abundância da planta, bem como as percepções e procuras de todo o mercado por essa matéria-prima chamaram atenção, inclusive, para que esse valor fosse reconhecido. Foi então que em meados do ano de 2013, a história da IG-Mathe começou. No início, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) realizou uma pesquisa em que foram identificados mais de 30 produtos com potencial de reconhecimento de indicação geográfica no Estado do Paraná. Entre esses produtos estava a erva-mate de São Mateus do Sul, que alcançou o primeiro lugar.

Apesar de variações históricas na cultura da erva-mate, a cidade de São Mateus do Sul já vinha respirando novamente esses ares de erva-mate, muito em função de um trabalho realizado anteriormente pelo Conselho do Jovem Empresário, da Associação Comercial (Conjove), que envolveu todo o município, além do bom momento que vivia o setor nessa época, em que os preços estavam em bons patamares, principalmente para os produtores. Todas essas condições, aliadas à instalação de grandes indústrias e o uso da erva-mate da região em diversos *blends* de produtos, fizeram com que essa região já possuísse um reconheci-

to, de fato, de que produtos produzidos ali já eram diferenciados e reconhecidos por isso.

Após essa pesquisa, o Sebrae coordenou alguns agentes da cadeia produtiva de erva-mate e esse grupo formado tomou a decisão de, então, fundar a IG-Mathe - Associação dos Amigos da Erva-mate de São Mateus, que, desde então, é responsável pela gestão da Indicação de Procedência da erva-mate, que foi protocolada em um processo com mais de 1.300 páginas em 2015, e reconhecida pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) em 2017.

A IG-Mathe tem como função principal gerir todos os processos da IG, porém, desde sua fundação, tem-se preocupado com toda a cadeia da erva-mate, tendo amplo envolvimento com produtores, indústrias, viveiristas, instituições e com a sociedade em geral, sendo inclusive reconhecida por isso. Na associação são realizados diversos trabalhos, sempre com o apoio do Sebrae, como a formação e capacitação de produtores para aplicação de boas práticas agrícolas, cumprimento da legislação vigente ao cultivo, exigência de boas práticas de fabricação das indústrias processadoras, controle de qualidade das matrizes, mapeamento das áreas de cultivo, manutenção de uma turma responsável pela análise sensorial de produtos elaborados com IG, além de funções administrativas e de divulgação.

Além de gerir esse importante reconhecimento de indicação geográfica, a IG-Mathe tem como lema e objetivo contribuir diretamente e de forma protagonista para a profissionalização do setor, bem como com o envolvimento de toda a sociedade, para que temas como produção de alimento seguro, sustentabilidade e preservação do modo de cultivo dessa cultura sejam assegurados, mantendo, assim, as características que fizeram e fazem essa região ser diferenciada.

A IG-Mathe apoia e se envolve ainda em atividades sociais, como em eventos beneficentes, palestras para escolas municipais, organização de seminários e congressos, além de atividades turísticas e de outras áreas como pesquisa e desenvolvimento tecnológico, tendo como preocupação contribuir diretamente com o desenvolvimento de toda a região em torno, principalmente da cadeia da erva-mate.

São Mateus do Sul, Terra da Erva-mate, julho de 2020.

PREFÁCIO

A erva-mate foi batizada pelos colonizadores espanhóis ao verem os índios bebendo chimarrão. As folhas moídas levaram os espanhóis a pensarem que a planta era um arbusto, por isso a chamaram de “erva”. Por sua vez, a palavra “mate” vem do termo *mati*, palavra indígena que significa cuia ou porongo. Então, erva-mate seria a “erva de cuia” ou a “erva para cuia”.

Doce engano! Ou melhor, amargo engano! A origem do nome, pequeno, com oito letras apenas, pode ser usada para demonstrar como essa planta, o nosso ouro verde, vem sendo subestimada. A erva-mate não é um arbusto, é uma árvore linda, que cresce na floresta com araucárias, canelas, imbuías e outras árvores majestosas. Cresce até em terrenos de baixa fertilidade, pouco sofrendo com pragas e doenças. Do mesmo modo, a erva-mate não é só a “erva para cuia”. Além do chimarrão e do tererê, a erva-mate está no chá mate, exportado para o mundo todo. Mais do que isso, a erva-mate se faz presente em alimentos, cosméticos, medicamentos e diferentes produtos.

Tem-se, assim, uma árvore maravilhosa, cujas folhas permitem diversos usos e aplicações. É o nosso ouro verde! Árvore resistente e adaptada às condições do Sul do Brasil, mas o que dizer quando essa planta se desenvolve em um local com condições ótimas para o seu crescimento? Sob a floresta de araucárias, onde o solo e o clima contribuem para gerar uma erva especial, com características especiais. Esse presente da natureza foi dado aos habitantes da região de São Mateus do Sul. Imigrantes europeus, poloneses em sua maioria, que aprenderam a manejar os ervais e a colher ramos e folhas para a elaboração de produtos famosos no Brasil e no mundo.

Essa interação entre ervais e o homem ocorre durante séculos na região de São Mateus do Sul, tem uma história de tradição, aprendizado, coragem e muito trabalho. O resultado surgiu na fama, que ganhou São Matheus (nome antigo da cidade) e os municípios vizinhos, de terem uma das melhores ervas do Brasil!

A história imponente promete um futuro promissor! Porém a fama herdada, a cada geração traz um desafio. Como preservar os ervais, a cultura, a tradição, a qualidade do produto e os valores de quem produz e processa a erva-mate desse local? A Indicação Geográfica surge como uma possível resposta!

Este valioso livro, *“Bella cidade dos verdes hervaes”: indicação geográfica, potencialidades e desafios da erva-mate em São Mateus do Sul – Paraná*”, traz informações sobre a Indicação de Procedência São Matheus. Revela detalhes sobre o processo, a história, o povo da região e os ervais. Trata-se de uma referência

aos interessados em melhor conhecer a erva-mate, as pessoas e a própria região. Uma obra para ser lida e apreciada junto com uma boa cuia de chimarrão ou uma caneca de chá. Sorvendo o líquido e a história desse produto, dessa terra, desse povo.

Agenor Maccari Junior

Professor da Universidade Federal do Paraná, a Universidade do Mate!

APRESENTAÇÃO

Bella cidade dos verdes hervaes [...]¹.

O trecho acima, da **Marcha São Matheense** de Arnaldo Prohmann, nomeia o presente livro por tão bem retratar o cenário dessa “*Rainha Bella do Iguassú*”, Terra Sagrada de matas de valor. Nesse momento oportuno de reconhecimento e valorização do patrimônio natural que como dádiva nos foi legado, também oferecemos nossa contrapartida no sentido de reunir e organizar este registro, escrito com o objetivo de disponibilizar leitura, informação, inspiração e curiosidade.

Partindo de uma modesta proposta, dispusemo-nos, humilde e voluntariamente, a contribuir cada um com a especificidade de sua área de formação e atuação. E, assim, reunimos um diverso coletivo de historiadores, geógrafos, jornalistas, professores, administradores, escritores e empresários no esforço conjunto de produzir algo sobre a erva-mate em São Mateus do Sul/PR. Agraciado com essa multiplicidade de olhares, o livro foi dividido em três partes:

Parte I – Aspectos históricos e geográficos: de cunho teórico e científico, quatro artigos apresentam interpretações e indicações de professores, historiadores e geógrafos acerca da erva-mate no tempo e no espaço são-mateuense. Abordam as origens indígenas e coloniais, os condicionantes físico-naturais que justificam a dispersão geográfica do mate pela região, sugerem fontes históricas de pesquisa e discutem a tradicionalidade clássica do manejo da erva-mate no Centro-Sul do Paraná. Destinada a um público escolar, acadêmico e técnico, essa primeira parte se caracteriza como um ponto de partida nas investigações teóricas e práticas;

Parte II – Indicação geográfica: potencialidades - reúne também quatro textos, de cunho informativo e comunicativo, que descrevem a forma como se deu a obtenção da Indicação Geográfica da erva-mate em São Mateus do Sul. Escritos por professores, jornalistas e estudantes universitários, os trabalhos evidenciam essa conquista e sua contribuição na consolidação da identidade local como a Terra do Mate e destacam a importância estratégica do ponto de vista cultural, social, econômico e turístico dessa titulação. Os artigos destinam-se a todos os interessados e curiosos a respeito desse processo tão valioso para o município e para toda a região.

¹Marcha São Matheense. São Mateus, 21 de março de 1933. Escrita por Arnaldo Prohmann. Disponível para consulta pública na Casa da Memória Padre Bauer, em São Mateus do Sul – Paraná.

Parte III – Inspirações e manifestações: trazendo um apelo emotivo, essa seção idealizada por professores, escritores, administradores e empresários é um convite especial a perceber a importância do Mate, reconhecendo seu papel na construção de nossa identidade cultural. Presente, desde o início, no modo de vida dos que por aqui se instalaram, a erva-mate é sinônimo de amizade, familiaridade e momentos compartilhados. A seção é dedicada aos que sensíveis aos contos, poesias, imagens, fotografias e lugares, impressionam-se e viajam nas recordações, memórias e sensações.

E dessa forma modesta e minúscula, desejamos a todos uma boa viagem pelos caminhos desta leitura, com uma boa cuia de chimarrão.

São Mateus do Sul, Terra da Erva-mate, julho de 2020.

Com profundo apreço e afeição,

Os organizadores.



Barbaqué de erva-mate no Cambará, São Mateus do Sul, 1934

Fonte: Acervo disponível na Casa da Memória Padre Bauer,
São Mateus do Sul – Paraná

*“E, assim, a vida florescia.
A família, a cuia na mão, o barbaqué, o cavalo e a erva.
Memórias são-mateuenses do Mate.”*

PARTE I **PARTE I**

ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

“A AMÉRICA NASCEU BEBENDO MATE”: ORIGENS INDÍGENAS E COLONIAIS

Jéssica Kotrik Reis Franco

A América nasceu bebendo mate!
(Governo do Estado do Paraná, 1985, p. 22).

A erva-mate, da qual deriva o popular chimarrão, é uma árvore nativa das florestas da América do Sul, e sua utilização como bebida foi descoberta pelos índios, habitantes nativos dessa região, muito antes da chegada do europeu (Wachowicz; Bracht; Maccari Filho, 1988, p. 126). Seu nome científico é *Ilex paraguariensis* e a planta foi catalogada em 1822, pelo viajante naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, quando ele se deparou com ervais nos territórios do Paraguai.

Contudo, segundo o próprio Saint-Hilaire, a nomenclatura que ele deveria ter dado à planta seria “*Ilex brasiliensis*”, pois, quando em passagem pelo território sul do Brasil, Saint-Hilaire se deu conta de que a erva-mate era muito mais abundante nessa região. O naturalista colheu amostras que foram encaminhadas à Academia de Ciências do Instituto da França, quando foi registrada como *Ilex paraguariensis* mesmo, o exemplar utilizado para catalogação encontra-se no Museu de História Natural de Paris (Mazuchowski, 2000, p. 3). Segue abaixo, o relato de Saint-Hilaire, em viagem à comarca de Curitiba, no ano de 1820:

A árvore da congonha ou árvore do mate (*Ilex paraguariensis*, August de Saint-Hilaire) é uma árvore medíocre, ramosa no alto, muito folhuda, mas cuja forma nada apresenta de característico. As folhas verdes da árvore do mate são inodoras, de sabor herbáceo e um pouco amargo; mas preparadas, desprendem suave perfume que se assemelha mais ou menos ao do chá suíço. Ao tempo de minha viagem, beneficiava-se o mate nos arredores de Curitiba, com muito menos cuidado que no Paraguai; mas começava a ser conhecido dos curitibanos o método empregado pelos paraguaios. O capitão-mor do distrito tinha até a intenção de forçar os seus administrados a adotá-lo, visto que o mate preparado dessa maneira alcançava em Buenos Aires e Montevideú preço mais alto que o preparado pelo método antigo. Quando passei pela Borda do Campo, meu hospedeiro tinha em sua propriedade um paraguaio que havia deixado seu país por causa da guerra, e preparava o mate à maneira hispa-

no-americana, em meio das matas da fazenda. [...] A antiga maneira de beneficiar o mate, nos arredores de Curitiba, diferia da do Paraguai, sob muitos aspectos. Não se levava em conta a época do ano em que se cortavam os ramos da erva-mate. Para sapecá-los (verbo usado em Curitiba e no Paraguai), não se fazia uma fogueira de lenha verde, mas empregava-se, de preferência, os nós provenientes do pinheiro apodrecido. Não se armavam barbaquás, mas somente jiraus de um metro de altura, mais ou menos, sobre os quais se colocavam as folhas de mate. Enfim, não utilizavam a madeira dos ramúsculos, a qual, segundo os hispano-americanos, dá melhor sabor à bebida (Guesti, 2018).

Segundo Fredericindo Marés de Souza em “As origens do chimarrão”, a planta já era cultivada e consumida por indígenas há pelo menos mil anos antes da Era Cristã, da qual datam os primeiros achados arqueológicos de erva-mate moída com objetos utilizados em oferendas funerárias pré-hispânicas, na região onde é hoje o Peru (Milan e Santos, 2018). Ela era consumida como bebida estimulante e de resistência pelos Incas e os Quíchuas (Vahali, 1995, p. 6). Na região do Paraná, os primeiros a fazerem uso da erva-mate foram os índios Guarani, que habitavam a região definida pelas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, na época da chegada dos colonizadores espanhóis (Museu Paranaense, 2018). Embora haja registros de que os índios Xetá, Kaingang, entre outras populações indígenas sul-americanas, também consumiam a erva. Tais origens, são, muitas vezes, esquecidas e pouco conhecidas, mesmo sendo os indígenas os primeiros consumidores dessa planta, e os responsáveis por apresentar essa prática que viria a ser adotada em territórios do Brasil, da América Latina e do mundo, durante e após o processo de colonização europeia que se iniciou no século XVI. No final do século XIX e no início do século XX, a produção e exportação do mate se transformariam na base da economia do Estado do Paraná, diante da sua comercialização para a Europa a partir de 1610 (Mazuchowski; Bracht; Maccari Filho, 2000, p. 3).

Etimologia e origens históricas

A palavra “mate”, que é proveniente do termo “mati” na língua *quíchua*² designava o recipiente, uma espécie de cabaça, recipiente feito do fruto maduro da *curcubitácea*³. Esse recipiente era onde os indígenas faziam a infusão das folhas da erva junto à água (Governo do Estado do Paraná, 1985, p. 22) para beber;

² Tronco linguístico compartilhado por grupos de povos indígenas sul-americanos.

³ Porongo. Ver mais em: MAZUCHOWSKI, J. Z. Manual da Erva-Mate. Curitiba, 1991. (p. 1).

hoje tal objeto equivaleria à funcionalidade da cuia. A partir da palavra guarani caiguá, verifica-se a correlação com a bebida, mediante o seu desdobramento em cacá (erva), i (água), guá (recipiente). O termo designa, portanto, o utensílio utilizado como recipiente para água da erva (Mazuchowski, 1991, p. 1). A planta também era consumida sendo mastigada, e além de ser um hábito alimentar, ela possuía propriedades religiosas para essas populações.

O surgimento da planta da erva-mate em território sul da América, no Brasil, Bolívia e Paraguai (Mazuchowski; Bracht; Maccari Filho, 2000, p. 3) deu-se de forma espontânea, as condições ambientais nativas: o solo, o clima, a concentração hídrica adequada, e os animais que dispersavam as sementes, sobretudo as espécies de aves, deram origem aos ervais de forma natural na área da Mata Atlântica (Gerhardt, 2013, p. 57). Os indígenas praticavam a atividade extrativista, portanto a planta era para consumo local, não havia até então uma produção organizada. É só a partir da chegada dos europeus no continente americano que são introduzidas técnicas de extração e beneficiamento da erva-mate (Vahali, 1995, pp. 6-7).

Entre os séculos XV e XVI, os portugueses e espanhóis iniciaram o processo de Expansão Marítima com os principais objetivos de acumular metais preciosos, como ouro e prata, encontrar novas rotas de comércio com o Oriente, e expandir a fé cristã. Posteriormente, também darão início ao processo de colonização de territórios como o continente Americano, o qual nomearam de o “Novo Mundo”. Os primeiros a chegar aqui, foram os espanhóis por volta de 1400. Aportaram na região onde hoje é o México, Peru e Cuba e estabeleceram contato com civilizações como a Maia e Asteca. Tais interesses mercantilistas, os fizeram avançar mais ao território e encontrar diversos outros povos nativos além desses. Jorge Zbigniew Mazuchowski, em sua obra “Manual da Erva-Mate”, relata que desde os primórdios da ocupação castelhana no Paraguai, indicado por Don Hernando Arias de Saavedra, governante colonial de 1592 a 1594, já se observou a utilização da erva-mate por esses indígenas (1991, p.1). Atestando, portanto, que o consumo da planta pelos povos locais, já era costume arraigado em sua cultura e tradição há milênios.

A colonização espanhola do Alto Paraná, hoje região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina, Paraguai) fundou em 1537 Assuncion do Paraguai (Governo do Estado do Paraná, 1985, p. 22). Nessa época, era praticada a escravização da mão de obra indígena por parte dos colonizadores. Nela, os índios eram obrigados a sair à procura dos ervais, muitas vezes longínquos, a fim de fornecer a “folha de ouro” aos espanhóis. Já a partir do início das missões jesuíticas, nos séculos XVII e XVIII, os índios, sobretudo os Guarani, dedicaram-se ao cultivo, à extração, ao processamento e ao comércio da erva-mate (Gerhardt, 2013, p. 58).

No início do século XVII, foram fundadas pelas missões jesuíticas, as treze Reduções Jesuíticas do Guairá. Nessas missões os padres tinham como principais objetivos: catequizar os indígenas - batizando-os e instruindo-os na fé católica, ensinar-lhes novos ofícios, tratar suas enfermidades obtidas por meio do contato com o homem branco, como epidemias de gripe e varíola, ministrar os sacramentos aos mortos, convencer os Guarani a abandonar as práticas da poligamia e a antropofagia, e amenizar os conflitos entre espanhóis e indígenas, para defender a coroa espanhola, ao denunciar e lutar contra as invasões paulistas para captura de índios no Guairá (Parellada , 2011, p. 06).

O intuito de catequizar os índios tupi-guaranis viria, com o tempo, enfraquecer a prática de escravização indígena, pois os índios passavam a ser cristãos com o batismo. Foi nesse momento que houve a censura e proibição pelos padres jesuítas do consumo da erva-mate. Seu uso estava ligado à tradição dos pajés, curandeiros e líderes religiosos das comunidades indígenas (Vahali, 1995, p. 06), ou seja, para os índios não era só um hábito alimentar, mas o consumo do mate estava diretamente ligado à prática espiritual. Na visão do indígena, a planta fornece vitalidade, força, virilidade, fertilidade a até mesmo a cura (Governo do Estado do Paraná, 1985, p. 22). Na ótica jesuíta, esse hábito era visto como uma prática fora dos preceitos cristãos, uma vez que os padres acreditavam ser uma planta alucinógena. Assim sendo, os catequizadores estavam decididos a convencer os indígenas a abandonarem o consumo do mate, por ela ser considerada por eles a “erva do diabo”. Segue relato do jesuíta Francisco Jarque, escrita no livro - *Insignes Missioneiros*:

Nos arrabaldes do povo de Maracayú se beneficia a erva, tão usual em todas aquelas províncias do Peru, que não há casas de espanhóis nem ranchos de índios em que ela não seja pão cotidiano e bebida. E se tem espalhado tanto este asqueroso sumo que tem chegado à corte e muitas cidades da América e da Europa seu conhecimento, uso e consumo. Em meu parecer, o demônio, por meio de algum feiticeiro, a inventou (Milan; Santos, 2018).

Contudo, diante da proibição, os clérigos perceberam que, sem o consumo da erva-mate, os indígenas passaram a aumentar o consumo de bebidas alcoólicas. Juntamente a esse fator, a oportunidade que os próprios padres vislumbraram de exportar e comercializar a erva fez com que as missões abolissem a proibição. Assim, a força da tradição indígena aliada ao valor nutritivo e comercial da erva-mate fez com que os próprios padres jesuítas passassem a consumi-la, chegando a ponto de ser conhecida como o “chá dos jesuítas” em

determinado período histórico, como aponta o historiador Romário Martins (Mazuchowski, 1991, p. 2). Já os espanhóis, desbravadores, acostumados a grandes “borracheiras”, porres memoráveis, que muitas vezes duravam a noite toda, notaram que o consumo do chá da erva-mate era um belo remédio contra a ressaca. Pois o mate amargo é um bom ativante do fígado, auxiliando a curar o mal-estar causado pela bebida (Guesti, 2018).

Assim, os jesuítas trataram, então, de cultivar a planta ao longo do Rio Paraguai e Uruguai, a mando do jesuíta Padre Burges, supervisor da Companhia de Jesus. O cultivo foi propiciado (Mazuchowski; Bracht; Maccari Filho, 2000, p. 3) ao redor das reduções, pois, assim, evitavam longos percursos em sua busca, e mandavam transportar as mudas de erva-mate que se encontravam na região da serra do Maracaju, no Mato Grosso (Governo do Estado do Paraná, 1985, p. 22). Dessa forma, os jesuítas iniciaram a prática de algumas técnicas de cultivo e colheita da planta. A partir disso a erva-mate não só era consumida como também se transformou em uma importante fonte de renda nas reduções do Paraguai e Paraná. E por mais de um século e meio (1610-1768), quando se deu a saída forçada da Companhia de Jesus, os jesuítas exploraram o comércio e a exportação do mate (Mazuchowski, 1991, p. 2).

Durante a União Ibérica (1580-1640), quando Portugal ficou submetido à Coroa Espanhola, os vicentinos - como também eram chamados os bandeirantes, vindos principalmente de São Paulo - saíram em busca de territórios para explorar, na tentativa de achar riquezas, principalmente ouro e prata; também capturavam índios para comercializar como escravos, promovendo o tráfico interno de nativos. Era a chamada preação de índios, nesse momento os bandeirantes também tomaram contato com o consumo da bebida. Aderiram ao hábito e, por conseguinte, expandiram a prática pelos territórios onde passavam (Milan e Santos, 2018). Tal fenômeno fez com que os portugueses conhecessem a erva, o que também faria, mais tarde, com que incorporassem o consumo à sua culinária, em forma de chá mate, tereré e chimarrão (Governo do Estado do Paraná, 1985, p. 22). No Paraná, esse ciclo bandeirista chegou a cidades como Castro, Curitiba, Ponta Grossa e São Mateus do Sul. Na região de São Mateus, havia a predominância das etnias indígenas do tronco linguístico Jê, como os índios Kaingang e Botocudo, que também faziam uso da erva-mate. Portanto, por meio de uma tradição indígena, também começou a história da “Terra da Erva-Mate”, título concedido em 3 de julho de 2017, por meio do Projeto de Lei nº 104/2017, pela estreita ligação do município com a produção, comércio e consumo da planta, até os dias atuais (Franco, 2017).

Em 1722, o Ouvidor da Capitania de São Paulo foi autorizado a permitir o comércio de erva-mate entre os colonizadores do Sul, com os espanhóis das

Províncias de Buenos Aires de Sacramento, uma carta régia permitia que o Sul da Capitania de São Paulo, o Paraná, estabelecesse relações com a Colônia do Sacramento, pertencente a Portugal, hoje uma cidade em território uruguaio. A partir daí, os jesuítas ampliaram o comércio da erva-mate para os países latino-americanos (Mazuchowski; Bracht; Maccari Filho, 2000, p. 3). Mas o cenário mudou em 1813, quando o ditador paraguaio José Gaspar Rodríguez de Francia estabeleceu uma política de isolamento e proibiu a exportação da erva-mate para Buenos Aires e Montevidéu. Isso fez com que o Paraná conseguisse alavancar sua produção.

Até 1775 a erva-mate era conhecida como uma planta medicinal, conforme o testemunho de Gomes Freire, que remete uma carta a Diogo de Mendonça Corte Real, ministro português, aconselhando-o a que fizesse o uso da bebida contra os sintomas de gota. Na documentação oficial, a erva-mate (sendo referenciada como congonha) é encontrada, pela primeira vez, em um Edital de taxaço para exportação de 1804, no Porto de Paranaguá (Mazuchowski, 1991, p. 2). No Paraná, nesse período também havia um pequeno comércio local entre as regiões de Paranaguá e Planalto, onde ocorria a troca de sal, farinha de mandioca, carne de peixe e algodão do litoral por pinhões, milho e a própria erva-mate (Vahali, 1985, p. 7).

A difusão do consumo da erva-mate, na forma de chimarrão pela região platina, se deve a uma série de fatores, entre eles, à necessidade de melhorar o sabor da água salobra, a misturando com folhas da erva, à ausência de outras culturas alimentares para atender o vaqueiro ou boiadeiro em longas caminhadas, e à pouca disponibilidade de alimentos, uma vez que o consumo da erva-mate elimina a sensação de fome, devido aos seus nutrientes. Na região do Paraná, a exportação de erva-mate tornou-se possível e economicamente viável graças ao surgimento de inúmeros moinhos que funcionavam no litoral e também no planalto de Curitiba.

Os índios, conhecedores das propriedades medicinais da erva-mate, associavam seus benefícios diuréticos, estimulantes e revigorantes à cura. Esse conhecimento milenar, hoje, foi comprovado pela ciência. O percurso da história tratou de apresentar o hábito indígena ao europeu, que se transformou em um hábito das primeiras colônias instaladas em território sul americano. Atualmente, é hábito estabelecido por boa parte da América Latina e regiões Sul do Brasil, entre elas o Paraná. Sendo assim, a erva-mate e o chimarrão tornaram-se símbolo de tradição e cultura paranaense.

O vocabulário indígena foi incorporado e é utilizado até os dias atuais. Isso nos mostra a importância e a contribuição dos indígenas no que diz respeito à erva-mate; do guarani surgiram expressões como congonha (que significava

erva-mate, mato), cuia (de caigua), carijo (de cari, local onde se colocavam os galhos da erva para secar ao calor do fogo), e tererê (do guarani jacubi, que era mate feito com água fria). Do tupi veio a palavra barbaquá (buraco onde era colocada a erva para secagem) e do quíchua originou-se o próprio nome do mate (que era mati, porongo), onde se colocava a erva para beber. (Milan; Santos, 2018).

Ainda nos dias atuais há o cultivo e o consumo de erva-mate por populações indígenas no interior do Paraná. Um bom chimarrão para um índio é feito com erva moída na hora e com água esquentada em fogo de chão. Além de essa prática ter uma estreita conotação tradicional e espiritual, ela se transformou em uma fonte de renda para essas comunidades, pois comercializam sua produção e, muitas vezes, até exportam o produto para regiões estrangeiras. A agricultura familiar praticada por esses índios une a tradição indígena e as técnicas do homem branco. Reportagem publicada pelo periódico Gazeta do Povo relata o hábito do consumo da erva-mate presente nas comunidades indígenas no interior do Paraná:

O chimarrão, na aldeia Koenjo-Porã, ainda tem um papel muito importante dentro das tradições. Um ritual com a planta é realizado anualmente para trazer boas energias. Os homens da tribo colhem a erva-mate e juntamente com o cacique e o pajé eles se reúnem na Opy (casa de reza) onde fazem o processo de sapecagem, secagem e cancheamento juntamente com rezas e danças. Depois do ritual, cada família leva para casa uma quantidade que deve ser consumida. Segundo a tradição dos índios guarani, o ritual traz boa sorte e todas as famílias da aldeia precisam tomar da erva preparada na casa de reza. Além de consumir como bebida, os índios usam o chimarrão junto com outros medicamentos. Segundo eles, quando acordam indispostos, colocam ervas medicinais na água de chimarrão e tomam. É melhora na certa. Dentro da cultura indígena de tomar o chimarrão, o correto é ingerir de duas a três vezes por dia, sempre antes das refeições. Quem estiver com a cuia deve tomar toda a água para depois passar para o próximo da roda e, as crianças não consomem a bebida. A prática pode ser iniciada quando completam 12 ou 13 anos (Milan; Santos, 2018).

Para explicar as origens da erva-mate os indígenas criaram uma poética lenda. A erva-mate, para eles, possui o poder sobrenatural de Caá-Yari, a deusa protetora dos ervais:

CAÁ-YARI - Um velho guerreiro, já adoecido e sem forças para continuar a acompanhar sua tribo decidiu ficar e viver sozinho em uma tapera na mata. Yari, sua filha mais nova, não quis

abandoná-lo. Então, contra a vontade dele, ela decidiu abrir mão de viver junto à sua tribo, casar-se e ter filhos, para cuidar de seu velho pai e não o deixar sozinho. Um dia apareceu na tapera um pajé, que buscava um lugar para descansar. Na verdade, ele era um enviado do deus Tupã. O ancião pediu ao pajé que concedesse a ele forças e energia para que não atrapalhasse mais a vida da filha. Então, o pajé com sua sabedoria, deu ao velho guerreiro uma planta de folhas verdes, e lhe ensinou que as folhas deveriam ser secadas ao fogo e trituradas, para que depois fosse feita uma infusão energizante. Yari, por ter renunciado à sua vida e ter feito a escolha nobre de cuidar de seu pai, foi recompensada por Tupã com a imortalidade. Ela foi transformada numa grandiosa árvore de erva-mate (caá-yari), uma árvore que mesmo depois de cortada, voltaria a brotar e a dar frutos, a mesma planta que o pajé deu ao seu pai para curá-lo. Assim, Yari se tornou a deusa dos ervais (Lenda Guarani).



IMAGEM 1: Índio Guarani em trajes europeus, com mate na mão
Aquarela de Jean Baptiste Debret, datada de 1827
Coleção de Raymundo Castro Maia (Carneiro, 1966)

Sendo assim, finalizo este capítulo com um trabalho de Jean Baptiste Debret, pintor e desenhista francês que integrou a Missão Artística Francesa no Brasil em 1817. Debret produziu diversas aquarelas e quadros famosos sobre o cotidiano brasileiro durante sua passagem pelo Brasil. Entre esses trabalhos, a aquarela anterior, que demonstra a síntese da relação histórica entre indígena, erva-mate e colonizador, pois a obra reproduz um índio Guarani em trajes europeus, bebendo uma cuia de mate. Além disso, ela nos faz refletir a importância da figura do indígena para a origem e perpetuação de tal hábito na história.

Referências

CARNEIRO, N. **O mate nas artes luso-brasileiras**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1966.

FRANCO, J.K.R. **Do Iguaçu para o Nilo: a erva-mate em terras faraônicas**. Coluna “Máquina do Tempo”. Jornal Gazeta Informativa, São Mateus do Sul, 2018.

FRANCO, J.K.R. **A Tradição Indígena e a Terra da Erva-Mate**. Coluna “Máquina do Tempo”. Jornal Gazeta Informativa, São Mateus do Sul, 2017.

GERHARDT, M. **História ambiental da erva-mate**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GHESTI, L. G. **Curso Ouro verde - o ciclo da erva-mate**. Solar do Rosário, Curitiba, 2018.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Erva-mate**. Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte. Empresa Paranaense de Turismo-PARANATUR. Departamento de Marketing, Janeiro, 1985.

MAZUCHOWSKI, J. Z.; BRACHT, M. J.; MACCARI FILHO, A. **Patentes industriais e as prioridades para os investimentos tecnológicos na cadeia produtiva da erva-mate**. Curitiba, 2000.

MAZUCHOWSKI, J. Z. **Manual da erva-mate**. Curitiba, 1991.

MILAN, P.; SANTOS, L. dos. **Erva-mate: o ouro verde do Paraná**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/erva-mate/origens.jpp>>. Acesso em: 15 maio 2018.

MUSEU PARANAENSE. **Histórico da erva-mate**. Disponível em: <<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>>. Acesso em: 15 maio 2018.

PARELLADA, C. I. **Resistência e mudança Guarani: a linguagem visual nas Missões Jesuíticas do Guairá (1610-1631)**. UFPR, Curitiba, 2011.

VAHALI, A. **Diretrizes das políticas públicas elaboradas para a erva-mate no Paraná de 1854 a 1889**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Vicentina, 1988.

ERVA MATE – O OURO VERDE DE SÃO MATEUS DO SUL/PR:

o que a Geografia tem a ver com isso?

Alcimara Aparecida Föetsch

*Batem ritmados pilões,
Firme, o batuque retroa,
Vida de engenho a
pulsar.*

*A verde poeira do mate,
Impregna tudo ao redor;
Vai colorindo operários
E iguala todos na cor*

“Engenho de erva-mate”, de Helena Kolody

Venha! Pegue a cuia com a erva, a água quente e sente.

Aprece a paisagem da região das Araucárias e aceite o convite para saborear, além do mate, uma leitura mescla de informação e curiosidade. O tema? A erva-mate, o ouro verde⁴, claro! A planta que, como diz Helena Kolody, ***igual a todos na cor***, e para que assunto mais adequado e pertinente na vida paranaense, em São Mateus do Sul?

Município cuja história prova que a planta uniu índios, caboclos, imigrantes e migrantes, por meio da atividade de extrair/cultivar a erva e da prática sociocultural de apreciar o mate. Bebida para todos, está presente em todos os lugares e ocasiões e integra os costumes regionais há séculos. Símbolo da cultura, o chimarrão é sinônimo de tradição e hospitalidade: não exclui, nem classifica.

Sendo assim, aqui trataremos da erva, do mate e da erva-mate. O primeiro podendo se referir à planta, o segundo à bebida ou ao recipiente e, o terceiro, ao produto. Porém, como nos ensina Gerhardt (2013), “*matear*”, em um sentido polissêmico, designa tanto a bebida “*quanto o universo de atividades, conhecimentos e significados ligados à planta*” (p. 18), o que atesta a diversidade de proposições e discussões que podem ser levantadas. De fato, muito se encontra na literatura sobre o assunto, são relatos de viajantes, cronistas, autoridades,

⁴ Assim ficou conhecida a erva-mate em função de sua importância econômica e cultural para os municípios do Sul do Brasil. Uma importante menção/referência encontra-se em Linhares (1969): “Pobre presa, caída nas armadilhas da civilização mecânica, selvagens da floresta de ouro verde, meigas e imponentes vítimas” (p. 39 – grifo da autora).

geógrafos, historiadores, agrônomos, jornalistas, administradores, economistas, antropólogos, biólogos, nutricionistas, entre tantos outros olhares – cada qual, com sua perspectiva e inegável contribuição.

Nessa multiplicidade, perguntamos: “*O que a Geografia tem a ver com isso? Como pode se relacionar com a erva-mate?*”

Simple: essa Ciência explica, por meio das condicionantes físico-naturais, a área de distribuição natural da planta por meio do entendimento das diferentes zonas climáticas, topográficas e geográficas, justificando, assim, sua ocorrência endêmica nas Florestas do Sul do continente americano e, nesse caso específico, no município de São Mateus do Sul/PR. Oferece, ainda, parâmetros para a compreensão das interações com outras espécies vegetais e da fauna, explicando tanto a complexa biodiversidade florestal necessária ao seu desenvolvimento, quanto os valores econômicos e culturais para as sociedades humanas.

Portanto a Geografia nos permite interpretar tanto os condicionantes físico-naturais que explicam a distribuição geográfica da planta pelo município de São Mateus do Sul, quanto os condicionantes socioculturais que fazem do mate um elemento cada vez mais presente no cotidiano da população são-mateuense, evidenciando sua atual valorização.

Porém, nem sempre foi assim, a erva-mate já passou por períodos obscuros no cenário econômico regional. Mesmo correndo risco de por não ser usual, utiliza-se dessa parte introdutória do texto para destacar uma foto da capa do livro de José Maria Orreda⁵, justamente para comprovar a afirmação acima por meio do texto evidenciado pelo autor:

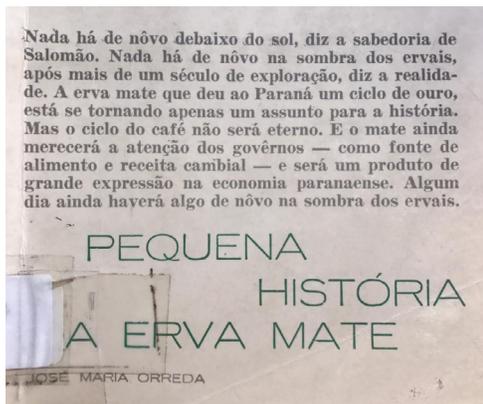


Foto 1: Parte da capa do livro de José Maria Orreda (1968). Fonte: acervo da autora, 2017.

Como se pode perceber, a erva-mate perdeu espaço, na primeira metade do século XX, para outros importantes ciclos econômicos no Estado do Paraná: a madeira e o café. Entretanto, já era previsto, em 1968, que “*algum dia ainda haverá algo de nôvo na sombra dos ervais*” (sic). E, ao que parece, a erva-mate passa, enfim, a receber atenção novamente – não ressurgindo – mas sendo notada e valorizada como produto de expressão na economia são-mateuense.

⁵ Referência completa: ORREDA, J. M. **Pequena História da Erva-mate**. Martins e Abib Ltda: Irati, Paraná: 1968. (Edição: O Debate).

Elixir que alimenta, assim referenciada por Orreda, a erva-mate, segundo o autor, teria novamente vez “*não para reviver o esplendor do ciclo do mate, mas para fortalecer as bases da economia ervateira e melhorar a saúde do povo*” (p. 67). E é justamente nas rodas de chimarrão entre amigos e protagonistas do município de São Mateus do Sul que novos rumos foram planejados, promissores caminhos estão sendo trilhados e a erva-mate, novamente, evidencia-se. Não é à toa que a bandeira do Paraná⁶ já destaca o ramo da erva-mate e o Hino⁷ de São Mateus do Sul sublinha: “*Da colina que entronizas dignamente / Ao longe vêdes tuas matas de valor, / E ao beijar num longo beijo reverente / Teus alvos pés, o Iguaçu com tanto amor, / Bela cidade dos bons ervais / Que tem jamais tristeza e dor.*”

E para que mais **geográfico**? Aproveitando-nos desse contexto e desse momento oportuno, organizamos um texto que se divide em dois momentos e, singelamente, busca, em nossa área, oferecer uma contribuição sobre esse recurso natural tão precioso na Floresta com Araucárias. Para tanto, inicialmente, são apresentadas as características gerais da erva-mate, destacando sua classificação botânica, sua posição com relação aos ciclos econômicos do Estado do Paraná, os tipos de ervais e exemplos da aplicação e utilização da erva-mate. Trata-se de uma abordagem objetiva e introdutória.

Em seguida, destacamos os fatores geográficos que justificam a existência e dispersão da planta pela região de São Mateus do Sul, por meio da análise dos condicionantes físico-naturais (Climatologia, Geomorfologia, Hidrogeografia e Biogeografia) e dos condicionantes socioculturais (Demografia, Economia, Cultura e Política). Tudo isso para evidenciar a importância histórica e cultural da erva-mate no município, fator essencial na obtenção da Indicação de Procedência do produto.

A erva-mate: preciosidade das matas mistas

[...] o mate desperta as funções da inteligência, diminui a sensação da fome e da fadiga e tonifica o coração, fazendo a tensão arterial baixar e entrar logo num ritmo normal
(Lessa, 1953, p. 34)

Sabe-se que a erva-mate integra a Biodiversidade da Floresta Ombrófila Mista (FOM) na América do Sul e que muitas populações sobreviveram e sobrevivem de sua extração, cultivo e comércio, consumindo-a, rotineiramente

⁶ A atual Bandeira é a estabelecida pelo Decreto-Lei nº 2.457, de 31 de março de 1947. Compõe-se de um quadrilátero verde, atravessado no ângulo superior esquerdo para o inferior direito por uma larga faixa branca contendo a representação da esfera celeste em azul e as cinco estrelas da Constelação do Cruzeiro do Sul em branco. A esfera é atravessada, abaixo da estrela superior do Cruzeiro, por uma faixa branca com a inscrição “PARANÁ”, em verde. Circundam a esfera um ramo de pinheiro à direita e outro de mate à esquerda.

⁷ Lei Municipal de São Mateus do Sul, nº. 164 de 28/10/1961. Letra: Arnoldo Prohmann. Música: José Schen.

te, de inúmeras formas. Porém, aventurar-se a escrever sobre a temática requer, de início, o estabelecimento de uma tênue linha de raciocínio, integradora, cuja multiplicidade de olhares possa dar conta de evidenciar sua relevância para além do viés economicista⁸. Trata-se de uma definição polissêmica que abarca tanto a planta quanto seu produto final, pode-se falar, portanto, do vegetal, da mercadoria, da forma de cultivo, da prática cultural, das expressões na paisagem, das manifestações folclóricas, entre tantas outras perspectivas.

Nessa miscelânea, Gerhardt (2013) sugere uma interpretação cujo ponto de vista cativa, ao propor uma história ambiental⁹ da erva-mate, pela qual o esforço primeiro é o “*de entender as mudanças socioambientais e as relações humanas com a natureza*” (p. 17). Nesse viés, é construída uma narrativa que evidencia o equilíbrio existente entre as ofertas do ambiente natural e as necessidades humanas, ou seja, os ervais, a floresta e as populações humanas – correlações extremamente geográficas.

De fato, quando uma prática cultural se torna rotina diária, fica difícil identificar as origens e estabelecer parâmetros evolutivos. Nesse sentido, é praticamente impossível dizer, com certeza, há quanto tempo as populações humanas conhecem e se utilizam da erva-mate. Kern (1991), ao estudar as origens da ocupação pré-histórica do Rio Grande do Sul, em sua Arqueologia, atesta que os humanos chegaram à América do Sul entre 13.000 e 8.500 anos antes do presente, ou seja, já poderiam ter-se utilizado das propriedades da planta, tendo em vista que já existia na região.

Entretanto narrativas específicas sobre a utilização do mate podem ser encontradas na obra do Padre Antonio Ruiz de Montoya, que foi publicada em 1639. Nela são listados relatos europeus sobre a utilização da planta por povos da etnia Guarani, no século XVI – valendo ressaltar que “*atuação dos padres missionários da Companhia de Jesus em terras americanas, nos séculos seguintes, incluiu a extração de expressiva quantidade de erva-mate pelas populações Guarani organizadas em reduções*” (Gerhardt, 2013, p. 44). Trata-se do mate sendo notado, percebido e explorado.

A erva-mate (*Ilex paraguariensis* A. St. Hil.) foi classificada, segundo os critérios da botânica, em 1822, pelo pesquisador viajante francês Auguste de Saint-Hilaire (1799-1853), do Museu de História Natural de Paris, quando da

⁸ Superando-se a visão econômica do produto e evidenciando sua relação com o meio ambiente e com os aspectos socioculturais da população.

⁹ Sugestão de aprofundamento sobre a perspectiva:

a) WORSTER, D. **Para fazer história ambiental**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, n. 8, 1991.

b) PÁDUA, J. A. **As bases teóricas da História Ambiental**. Estudos Avançados (São Paulo), v. 24, n. 68, 2010.

coleta em região nos arredores de Curitiba¹⁰. O material coletado foi considerado exatamente igual à erva-mate já coletada e descrita no Paraguai (Mazuchowski, 1988, p. 3-4). A planta integra, atualmente, de acordo com a classificação taxonômica atual, a família botânica *Aquifoliaceae* e o gênero *Ilex*, e neste último estão incluídas centenas de espécies do planeta. Giberti (1995) destaca que o gênero *Ilex* pertence à família *Aquifoliaceae* que apresenta cerca de 600 espécies, sendo 220 nativas da América do Sul, das quais 68 ocorrem no Brasil. Dessas, apenas cinco se prestariam ao fabrico da erva-mate beneficiada.

Consiste em uma árvore de folhas perenes, que pode atingir entre quatro e oito metros de altura quando adulta (Lorenzi, 1992), porém, dependendo da idade e do tipo de sítio, pode chegar até 30 metros na floresta, entretanto, quando podada, geralmente não ultrapassa os 07 metros de altura. É de porte arbóreo e grande longevidade, podendo chegar próximo aos cem anos (Mazuchowski, 1989; 1991). Espécie dióica, que floresce de setembro a dezembro no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e de setembro a novembro no Paraná (Meurer, 2012, p. 27).

Tradicionalmente, a palavra erva é empregada para plantas não lenhosas, ou seja, arbustivas. Porém, a “*erveira*” é uma árvore de porte desenvolvido, nesse caso, o equívoco com o termo se deve a origens históricas. Maccari Júnior (2005) explica, parafraseando Lessa (1986), que a primeira citação “*se deve ao general paraguaio Irala, em 1554, o qual observou os índios guaranis consumirem em pequenos porongos uma bebida elaborada com folhas de erva-mate*” (p. 4), o produto levou os colonizadores espanhóis a pensar que se tratava de uma planta de pequeno porte, sendo por eles referenciada, inicialmente, como a “*erva do Paraguai*”. Souza (1947) explica o complemento “*mate*”, palavra indígena, derivada do termo “*mati*” cujo significado se associa a cuia, porongo, ou seja, ao recipiente onde a bebida ou a infusão é preparada. Portanto, originalmente, “*mate*” se referia ao recipiente, porém, ao longo do tempo, foi associado ao produto.

Maccari Júnior (2005), ao retratar suas propriedades nutritivas e fisiológicas, afirma que suas características a tornam uma “*das preciosidades da flora brasileira*” (p. 3). O mesmo autor evidencia que seu consumo se iniciou com os povos indígenas, mas que logo foi adotado pelos colonizadores do novo mundo, sendo plenamente incorporada aos hábitos brasileiros, notadamente, no Sul do país.

¹⁰ Auguste de Saint Hilaire coletou, entre 1816 e 1824, material correspondente à espécie paraguaia de *Ilex* nos arredores de Curitiba, que na ocasião pertencia ao Estado de São Paulo, classificando-a como a coletada anteriormente (DANIEL, 2009, p. 40). Devido à baixa divulgação dos resultados científicos na época e algumas diferenças morfológicas houve discrepâncias na nomenclatura, entretanto, Costa (1995, p. 28) atesta que o nome científico oficial da erva-mate foi estabelecido como *Ilex paraguayensis*, de acordo com a lei da prioridade.

Assim sendo, oriunda do extrativismo vegetal, esse produto florestal não madeireiro pertence ao grupo de produtos que pode ser coletado na floresta ou produzido de forma semidomesticada em plantios ou sistemas agroflorestais. Sua caracterização pode ser feita também de acordo com o tipo do erval, nesse sentido, Meurer (2012), citando Valduga (2002), assim diferencia:

[...] o erval nativo (sombreado) e o cultivado (sem cobertura vegetal). O erval nativo é aquele que foi formado pela ação da natureza, localizado em meio a floresta. Nestes ervais pode ocorrer a ação do homem nas fases iniciais de formação dos cultivos, com eliminação da vegetação rasteira e poda das ervaíras; ou por adensamento, que consiste no plantio de mudas de erva-mate nos lugares onde já existem ervais nativos em exploração. O erval cultivado se caracteriza pelo plantio de mudas e um sistema de manejo convencional (Meurer, 2012, p. 28).

Mazuchowski (2000) contribui ao destacar que o erval nativo se caracteriza por árvores de erva-mate originária, não sendo possível precisar a idade e nem definir o espaçamento entre as árvores. Outra característica importante dos ervais nativos é o sombreamento, ou seja, o nível de radiação parcial que varia de acordo com a cobertura por outras espécies arbóreas nativas da região. Andrade (1999), por sua vez, caracteriza o erval adensado, que, segundo ele, é um erval inicialmente nativo, mas que, após a retirada da vegetação de pequeno porte e sem valor econômico, é acrescido de mudas de erva-mate, portanto, o espaçamento também não é definido. Mazuchowski (1989) assim distingue:

a) erval nativo: O erval nativo é aquele que foi formado pela natureza. A intervenção do homem dar-se-á para sua formação ou adensamento. b) erval plantado: Constitui em erval plantado pelo homem, seja em condições de sombreamento (lavouras de milho, fumo ou mandioca: sub-bosque de mata) ou a pleno sol (plantio solteiro, consorciado com lavouras ou pastagens). (p. 16).

Costa (1995) acrescenta que a planta cresce tanto nos sub-bosques como em céu aberto ou pleno sol, no entanto, Rakocevic *et al.* (2006) afirma que a exposição ao sol influencia no sabor final do produto, podendo torná-lo mais “suave”, ficando o sabor mais “amargo” quando o produto final deriva de plantas de erva-mate cultivadas em sombreamento. Nesse sentido, Maccari Júnior *et al.* (2006) afirmam que existe:

[...] entre os ervateiros, produtores e industriais, um senso comum de que a erva-mate de ervais nativos ou sombreados apresenta melhores atributos do que o produto vindo de ervais cultivados ou de pleno sol. Essa informação tem fundamento, se consideradas as distintas características edafo-climáticas em cada um desses sistemas afetando o desenvolvimento das plantas. (p. 65).

Dessa forma, pode-se dizer que as condições e variações do meio ambiente¹¹ influenciam nas características dessa matéria-prima e, conseqüentemente, nos produtos dela elaborados. Nesse sentido, existe um Regulamento Técnico para café, cevada, chá, erva-mate e produtos solúveis. Trata-se da Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 277 de 22/09/2005, que objetiva fixar a identidade e as características mínimas de qualidade desses produtos. Essa Resolução define a erva-mate quanto aos seus compostos, da seguinte maneira:

Erva-Mate: é o produto constituído exclusivamente pelas folhas e ramos de *Ilex paraguariensis* St. Hil., obtido por processo de secagem e fragmentação destinado ao preparo de “chimarrão” ou “tererê” podendo ser adicionado de açúcar.

Composto de Erva-Mate: é o produto, destinado ao preparo de “chimarrão” ou “tererê”, constituído de erva-mate, adicionado de especiaria(s) e ou outra(s) espécie(s) vegetal(is) constante(s) de Regulamento Técnico de Espécies Vegetais para o Preparo de Chás, podendo conter aroma e ou açúcar

Como é possível perceber, o chimarrão e o chá, não são os únicos produtos derivados da erva-mate, são, de fato, os mais comuns, entretanto, vários outros usos são dados à planta, como pode ser percebido no Quadro 1:

Quadro 1: Aplicações da erva-mate

APLICAÇÃO INDUSTRIAL	SUB-PRODUTOS COMERCIAIS	FORMA DE CONSUMO
BEBIDAS	Chimarrão e tererê Chá mate: queimado, verde ou cozido, Mate solúvel	Infusão quente ou fria
	Refrigerantes e sucos; cerveja; vinho	Extrato de folhas diluído
INSUMOS DE ALIMENTOS	Corante natural e conservante alimentar	Clorofila e óleo essencial
	Sorvete, balas, bombons, chicletes e gomas	

¹¹ Sobre o assunto, ver mais em Boeger *et al.*, (2003), Coelho *et al.*, (2000) e Mazuchowski *et al.*, (2003).

MEDICAMENTOS	Estimulante do sistema nervoso central	Extrato de cafeína e teobromina
	Compostos para tratamento de hipertensão, bronquite e pneumonia	Extratos de flavonóides
HIGIENE GERAL	Bactericida e antioxidante hospitalar e doméstico Esterilizante e emulsificante	Extrato de saponinas e óleo essencial
	Tratamento de esgoto Reciclagem de lixo urbano	
PRODUTOS DE USO PESSOAL	Perfumes, desodorantes, cosméticos e sabonetes.	Extrato de folhas seletivo e clorofila

Fonte: Mazuchowski; Rücker (1997, citado por Maccari Júnior, 2005)

Como se pode notar, trata-se de uma matéria-prima versátil e que se encontra distribuída de forma única nessa região geográfica que abarca também o município de São Mateus do Sul. Entretanto, é preciso ressaltar que sua existência se deve a fatores geográficos determinantes, que serão apresentados e discutidos a seguir, justificando o endemismo da planta.

Condicionantes físico-naturais e socioculturais: a distribuição geográfica

Presente de forma singular na paisagem das Matas com Araucária, a *erva-mate* foi retratada na literatura brasileira, de forma ímpar, por viajantes naturalistas tão logo perceberam sua presença significativa na região, sua história se funde com a própria história nacional e regional, sendo a exploração dos ervais nativos um dos elementos centrais na formação das paisagens do sul do Brasil. O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire foi o primeiro e o responsável pela classificação da planta e assim explica, referindo-se ao século XIX:

A alguma distância do extremo dos Campos Gerais, a região torna-se mais montanhosa e mais coberta de matas. Além desse extremo, entra-se numa sombria floresta; Curitiba, que, entretanto, logo alcançamos, está ainda situada numa planície desnuda e ridente. Nas matas vizinhas dessa cidade cresce, abundantemente, o mate cujas folhas e ramos constituem objeto de importante comércio (Saint-Hilaire, 2002, p.13).

Como é possível perceber, os próprios viajantes naturalistas já percebiam a relação entre a condição geográfica dos lugares e a consequente distribuição da biodiversidade da flora. Da mesma forma, o médico e viajante alemão Robert Avé-Lallemant ao visitar o vale do Rio dos Sinos, na metade do século XIX, chamou a floresta verde-negra que encontrou de “*maravilhosa oficina da natureza*”,

foi onde viu “*atletas vegetais agarrados, sem que um vença o outro*”, destacando que a floresta era rica em madeiras úteis e muita erva-mate.

Na mesma perspectiva, ao escrever sobre a ecologia das florestas, o viajante botânico sueco Carl Axel Magnus Lindman (1856-1928) descreveu que a erva-mate se adaptou a um lugar intermediário na floresta, em um sub-bosque, pois tolera a sombra de árvores de maior porte. Assim sendo, notamos claramente que a erva-mate sempre esteve presente em nossa região, sendo descrita tão logo percebida por quem por aqui passava. Entretanto há que se destacar que os viajantes naturalistas tinham uma visão da natureza em estado primitivo, uma verdadeira mata virgem, intacta, original, entretanto, em se falando de erva-mate, torna-se impossível negar a contribuição indígena. Foram, de fato, as comunidades indígenas que evidenciaram, em um primeiro momento, as potencialidades do mate. Enxergar a natureza sem a presença desses povos tradicionais significa desmerecer essa importante contribuição. Linhares (1969) afirma que a América “*já nasceu bebendo mate. Antes que o espanhol nela pusesse os pés, o seu uso já era praticado pelos indígenas*” (p.3), na mesma perspectiva e mais especificamente sobre o Brasil, Savaris (2008) descreve:

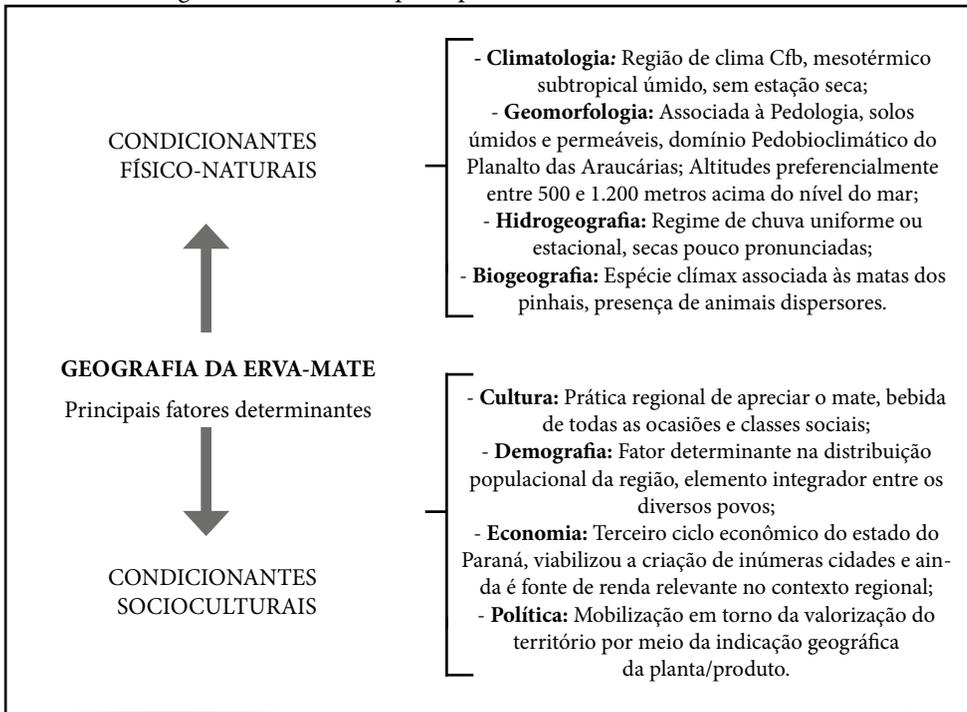
[...] quando Cabral aportou em terras brasileiras em 22 de abril de 1500, nossos indígenas já conheciam e faziam uso da erva-mate. Eles tinham o hábito salutar do mate, sorviam e aproveitavam todas as propriedades terapêuticas e nutricionais que a erva podia oferecer. Os Guaranis em sua sabedoria primitiva, já conheciam as propriedades alimentares e medicinais da erva-mate, que mantinha o guerreiro ativo e nutrido, durante suas lides cotidianas quer na caça, em busca de alimentação para sua tribo ou nas batalhas e guerras, em defesa de seu povo e seus domínios. A erva-mate servia como alimento básico dos índios guaranis. (p. 63).

Nesse sentido, Gerhardt (2013) assim atesta:

É possível explicar, hoje, a formação dos ervais nativos no Sul da América como um processo predominantemente natural, resultado de características químicas do solo, da altitude, da concentração hídrica, do clima, da ação de animais dispersores de sementes e de outros fatores ambientais. Entretanto, é indispensável considerar também a ação humana, mesmo involuntária, sobre a formação e distribuição das florestas e dos ervais nativos. Não se pode ignorar a contínua intervenção dos povos indígenas Guarani, Charrua, Kaingang, Xokleng, Guaicuru, Paigua e de outras etnias que habitaram o Sul da América sobre a dinâmica das florestas. (p. 57).

Portanto os fatores ambientais afetam diretamente a existência e a distribuição das espécies vegetais, neste caso particular, da erva-mate. Carpanezzi (1986), ao discutir essa relevância, propõe um zoneamento ecológico para plantios florestais no Estado do Paraná, onde demarca as chamadas regiões bioclimáticas ou também chamadas de ecoclimáticas, que são definidas de acordo com vários índices, entre eles: altitude, vegetação, temperatura média anual, tipo de clima, precipitação pluviométrica/regime de distribuição, temperatura mínima absoluta, ocorrência de geadas e balanço hídrico do solo. E, assim, a Geografia contribui na medida em que oferece as bases para a compreensão da distribuição geográfica da erva-mate por meio do entendimento das inter-relações existentes entre os fatores físico-naturais e socioculturais, como pode ser percebido por meio da Figura 1:

FIGURA 1: Geografia da erva-mate: principais fatores determinantes



Fonte: Organizado pela autora, 2018.

Tais informações são de fundamental relevância para o plantio e cultivo de espécies florestais perenes como a erva-mate. E é justamente dessa classificação que surge a categorização denominada de Floresta Ombrófila (mista de araucária e latifoliadas) e campos submontanos. Trata-se da região Centro-Sul do Estado do Paraná, onde predominam as altitudes entre 650 e 1.100 metros acima do nível do mar.

Nesse cenário, mesclando condições físico-naturais com determinantes socioculturais, a região de São Mateus do Sul foi, ao longo do tempo histórico, tornando-se referência na existência, produção e utilização da erva-mate na Floresta Ombrófila Mista. Essa floresta, também conhecida como Mata das Araucárias, Floresta dos Pinheiros ou Mata dos Pinhais, é um conjunto vegetacional intertropical do domínio da Mata Atlântica, que possui características fisionômicas singulares. Delineada por um clima subtropical, cujas altitudes variam entre 500 e 1200 metros de altitude e por um regime pluviométrico de, em média, 1.300 a 1.400 milímetros anuais, abarca uma grande biodiversidade tanto da flora quanto da fauna. Nesse horizonte rico, merece destaque uma espécie endêmica que pode atingir densidades de centenas de árvores por hectare: a erva-mate (Miranda; Urban, 1998).

Notar a planta na paisagem não necessita de muito esforço, porém, há que se evidenciar os motivos e as condicionantes físicas que oportunizaram sua distribuição geográfica pela região. Nesse sentido, Oliveira e Rotta (1985) definem, mais claramente, a distribuição geográfica dessa espécie:

A área de distribuição natural da erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil.) foi delimitada pela união dos pontos extremos de dispersão da espécie, obtidos através de várias fontes de informação. Esta delimitação abrange uma área de aproximadamente 540.000 km², compreendendo territórios do Brasil, Argentina e Paraguai, situados entre as latitudes de 21°S e 30°S e longitudes de 48°30'W e 56°10'W, com altitudes variáveis entre 500 e 1.000 m. (p. 17).

Desse total de 540.000 km², 450.000 correspondem ao território brasileiro, isso corresponde a 5% do território nacional e a 3% do sul-americano (Da Croce; Floss, 1999). Devido a essa singularidade, Maccari Júnior (2005) destaca que essa ampla área de ocorrência “*implica em distintas condições ambientais nas regiões de cultivo. Variações no ambiente que podem trazer reflexos sobre as características da matéria-prima e conseqüentemente sobre o produto final*” (p. 5).

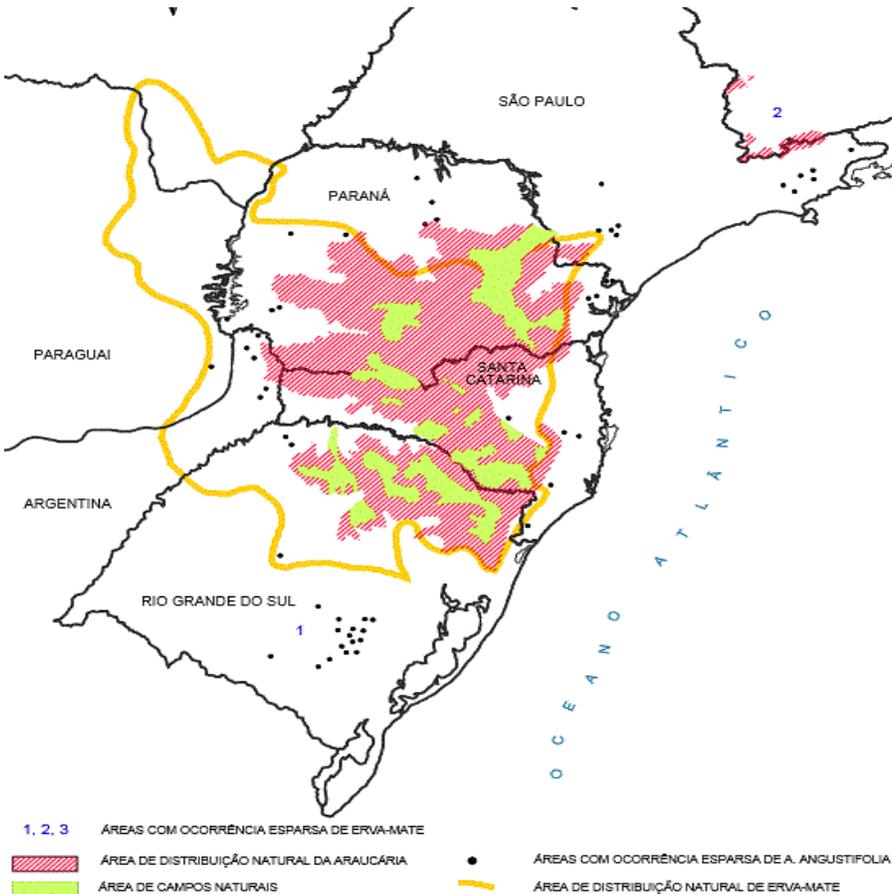
Portanto, sua ocorrência natural compreende três países: Argentina (na Província de Misiones, parte da Província de Corrientes e pequena parte da Província de Tucumã), Paraguai (na área entre os rios Paraná e Paraguai) e Brasil, ocorrendo, em nosso país, principalmente¹² nos Estados do Rio Grande do

¹² Pode ocorrer em pontos isolados, entretanto, sem grande representatividade.

Sul, Santa Catarina e Paraná, compreendendo em torno de 450 municípios¹³ (Da Croce, 2000). No Paraná, ocorre desde a região Centro-Sul e Sudoeste, ao longo dos três planaltos paranaenses até a Serra do Mar, com exceção do litoral, ou seja, nesse Estado, ela vegeta na metade Sul, ao longo dos três planaltos que caracterizam o relevo, excetuando-se o litoral (Tarragó, 1976).

A Figura 2 evidencia a distribuição geográfica da erva-mate:

FIGURA 2: Área de distribuição da erva-mate



Fonte: Zampier (2001, p. 08), adaptado de Oliveira e Rotta (1985)

¹³ A dispersão geográfica no Rio Grande do Sul centra-se na região Centro-Oeste. Em Santa Catarina, principalmente nas regiões planaltinas, desde Campo Alegre, no Planalto Norte Catarinense, até o extremo oeste no município de Dionísio Cerqueira, divisa com Misiones, República Argentina (Souza, 1998). É encontrada com pouca frequência em São Paulo, no Sudoeste do Estado, nas manchas de Araucária. No Mato Grosso do Sul, aparece esparsamente no Sul do estado, nos municípios de Dourados, Brillante e em outros municípios sulinos (Da Croce, 2000).

Trata-se de uma espécie clímax que se associa principalmente às matas dos pinhais, portanto é encontrada sob meia sombra dos pinheiros, imbuías e outras árvores de grande porte (Da Croce, Higa; Floss, 1994). Meurer (2012) aponta as espécies nativas que promovem um bom ambiente para a formação dos ervais:

A presença de *Araucaria angustifolia* e imbuías (*Ocotea porosa*), em geral, garante maior frequência dessa planta. Além desta, citam-se outras espécies que promovem um bom ambiente para a formação das erveiras, como o cedro (*Cedrela fissilis*), o pau-marfim (*Balfourodendron riedelianum*), a canjarana (*Cabralea canjerana*), o pinho bravo (*Podocarpus sp.*), o alecrim (*Holocalyx balansae*), as mirtáceas, as lauráceas e leguminosas diversas. Em associações de araucárias com a canela lageana (*Ocotea pulchella*), a ocorrência da erva-mate é menor. (Meurer, 2012, p. 30).

O clima é fator preponderante na distribuição das espécies vegetais pelo planeta e, no caso da erva-mate, é de extrema relevância. Na região de São Mateus do Sul, o clima é classificado, segundo Köppen (1948), como Cfb, ou seja, clima mesotérmico subtropical úmido, com verões frescos e cujas temperaturas médias durante os meses mais quentes são inferiores a 22°C, não havendo estações secas, porém com invernos rigorosos e geadas severas e frequentes.

A erva-mate caracteriza-se como planta esciófila, ou seja, ela suporta sombra em qualquer idade, tolerando luz e o frio na fase adulta. Em algumas regiões ocorre a presença de erva-mate com temperaturas muito baixas (Meurer, 2012). A média da precipitação oscila entre 1.300 e 1.400 milímetros por ano. Na região de São Mateus do Sul, o regime de chuvas é uniforme ou estacional, sendo as grandes concentrações nos meses de verão. Secas são pouco pronunciadas e praticamente ausentes no inverno.

Quanto aos solos, há um consenso em afirmar que a erva-mate vegeta preferencialmente em solos úmidos e permeáveis (Reitz, 1978; IBDF 1975; Martins, 1949), ou seja, onde não ocorre deficiência hídrica. Pode ser considerada uma espécie tolerante a solos de baixa fertilidade natural, resistindo a solos degradados.

Ferreira Filho (1948) destaca que a presença da planta é frequente em solos com baixo teor de nutrientes trocáveis e alto teor de alumínio, entretanto, as terras preferidas são as que mostram equilíbrio entre areia, argila e silte e onde a essência é constituída por basalto, com predominância dos latossolos¹⁴. Quanto às texturas tem-se, preferencialmente, texturas média (entre 15 e 35% de argila)

e argilosa (acima de 35%). Deve-se considerar ainda a preferência da planta por solos medianamente profundos a profundos, não ocorrendo em quantidade significativa nos solos rasos. Gerhardt (2013) sintetiza ao afirmar que a erva-se desenvolve melhor em solos profundos, ácidos (pH abaixo de 5) e com expressivo teor de alumínio. Embora necessite de umidade constante e chuvas frequentes, não se desenvolve em terras encharcadas, nem nos campos e nem no litoral marítimo.

Sturion e Resende (2010) ainda evidenciam que o “domínio pedobioclimático do Planalto das Araucárias, ocupando partes do Norte do Rio Grande do Sul até o Nordeste do Paraná, apresenta solos com altos teores de matéria orgânica e altos teores de alumínio trocável nos trechos mais suaves” (p.41). Nesse sentido, os autores assim classificam as coordenadas geográficas e as classes de solo em São Mateus do Sul/PR: Latitude: 25°51’, Longitude:50°23’, tipo de solo: Latossolo vermelho distrófico, textura argilosa; Cambissolo Húmico alumínico, textura argilosa (p.50).

Como foi possível perceber, o recorte espacial onde a erva-mate encontra-se presente engloba diferentes zonas climáticas, topográficas e geográficas que explicam inicialmente sua existência e dispersão e, na sequência, justificam sua exploração, práticas culturais e uso comercial. Nesse viés, em se tratando de exploração, pode-se dizer que, em São Mateus do Sul, a erva-mate é explorada basicamente nos sistemas de extrativismo e adensamento de ervais nativos. No último caso, por meio do plantio de mudas de erva-mate (Rachwal *et al.*, 2000).

Entretanto apenas os condicionantes físico-naturais não garantiriam a atual evidência da erva-mate; são necessários também os condicionantes socio-culturais, que se constituem por meio da evolução demográfica, cultural, econômica e política do município.

Nesse sentido, sua importância econômica é evidenciada por Mazuchowski (1995):

A erva-mate constituiu o terceiro ciclo econômico do Estado, tendo sido o esteio que viabilizou a criação de cidades no centro-sul. A indústria do mate monopolizou capital e trabalho, especialmente no período de 1870-1890 [...]. Até o início da

¹⁴ São solos profundos, bastante intemperizados (velhos e alterados em relação à rocha) e geralmente de baixa fertilidade. Ocupam, normalmente, os topos de paisagens, em relevos mais planos. De maneira geral, são muito porosos, permeáveis, com boa drenagem (não tem excesso de água) e são muito profundos (mais de 2 metros de espessura). É a principal classe de solo encontrada no Paraná, sendo distribuído em 31% do território estadual. A Planície Litorânea e as áreas mais declivosas do estado apresentam a menor ocorrência dessa classe de solo. (Lima; Lima; Melo; 2012, p.4).

Primeira Guerra Mundial, o mate foi a base do desenvolvimento, quando então a madeira começou a conquistar a condição de principal produto. Na época, o Paraná contava com mais de noventa engenhos destinados ao beneficiamento da erva-mate (p. 184 – grifos nossos).

Por meio de um estudo mais regionalizado no Centro-Sul do Estado do Paraná, Chang (1988), ao discutir a economia ervateira, destaca que esta já era preponderante no último quartel do século XIX, onde o “*mate, em conexão com o gado, a madeira e a produção agrícola dos núcleos coloniais indicava uma aceleração cada vez mais intensa da produção e a consequente diversificação do sistema econômico-social*” (p. 32). Acredita-se que tal cenário, nessa época, era o mais condizente com a realidade das comunidades interioranas camponesas da região, o que inclui o município de São Mateus do Sul.

Considerando a difusão da etnia polonesa no referido município, Chang (1988) assim descreve a integração entre eles e a conjuntura do mate:

Após a abolição da escravatura, em grandes quantidades, foram localizadas em colônias do Vale do Iguaçu. Estas também eram bastante distantes do mercado consumidor da capital. Entretanto, sua localização no interior das matas mistas lhes permitia dedicar-se melhor à agropecuária de subsistência, sobretudo, se integrar a atividade ervateira. Pode-se dizer que a sorte deles estava umbilicalmente ligada à do mate. O mate associado à agricultura trouxe-lhes a prosperidade. (p. 32 – grifos nossos).

Da mesma forma, Linhares (1969) destaca que vários municípios ervateiros – incluindo São Mateus do Sul – tiveram a preciosa colaboração de imigrantes, notadamente poloneses, ucranianos, italianos e alemães (em menor número). Alguns tornaram-se proprietários de terras, produtores de mate, assimilando logo o costume sul-americano de tomar chimarrão.

Farah (2012) publica um livro em comemoração ao centenário de emancipação política de São Mateus do Sul, e, entre outros assuntos, evidencia aspectos históricos da erva-mate no município. Nesse texto, a autora mescla fotos históricas, imagens atuais, depoimentos e gravuras que evidenciam a relação simbiótica e harmoniosa com o mate. Segundo ela:

A partir do início da navegação a vapor, São Mateus tornou-se o principal centro de exportação da erva-mate no vale do rio Iguaçu. Entre as grandes fazendas produtoras do município es-

tavam a Barro Branco, do tenente-coronel Arnaldo Prohmann; Rosas, do coronel Tertuliano de Almeida Faria; Turvo, de João Toporowicz; Santa Isabel, de Ewaldo Thomaszeck; Queimados, do Cel. Nhoca; Potinga, de Simplício Ferreira; Fartura, do coronel José Nepumoceno Franco; Santo Antonio, do coronel Amando Cunha; Estiva, do Coronel Custódio de Paula Breno e Espigãozinho, de Dorgeno Marques. (p. 123).

Ainda segundo Farah (2012), em 1923, a “*principal fonte de riqueza de São Mateus era a indústria extrativa de erva-mate, além da madeira*” (p. 124), tanto que os habitantes do município teriam sido apelidados por longas dezenas de anos de “*nobreza verde*”.

Desde o reconhecimento dessa espacialidade única é que se busca evidenciar os distintos territórios a partir de suas particularidades regionais, sejam associadas aos aspectos físico-naturais ou aos socioculturais. Nesse sentido, aquilo a que se assiste, atualmente, é uma luta pela reivindicação de territórios diferenciados de produção e a erva-mate são-mateuense conquistou, recentemente, uma valorização ímpar nesse cenário.

Trata-se da identificação de uma região tradicionalmente produtora e consumidora que passa a ter sua reputação reconhecida no mercado, tanto interno quanto externo, em função de sua delimitação geográfica singular.

Nessas considerações, Dallabrida (2012) destaca que:

Nos últimos anos, a tendência à valorização do patrimônio natural tem incentivado iniciativas preservacionistas, tanto de manutenção da paisagem de araucária, como de valorização da erva-mate. Resultante disso, a iniciativa principal na região é o processo de registro junto aos órgãos públicos brasileiros da chamada Indicação Geográfica da erva-mate da região, oriunda de ervas nativas. Com esse registro, será possível sua diferenciação como matéria-prima, o que espera-se resultará em uma maior valorização no mercado. (p. 43).

No Brasil, a Indicação Geográfica consiste em dois estágios: **a Indicação de Procedência e a Denominação de Origem**. A primeira refere-se ao nome geográfico que pode ser tanto de uma cidade, país, região ou território e evidencia o centro de produção, extração, fabricação de determinada prestação de serviço ou produto. Por outro lado, a segunda, a Denominação de Origem, refere-se ao nome geográfico de uma cidade, país, região ou território que designe serviço ou produto cujas características ou qualidades únicas se devam essencialmente ao meio geográfico específico, somados fatores naturais e humanos (Souza,

2010). A diferença entre ambas reside no fato de que a Indicação Geográfica está associada às características e peculiaridades físicas e humanas potencializadas pelo território¹⁵ que podem designar uma Denominação de Origem, enquanto para a Indicação de Procedência é suficiente a vinculação do produto ou serviço a um espaço geográfico, independentemente de suas características e qualidades intrínsecas (Lagares; Lages; Braga, 2006).

São Mateus do Sul recebeu recentemente o selo “*IG São Matheus*”¹⁶ por meio do trabalho coletivo de muitos parceiros centrado-se como núcleo na Associação dos Amigos da Erva-Mate de São Mateus (IG-Mathe). Trata-se do reconhecimento das características únicas do produto associado ao seu ambiente, o que consolida o município como referência na produção. Em entrevista à Revista Conte¹⁷, o engenheiro agrônomo Agenor Maccari Júnior¹⁸, parceiro e personagem-chave no processo de obtenção, assim define a Indicação Geográfica:

Cada região ou lugar possui características próprias. Por isso, um local pode ter um produto diferenciado, com qualidade típica que o distingue dos produtos semelhantes, de outros locais. Quando isso ocorre, é possível pedir uma Indicação Geográfica, pois ela literalmente “indica” que essa qualidade se deve ao local de produção. (p. 38).

E assim, o município adquire a Indicação de Procedência (IP), na qual “*se reconhece que o produto é típico da região e sua qualidade se deve às características do local de produção*”. (p. 39). Trata-se de uma erva-mate típica, exclusiva, em que o produto tem história e a atividade é tradicional na região. Na entrevista, Maccari também destaca que o “*que estamos vivenciando em São Mateus do Sul e região é a valorização da história, da tradição e da cultura local, ganhos não podem ser dimensionados em dinheiro*”. (p. 40).

Como é possível notar, a erva-mate possui uma relevância única em termos ecológicos, sociais, econômicos e culturais, integra um complexo ecossistema florestal e ajudou, ao longo dos anos, a sustentar inúmeras famílias de indígenas, caboclos extrativistas, colonos imigrantes e ainda hoje representa uma contribuição decisiva na economia de diversos municípios. Tudo isso, graças à condição geográfica da região e do município de São Mateus do Sul.

¹⁵ Na Ciência Geográfica, o território é conceito e categoria: Sack (1986), Raffestin (1993), Andrade (1995), Santos (2002), Souza (2007) e Haesbaert (2007).

¹⁶ Vide Revista de Propriedade Industrial do INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial, nº2.425, de 27 de junho de 2017, na página 29 e seguintes.

¹⁷ REVISTA CONTE. Edição 5. Ano1. Dezembro de 2016. Circulação Trimestral. São Mateus do Sul/PR.

¹⁸ Professor da Universidade Federal do Paraná. Mestre em Tecnologia de Alimentos. Doutor em Engenharia Agrícola.

Considerações finais

*Planta este ramo – disse-lhe Sumá – que dêle nascerá uma árvore.
As folhas desta árvore, depois de sêcas e pisadas, darão deliciosa bebida.
“Lenda do Mate” (Orreda, 1968, p.7)*

Retoma-se, por fim, um trecho da obra de Orreda (1968), em que é apresentada uma – das muitas – lendas da erva-mate. Como descrito, a árvore somente nasce do ramo nos lugares em que a natureza permite. E essa condição associada à sua distribuição espacial, tem tudo a ver com Geografia! A erva, o mate e a erva-mate constituem, de fato, um patrimônio natural, econômico e cultural, uma preciosidade das Matas Mistas. Planta, bebida, recipiente ou um universo imenso de possibilidades é temática retratada na literatura brasileira desde a época dos viajantes, dada presença marcante na paisagem regional.

Nesse universo, uma das contribuições da **Geografia** consiste no oferecimento de bases teórico-metodológicas para a compreensão da forma com que se dá a distribuição natural dessa espécie vegetal endêmica no Planeta, por meio das correlações entre as zonas climáticas, topográficas e geográficas. Essas conexões físico-naturais associadas aos estudos socioculturais permitem unir e correlacionar as duas dimensões fundamentais nesse entendimento: o ambiente físico e a ação humana.

São Mateus do Sul, bela cidade dos bons ervais, moradia da nobreza verde, porção do espaço na região da Floresta Ombrófila Mista reuniu condicionantes físico-naturais, econômicos e socioculturais necessários ao desenvolvimento e à exploração desse valioso bem natural. Trata-se da junção dos fatores ambientais que caracterizam as regiões bioclimáticas (especificidades de solo, altitude, concentração hídrica, clima, animais dispersores, entre outros) com fatores demográficos que associaram diferentes povos e culturas (indígenas, caboclos, imigrantes e migrantes). E nesse cenário abençoado e propício assistimos atualmente à valorização desse patrimônio natural, cuja soma não pode e nem deve ser mensurada somente em dinheiro – é o reconhecimento da biodiversidade, das trocas culturais, da organização econômica e da mobilização social.

Ora, além do mais, não estamos falando também de Indicação “**Geográfica**”? O termo, por si só, já atesta a relação direta entre essa Ciência e a erva-mate. Essa designação está associada às características e peculiaridades físicas e humanas potencializadas pelo território, este último, suporte material da existência coletiva, é o espaço apropriado e construído por relações sociais históricas vivenciadas no cotidiano. E, assim, nas palavras de Gerhardt (2013), emerge para a discussão o “matear”, universo único de atividades, conhecimentos e significados associados à erva-mate.

E, de tal modo, constrói-se a identidade geográfica da erva-mate em São Mateus do Sul. Os tipos característicos de solo, clima, relevo, hidrografia e biogeografia associados aos aspectos populacionais indígenas, caboclos imigrantes e migrantes moldaram as condições necessárias ao desenvolvimento de uma planta, produto e cultura única associada ao mate, verdadeiro destaque regional evidenciado atualmente por sua importância social, econômica e política.

Referências

ANDRADE, M. C. de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.

ANDRADE, F. M. **Exploração e utilização do recurso *Ilex paraguariensis* St. Hil., erva-mate, seus impactos sócio-econômicos atuais e potencialidades de manejo sustentável**. In: I Seminário Nacional de Recursos Florestais da Mata Atlântica. São Paulo, Ed. dos Organizadores, 1999. p. 24-33.

AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul**. São Paulo: USP, 1980.

BOEGER, M. R. T. et al. Efeito das diferentes condições de luz e concentrações de nitrogênio sobre a estrutura foliar de *Ilex paraguariensis* St. Hil. In: Congresso Sul-Americano da erva-mate, 3., Chapecó. **Anais**. Chapecó: EPAGRI, 2003. (CD-ROM).

CARPANEZZI, A. A. (Coord.). **Zoneamento ecológico para plantios florestais no Estado do Paraná**. Brasília, DF: EMBRAPA-DDT; Colombo: EMBRAPA-CNPQ, 1986. 89 p. (EMBRAPA-CNPQ. Documentos, 17).

CHANG, M. Y. Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná. Boletim nº 22. **IAPAR**. Londrina, PR, 1988.

COELHO, G. C.; RACHWAL, M.; SCHNORRENBERGER, E.; SCHENKEL, E. P. Efeito do sombreamento sobre a sobrevivência, morfologia e química da erva-mate. In: Congresso Sul-Americano da erva-mate, 2, 2000. Encantado: Reunião Técnica da Erva-Mate, 3., Encantado, 2000. **Anais**. Porto Alegre: Edição dos Organizadores, 2000. (p. 6-12).

COSTA, S.G. **A erva-mate**. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995. 132 p.

DA CROCE, D. M. **Cadeias produtivas do Estado de Santa Catarina**: erva-mate. Epagri, Boletim Técnico n. 112, Florianópolis, SC, 2000. 41p.

DA CROCE, D. M.; HIGA, A. R.; FLOSS, P. A. **Escolha de fontes de sementes de erva-mate (*Ilex paraguariensis* St.Hil.) para Santa Catarina**. Florianópolis: EPAGRI, 1994. 23p. (EPAGRI. Boletim Técnico, 69).

DA CROCE, D. M.; FLOSS, P. A. **Cultura da erva-mate no Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: EPAGRI, 1999. 81p. (EPAGRI Boletim Técnico, 100).

DALLABRIDA, V. R. Território e Desenvolvimento Sustentável: Indicação Geográfica da erva-mate de ervais nativos no Brasil. *In: Informe Gepec*, Toledo, v. 16, nº 1, 2012. (p. 42-59).

DANIEL, O. **Erva-mate**: sistema de produção e processamento industrial. Douros: UFGD, 2009.

FARAH, A. L. de S. **São Mateus do Sul 100 anos**. Curitiba: Arte, 2012.

FERREIRA FILHO, J. C. **Cultura e preparo da erva-mate**. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1948. 53p.

GERHARDT, M. História ambiental da erva-mate. **Tese** (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GIBERTI, G. C. Aspectos oscuros de la corologia de *Ilex paraguariensis* St. Hil. *In: WINGE, H.; FERREIRA, A. G.; MARIATH, J. E. de A.; TARASCONI, L. C. (Org.). Erva-mate: biologia e cultura no Cone Sul*, 1995, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995. (p. 289-300).

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). *In: ARAUJO, F. G. B. de; HAESBAERT, R. (Orgs.) Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Acess, 2007. p. 33-56.

HUECK, H. A região das Matas de Araucária do Sul do Brasil. *In: As florestas da América do Sul*. São Paulo: Polígno, 1972. p.236-239.

IBDF. Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Departamento de Industrialização e Comercialização, Brasília• DF. Erva-mate; origem, cultura e industrialização. s.l., 1975. 25p.

IBGE. **Manual técnico da vegetação brasileira.** Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Caderno Estatístico do Município de São Mateus do Sul. Junho de 2017.

KERN, A. Origens da ocupação pré-histórica do Rio Grande do Sul na transição do pleistoceno-holoceno. *In:* KERN, Arno (org.). **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

KÖPPEN, W. **Climatologia.** México: Fundo de Cultura Econômica. 1948.

LAGARES, L.; LAGES, V.; BRAGA, C. (Orgs). **Valorização de produtos com diferencial de qualidade e identidade:** Indicações Geográficas e certificações para competitividade nos negócios. Brasília: SEBRAE, 2006.

LESSA, B. **História do Chimarrão.** Porto Alegre: Livraria Sulina, 1953.

_____. **História do Chimarrão.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1986.

LIMA, V. C; LIMA, M. R. de; MELO, V. de F. **Conhecendo os principais solos do Paraná:** abordagem para professores do ensino fundamental e médio. Curitiba: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo/Núcleo Estadual do Paraná, 2012.

LINDMAN, C. A. M.; FERRI, M. G. **A vegetação no Rio Grande do Sul.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. p. 238.

LINHARES, T. **História econômica do mate.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Plantarum, 1992. v. 1.

MACCARI JR., A.; QUEIROZ, M. R. de; MACCARI, L. D. B. R.; RUCKER N. G. A. Indústria ervateira no Estado do Paraná II – fornecimento de matéria-prima. *In:* **Rev. Acad.**, Curitiba, v.4, n.1, jan./mar, 2006. p.63-70.

MACCARI JUNIOR, A. Análise do pré-processamento da erva-mate para chimarrão. **Tese** (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Agrícola. Campinas, SP, 2005.

MARTINS, R. G. **O problema econômico do mate**. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1949. 43p.

MAZUCHOWSKI, J. Z. **A cultura da erva-mate**. 2.ed., n.1. Curitiba: EMATER - Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural. 36 p., 1991.

MAZUCHOWSKI, J. Z. **A cultura da erva-mate**. Técnicas Florestais nº 1. Curitiba: EMATER - Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural. 36 p., 1989.

MAZUCHOWSKI, J. Z. Alternativas para incremento da produção de ervais nativos. In: II Congresso Sul-Americano da Erva-Mate e III Reunião Técnica da Erva-mate. 2., Encantado, Reunião Técnica da Erva-Mate. **Anais**. Porto Alegre: Edição dos Organizadores, 2000. (p. 6-12).

MAZUCHOWSKI, J. Z. **Manual da erva-mate**. N.1. Curitiba: EMATER - Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural. 104 p., 1988.

MAZUCHOWSKI, J. Z.; MACCARI JUNIOR, A.; SILVA, E. T. da Influência de diferentes condições de radiação solar sobre o crescimento morfológico da erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil.). In: Congresso Sul-Americano da erva-mate, 3., Chapecó, 2003. **Anais**. Chapecó: EPAGRI, 16 a 19 de novembro de 2003. (CD-ROM).

MAZUCHOWSKI, J.Z. Evolução da difusão de tecnologia sobre erva-mate no Paraná. In: WINGE, A. G. F. (et. all.). (Organizadores). **Erva-mate: biologia e cultura no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1995. p.183-195.

MEURER, A. Z. Caracterização química e climática de populações naturais de erva-mate (*Ilex paraguariensis*) no Planalto Norte Catarinense. **Dissertação** (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Recursos Genéticos Vegetais, UFSC, Florianópolis, 2012.

MIRANDA, N. & T. URBAN. **Engenhos e barbaquás**. Curitiba: Ed. Posigraf, 1998. 120p.

MONTOYA, A. R. de. **Conquista espiritual**: feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

OLIVEIRA, Y.M.M.; ROTTA, E. Área de distribuição natural de erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil.). Seminário sobre Atualidades e Perspectivas Florestais - Silvicultura da Erva-Mate. 10, 1985, Curitiba. **Anais**. Curitiba: EMBRAPA - Centro Nacional de Pesquisa de Florestas, 1985. p.17-36.

ORREDA, J. M. **Pequena História da Erva-mate**. Martins e Abib Ltda: Irati, Paraná: 1968. (Edição: O Debate).

PÁDUA, J. A. **As bases teóricas da História Ambiental**. Estudos Avançados (São Paulo), v. 24, n. 68, 2010.

RACHWAL, M. F. G.; CURCIO, G. R.; DEDECK, R. A.; NIETSCHE K. Influência da luminosidade sobre a produtividade da erva-mate em latossolo vermelho-amarelo em São Mateus do Sul, PR. *In: Pesquisa e Andamento* (Revista da Embrapa). Nº 74, jun, 2000. p.1-3.

RAKOCEVICZ, M.; MEDRADO, M. J. S.; LUCAMBIO, F.; VALDUGA, T. A. Influência do sexo, da sombra e da idade de folhas no sabor do chimarrão. *In: 40 Congresso Sudamericano de La Yerba Mate*. Argentina. **Actas**. Argentina: INYM, INTA, UNaM, EPAGRI, 1ª Ed, 2006. p.31-36.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1993.

REITZ, R.; KLEIN, R.M.; REIS, A. **Projeto madeira de Santa Catarina**. *Sellowia*, ttaiar, 28 (28/30):68-75, 1978.

SACK, R. D. **Human territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pela comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 182p.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Segunda viagem a São Paulo**. Brasília: Senado Federal, 2002.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820-1821**. Brasília: Senado Federal, 2002. p. 378.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SAVARIS, M. C. **Rio Grande do Sul: história e identidade**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008.

SOUZA P. F. **Tecnologia de produtos florestais**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947. p.206-254.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: Conceitos e temas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.77-116.

SOUZA, A. M. Dos ervais ao mate: possibilidades de revalorização dos tradicionais processos de produção e transformação de erva-mate no Planalto Norte Catarinense. 113 f. **Dissertação** (Mestrado em Agroecossistemas) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

SOUZA, A. M. Arranjo produtivo local e Indicação Geográfica: possibilidades para a cadeia produtiva do mate no Planalto Norte Catarinense. In: **SOBER - 48º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, Campo Grande, 2010.

STURION, J. A.; RESENDE, M. D. V. de. **Melhoramento genético da erva-mate**. Colombo: Embrapa Florestas, 2010.

TARRAGÓ, M.T. **O cultivo da erva-mate**. Trigo e Soja, Porto Alegre, (18), 1976.

VALDUGA, A. T. Uso sustentado e processamento de *Ilex paraguariensis* St. Hil. (Erva-mate). 216 f. **Tese** (doutorado em ciências da Universidade Federal de São Carlos) Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2002.

WORSTER, D. **Para fazer história ambiental**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, n. 8, 1991.

ZAMPIER, A, C. Avaliação dos níveis de nutrientes, cafeína e taninos após adubação mineral e orgânica, e sua relação com produtividade na erva-mate (*Ilex paraguariensis* St Hil.). **Dissertação** (Mestrado) Curso de pós-Graduação em Engenharia Florestal, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2001.

FONTES PARA A HISTÓRIA DA ERVA-MATE EM SÃO MATEUS DO SUL, PARANÁ

Hilda Jocele Digner Dalcomuni

Os hervaes de S. Matheus, [...] Apresentam lindo aspecto, de uma vegetação abundante e densa no colorido verde escuro da folhagem deliciosa e perfumada. Mais do que hervaes parecem laranjais [...]

(Capri Oliveira, 1924)

Memórias reunidas por meio de documentos, objetos, quadros, esculturas e um grande número de objetos que nos encantam, permitem-nos uma viagem ao passado, às nossas origens, aos valores culturais e à identidade. Museus históricos são tradicionalmente espaços de lembranças. Quando visitamos um museu temos contato com a nossa própria história. Uma pausa para contemplação, conhecimento e resgate de sonhos e ideais que contribuem para a compreensão do desenvolvimento humano. Cada objeto exposto é um canal de informação que traduz e define o nosso lugar no mundo. Na área de História, acompanhamos as diretrizes da disciplina que nos orientam a trabalhar com essas questões. Estaremos expondo, neste texto, o nosso olhar de historiador, mas temos certeza de que outras áreas afins podem estar desenvolvendo estudos de excelente qualidade, utilizando-se desse material à luz dos seus objetivos.

A questão que envolve as fontes na área de História é sempre um assunto de suma importância no que diz respeito a um projeto de pesquisa. Extensas e diversas são as fontes históricas que o historiador pode utilizar para reconstruir a trama dos sujeitos sociais no tempo e no espaço. Sem fontes não existe História possível. Ao ler o artigo do autor português Francisco Ribeiro da Silva (SILVA, 1998), que trata da questão das fontes, da história local e regional, consideramos bem importante a maneira como ele escreveu sobre o uso das fontes. O autor é português e escreve com base na realidade portuguesa, entretanto, mesmo quando percebemos esse fato na leitura do texto, analisamos muito pertinente o modo como o diálogo é apresentado. Pensamos que tem a ver com nosso tema. As reflexões tiradas na leitura nos ajudaram bastante a pensar nas fontes históricas para história local e regional, com ênfase no tema erva-mate.

A história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador... com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem. Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (Silva, 1998, p. 249).

A apresentação sobre as fontes neste trabalho, ainda que de uma maneira simples, busca demonstrar qual é esse material que os historiadores utilizam. As fontes históricas são, para os historiadores, a matéria-prima. Elas possibilitam construir seu pensamento sobre a história. No caso de São Mateus do Sul/PR, as fontes utilizadas para o estudo da erva-mate são bem diversificadas.

Atualmente, o conceito de fonte histórica ampliou-se muito e nós a entendemos como vestígios diversos de sociedades do passado, de tal modo que o historiador deve dominar métodos de interpretação, entendendo que as fontes devem ser criticadas e historicizadas. Desde a metade do século XIX, quando a História se estabelece como disciplina acadêmica, métodos rigorosos de análises foram impostos, privilegiando o documento escrito e oficial, pautando-se na autenticidade do documento.

As fontes para a história da erva-mate encontram-se em muitos lugares, muitas ainda estão por ser descobertas. Entre acervos particulares, de colecionadores e de muitas famílias que guardam com carinho esse material em São Mateus do Sul, um lugar em específico que mantém a guarda e preserva inúmeras fontes é o nosso arquivo histórico da Casa da Memória Padre Bauer.

Casa da Memória Padre Bauer São Mateus do Sul/PR

A Casa da Memória foi criada por meio de um decreto-lei nº 738/85, que foi regulamentado conforme decreto-lei nº 143/95, ficando vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Mateus do Sul, Paraná. Sua inauguração no mesmo local que ocupa até hoje, situada à Avenida Ozy Mendonça de Lima, 284, Centro, deu-se no dia 16 de setembro de 1995. Passou a chamar-se “Casa da Memória Padre Bauer” em 1996.



Bronislau Bauer era filho de Aloiz Bauer e Josefa Kotelon. Nasceu em Krakóvia na Polônia, em 19 de outubro de 1914. Entrou para o Seminário dos Padres Vicentinos em Cracóvia, em 1925. Foi ordenado sacerdote pelo bispo D. Baziak em 1939, quando a Europa já estava em guerra. Entre 1943 e 1945 viveu as torturas do campo de concentração. Padre Bronislaw Bauer veio para o Brasil em 1950. Atuou como pároco em São Mateus do Sul nos anos de 1960 a 1966, tempo em que foi construída a Igreja Matriz São Mateus. Faleceu em 9 de maio de 1984. Seu corpo está sepultado na Serrinha, em Contenda. Por sua dedicação à comunidade são-mateuense, a Casa da Memória recebeu o seu nome.

O acervo que faz parte da Casa da Memória é de suma importância para a história do município. Possui aproximadamente 1.200 objetos, 4.000 fotografias e uma diversidade de documentos textuais sobre São Mateus do Sul. É desse conjunto de bens patrimoniais que foram selecionadas 30 fontes para o estudo da erva-mate em São Mateus do Sul.

Pensando em tão importante assunto para os são-mateuenses, decidimos por trazer a público essas fontes que até então faziam parte de um conjunto amplo e diversificado de informações. Dessa forma, por meio deste trabalho, pesquisas futuras poderão surgir envolvendo o tema erva-mate, ressaltando que democratizar o acesso as fontes é uma responsabilidade histórica e social. Assim sendo, esperamos contribuir para a sociedade com a organização dessas fontes. As fontes são de domínio público, mas as seleções delas foram feitas especialmente para este trabalho, pois entendemos que *“o próprio documento não existe antes que intervenha a curiosidade do historiador”*, como nos diz Marrou (1954, p. 302). Também o historiador nunca consegue exaurir completamente seus documentos, pode sempre estar questionando-o de novo, com outras questões, por exemplo (Prost, 2015, p. 77).

Com o objetivo de apresentar e disponibilizar algumas das principais fontes de pesquisa acerca da erva-mate existentes na Casa da Memória Padre Bauer, apresentam-se as imagens a seguir, que estão disponíveis para consulta pública no acervo local.

DOCUMENTOS ANTIGOS

IMAGEM 1: Lista nominativa dos associados da Cooperativa do Mate, 1929

2426

Lista Nominativa dos associados da
Sociedade Cooperativa Profissional de Produtores de Mate de São Mateus.

Nome	Idade em anos civis	Sexo e estado	Imparcialidade total	
1 - Adelino Luis Ribeiro	51	casado	20	1.000.000
2 - Cassiano Kurland	39	"	10	500.000
3 - Sergio Macuco	79	viúvo	10	500.000
4 - José Passos	41	casado	5	250.000
5 - Paulo Szpilowski	46	"	5	250.000
6 - Augusto Ferreira Berra	47	"	5	250.000
7 - Pedro Machado de Oliveira	20	"	5	250.000
8 - Arthur Frohmann	56	"	10	500.000
9 - Rogério Marques	46	"	20	1.000.000
10 - Julio Ulrich	47	"	10	500.000
11 - Theodoro Toppel	32	"	20	1.000.000
12 - Valentin Semesewski	39	"	10	500.000
13 - Alvinos Ferreira dos Santos	31	"	20	1.000.000
14 - Arnaldo Frohmann	31	"	20	1.000.000
15 - Antonio Lemanski	39	"	4	200.000
16 - Leoncio Janicki	33	"	4	200.000
17 - Manoel Ferreira de Souza	24	"	5	250.000
18 - Alcega Ferreira Maia	34	"	5	250.000
19 - Antoniano Kientewski	42	"	4	200.000
20 - Antoniano Nowak	36	"	4	200.000
21 - Ernesto Ausvitz	32	"	4	200.000
22 - José Szelowski	21	"	2	100.000
23 - Leoncio Berra Frohmann	25	"	4	200.000
24 - Estefano Tricinski	45	"	2	100.000
25 - José Trabel	42	"	2	100.000
26 - Arnaldo Ferreira Maia	25	"	2	100.000
27 - Francisco Obepiak	37	"	10	500.000
28 - Alexandre Kocelowski	24	"	2	100.000
29 - Constante Hutebski	42	"	4	200.000
30 - Vicente Janicki	45	"	2	100.000
31 - Cecília Pilgurski	28	"	2	100.000
32 - José Afonso Ferraz	45	"	2	100.000
33 - José Parobewski	69	"	2	100.000
34 - José Balchewski	49	"	2	100.000
35 - José Gabriel Martins	64	viúvo	20	1.000.000
36 - Teresinha Ferreira Guimarães	34	casado	10	500.000
37 - Francisco Ferreira Guimarães	61	"	10	500.000
38 - Amy Rosenber	25	solteira	10	500.000
39 - Antônia Camargo Pentes	23	casado	10	500.000
40 - Julio Carneiro Pentes	24	"	10	500.000
41 - Caspar Curtillo	30	"	5	250.000
42 - Maria Julia Ferrilho	29	solteira	5	250.000
43 - Mallo Frohmann	35	casado	10	500.000
44 - André Heinson	30	"	2	100.000
45 - Otília dos Santos Maciel	48	"	2	100.000
46 - Estefano Kichilowski	42	"	2	100.000
47 - Francisco Geminaki Filho	26	"	2	100.000

Esses produtores de mate, brasileiros, residentes em São Mateus,
São Mateus, 29 de Janeiro de 1929

Presidente: Theodoro Toppel, Gerentes: Arnaldo Frohmann
Diretor: Rogério Marques

Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 2: Lista dos membros da Cooperativa de erva-mate de São Mateus do Sul, 1935

2451

Lista dos membros do Conselho Administrativo de Consórcio Profissional Cooperativo dos Produtores de Mate de São Mateus

Presidente: Pedro Leobon Wagner, brasileiro, casado, 50 anos
Secretário: José Afonso Ferraz, brasileiro, casado, 40 anos
Tesoureiro: Theodoro Toppel, brasileiro, casado, 48 anos

Conselho Fiscal:

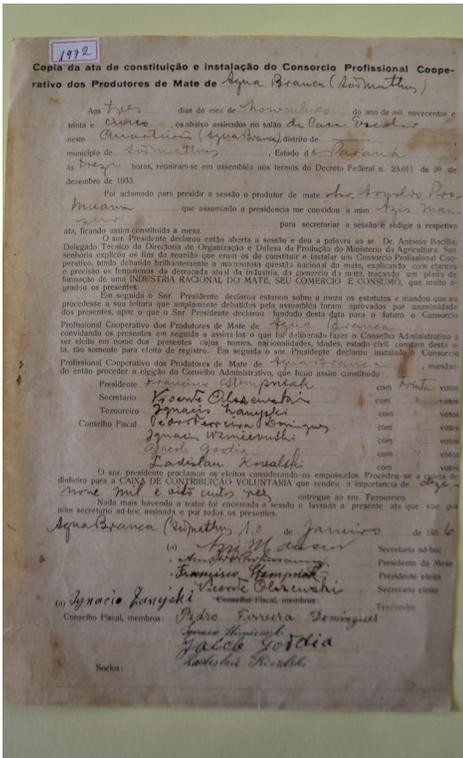
Leandro Frohmann, brasileiro, casado, 41 anos
José Kientewski, brasileiro, casado, 31 anos
Theodoro Toppel, brasileiro, casado, 44 anos
Rogério Marques, brasileiro, casado, 44 anos

TODOS PRODUTORES DE MATE E AQUÍ RESIDENTES.

Luiz Mathias, Sr. do Setembro de 1935
Pedro Theobald Wagner, Presidente
José Marques - Secretário
Theodoro Toppel - Tesoureiro
Leandro Frohmann - Conselho Fiscal
José Kientewski " " " "
Theodoro Toppel " " " "
Rogério Marques " " " "

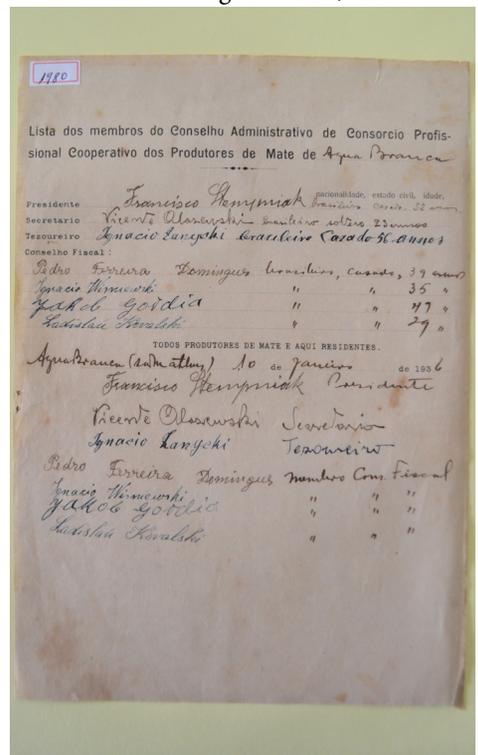
Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 3: Cópia do registro de instalação da Cooperativa do Mate de Água Branca, 1936



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 4: Lista dos membros da Cooperativa do Mate de Água Branca, 1936



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 5: Lista dos associados da Cooperativa de Produtores de Mate da Barra do “Putinga”

2425

Lista dos associados do Conselho Profissional Cooperativo dos Produtores de Mate da Barra do Putinga

nome	estado civil	profissão	idade
Joazeiro Ferreira Guimarães	casado	Arquiteto	46
Jose Ferreira de Almeida	"	"	49
Francisco das Chagas Cavalcanti	"	"	39
Antonio Ferreira de Andrade	"	"	56
Flavio José	"	"	32
Pedro de Paula Guimarães	"	"	32
Antonio Ferreira Guimarães	"	"	49
Santo Ferr. Guimarães	"	"	36
Romão Munizguind	"	"	30
Euclydes Ferreira Guimarães	"	"	34
João Ferreira Faria	"	"	39
Francisco Melitônio Probst	"	"	34
Cláudio Apolônio Pinto	"	"	39
João Caspary	"	Polícia	63
Baldemar Probst	"	Arquiteto	33
Jose Ferreira Netto	"	"	31

Ildefonso Ferreira Franco
Barra do Putinga 11 de julho de 1938
Antonio Caspary Franco Figueira

Todos produtores de mate e aqui residentes

Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 6: Certificado de registro do Instituto Nacional do Mate, 1939 em nome de Francisco Ferreira Guimarães

2430

INSTITUTO NACIONAL DO MATE

Certificado de Registro

O Presidente do Instituto Nacional do Mate, usando das atribuições que lhe confere o art. 13 do Regulamento baixado com o Decreto nº 3128 de 5 de Outubro de 1938, confere o presente Certificado de Registro a

FRANCISCO FERREIRA GUIMARÃES

inscrito no Instituto na classe dos Produtores

MUNICIPIO
SÃO MATEUS

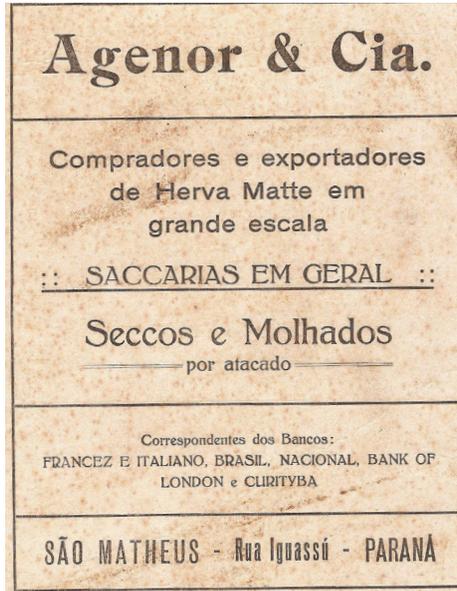
Nº DE REGISTRO
1 - 20 - 24 - 28

ESTADO
PARANÁ

Rio de Janeiro, 29 DE NOVEMBRO DE 1939

Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 7: Anúncio de compra e venda de erva-mate



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Hilda Jocele Digner Dalcomuni

FOTOS DE FOTOGRAFIAS ANTIGAS

IMAGEM 8: Carregamento de erva-mate



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 9: Sapeco de erva-mate



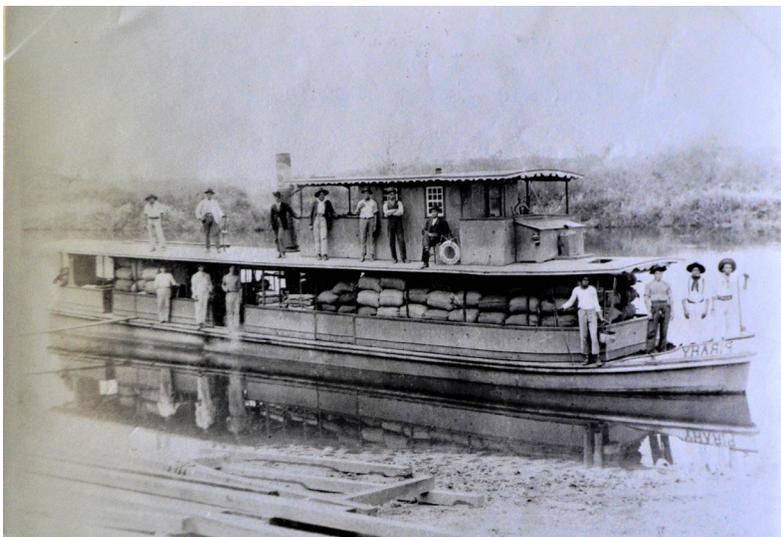
Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 10: Carroças carregadas de erva-mate perto da “Casa Bronze”



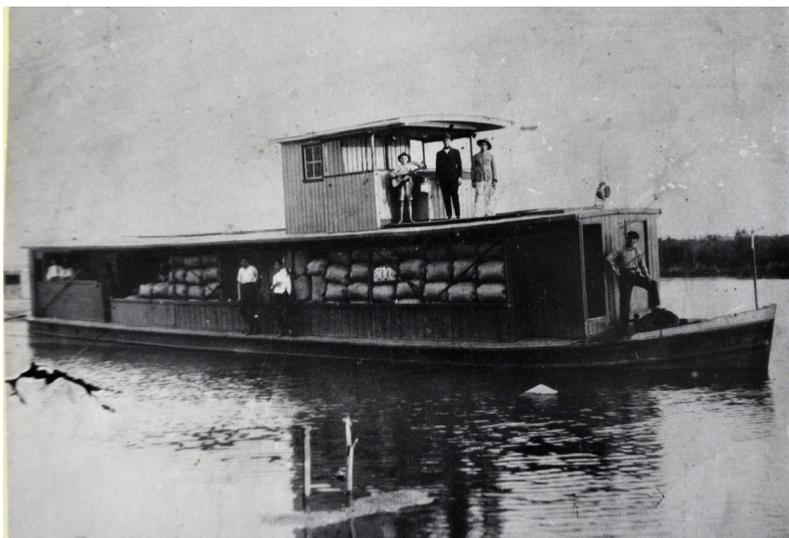
Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 11: Vapor Pirahy carregado com sacos de erva-mate



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 12: Vapor carregado com erva-mate



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 13: Carregamento de erva-mate no Vapor Leão



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 14: Antigo porto fluvial em São Mateus do Sul. Depósitos da empresa Leão Júnior



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 15: Carregamento de madeira com erval ao fundo



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 16: Barbaquá.



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 17: Caminhão carregado com erva-mate



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 18: Casa comercial Hauer & CIA. em São Mateus do Sul. Comercializavam principalmente erva-mate. Essa edificação foi tombada pelo Patrimônio Histórico Municipal



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 19: Cooperativa de erva-mate em São Mateus do Sul. Instalada em 1943, chamou-se primeiramente de Cooperativa de Produtores de Mate Iguaçu Ltda-I-GUAMATE e chegou a congregar mais de 1500 associados. Era subordinada à Federação do Mate do Paraná



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 20: Árvore de erva-mate-1923.
Localidade da Divisa em São Mateus do Sul



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 21: Fotografia do reservatório de água de São Mateus do Sul – notar o formato de cuia. Foi inaugurada em 1968



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

FOTOS DE MATERIAIS DISPONÍVEIS NA CASA DA MEMÓRIA

IMAGEM 22: Lata de chá Deusa



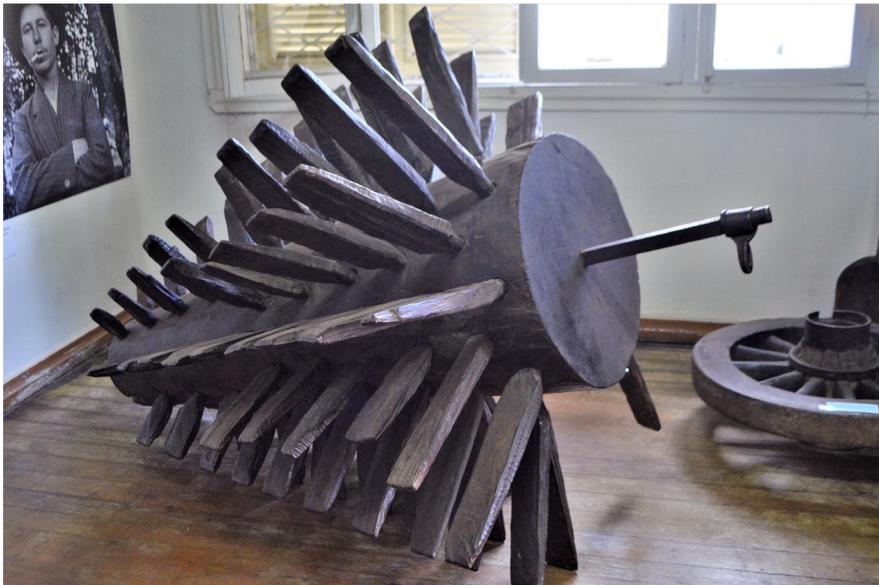
Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 23: Molde para embalagem de erva-mate



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 24: Malhador



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 25: Facões de madeira. Eram utilizados para malhar a erva-mate em um processo primitivo



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 26: Par de bruacas. Essas malas de couro serviam para transportar erva-mate, entre outras mercadorias



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 27: Caixa de chá Mate Leão



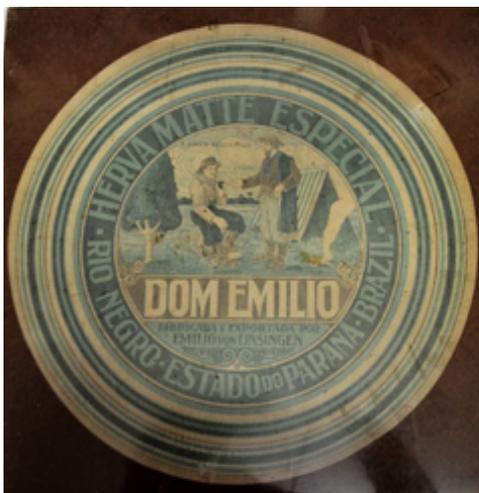
Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 28: Pilão de madeira



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGENS 29 e 30: Rótulos de erva-mate



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 31: Reportagem que mostra a fotografia do monumento são-mateuense que exalta o chimarrão



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 32: Capa da revista Panorama com a Rainha do Mate. Maria Carlota Guimarães Wolff – 1959



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 33: Reportagem sobre a Rainha do mate – 1959



Fonte: Disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 34: Faixa da Rainha da Erva-mate de 1959



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 35: Letra da marcha são-mateuense, 1923

MARCHA SÃO MATHEUENSE

Fulgurante no vigor da mocidade,
São Matheus, bella cidade, meu torrão,
Eu te adoro, como adoro a liberdade
Eu te levanto um altar no coração
Terra sublime.
Por Deus amada,
Tu és a fada
Do meu sonhar;
Neste regime
De ardar e zelo
Ao bom e bello
Te quero amar.

Rainha bella do Iguassú, tão majestosa
Neste alvor esperançoso e juvenil,
Na tua vida já luctastes victoriosa,
Com amor pelo grandeza do Brasil.
Terra sagrada
A sãomateuense

Que lucta e vence
Com rigidez,
Nesta alvorada
De grandes feitos,
Bafem os peitos
Com altivez.

Da collina, que enthronizas dignamente,
Ao longe verdes tuas mattas de valor,
Ea beijar, num longo beijo reverente
Teus olveos pés o Iguassú com tanto amor.
Bella cidade
Dos verdes hervaes,
Que sonha jamais
Tristeza e dor.
Na mocidade
Robusta e forte,
Confieis a sorte
Do teu valor.

SÃO MATHEUS, 21 de Marco de 1923
ARNOLDO PROHMANN

Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Hilda Jocene Digner Dalcomuni

IMAGEM 36: Poesia: “O chimarrão”, de Arnaldo Prohmann, 1944 (?)

O CHIMARRÃO

Cabocla bonita
Co'a cuia na mão
Poem água bem quente
Para o chimarrão
A herva é boa
De bom barbaquá
Mas sorva o primeiro
Depois passe cá

Na bomba de prata
Teo lábio coral
Dá beijos ardentes
De linda vestal
A cuia morena
Tremula na mão
Será pelo gozo
Do teo chimarrão?

Não creio que seja
Somente o prazer
O mate gostoso
Da cuia sorver
Teos olhos me dizem
Da tua comoção
Segredos de amores
Do teo coração

Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Neli de Oliveira

IMAGEM 37: Poesia: “Sapeco”, de Oswaldo Nascimento, 19(??)

SAPECO

Desde a primeira luz da madrugada,
depois de um saboroso chimarrão,
vai, descalço, o caboclo, pela geada
que atapeta os caminhos do sertão

No embornal, o virado com torresmos
garante-lhe o repasto, ao meio-dia.
Seus costumes nativos são os mesmos
que nos avoengos solarões havia.

Chega, por fim, ao coração do erval;
escala um tronco, arranca o “paraguai”
e vai juncando o solo, do ramal
cheiroso e verde, que estraleja e cai.

Depois, vai amontoando a guaçatunga...
ateia a grimpa ao centro da caieira
e um cantochão, como ritual, resmunga
afugentando os monstros da lombeira!

Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul/PR. Fotografia do registro disponível tirada por Hilda Jocene Digner Dalcomuni

Ressaltamos que esses são apenas alguns dos documentos, artefatos, moldes e informações sobre a erva-mate disponíveis para consulta e visitação na Casa da Memória Padre Bauer de São Mateus do Sul. Convidamos a todos para fazer uma visita e conhecer melhor esse espaço ímpar de memória.

Referências

ESTADO DO PARANÁ. Editora Capri & Oliveiro, 1924.

Fotografias: Acervo digital da Casa da Memória Padre Bauer, em São Mateus do Sul, Paraná.

MARROU, H-I. **Do Conhecimento Histórico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1954.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS DO SUL. Arquivo Histórico da Casa da Memória Padre Bauer.

PROST, A. **Doze lições sobre a História.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

PROST, A. **Doze lições sobre a História.** Tradução Guilherme João de Freitas. 2ª ed. 3º reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção História e Historiografia.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **História Local: Objetivos, Métodos e Fontes,**1998. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>, acesso em 28/07/2019.

A ERVA-MATE E O SISTEMA FAXINAL

*Wagner da Silva
Arleriane de Fátima Ferreira Portugal*

O espaço agrário brasileiro e paranaense, em especial considerando o modo de vida no campo, sofreu várias modificações e interferências com a modernização agrícola, que incentivou o giro de capitais baseado no agronegócio e concentração de terras por meio de grandes propriedades. Nesse cenário, as comunidades tradicionais e os pequenos produtores, esquecidos e marginalizados historicamente nesse processo, precisaram buscar alternativas para se manter com satisfatória qualidade de vida.

Garantir o sustento familiar e permanecer no campo no início do século XXI tornam-se objetivos principais de grande parte dos agricultores familiares brasileiros. Dessa forma, consolida-se o sistema faxinal como uma das respostas para tal permanência: definido por Chang (1988) como um sistema que contém dois espaços básicos: criadouro comunitário (**terras de criar**) - local de preservação da floresta nativa (ombrófila mista), onde também se criam à solta animais de várias espécies, voltados para trabalho e alimentação, além do aproveitamento racional dos recursos que a floresta oferece; e as lavouras permanentes (**terras de plantar**) - local da policultura, destacada para o autoconsumo e venda de excedentes. Tal sistema integra a mescla cultural e étnica que ocorreu no Brasil durante todo o período da chegada de imigrantes, desenvolvendo, assim, um campo fértil de análises culturais, sociais e econômicas, além de apresentar suma importância para a preservação florestal.

Portanto o presente capítulo possui como objetivo principal a análise da importância social, cultural e econômica que o cultivo da erva-mate representa para a comunidade faxinalense do Emboque, localizada no município de São Mateus do Sul-PR. Para possibilitar o cumprimento dessa etapa foram realizadas pesquisas bibliográficas, coleta de dados fornecidos por moradores da comunidade, além das observações de campo.

Dessa forma, o conteúdo da pesquisa está disposto em três momentos principais: caracterização e sucinta emersão nas discussões teóricas e legislativas acerca do sistema faxinal; exposição dos elementos identitários da comunidade do Emboque; e, como arremate, a análise das informações coletadas em campo,

bem como o fechamento que integra o aporte teórico-conceitual com a prática de campo.

Os elementos da identidade do sistema faxinal

A expressão “faxinal” é originalmente descrita por Horácio Martins de Carvalho, em 1984, sendo o criadouro comunitário seu elemento de maior importância. O autor destaca que, segundo o uso regional, faxinal quer dizer criador grande, provavelmente se referindo às pastagens naturais existentes na região e que facilitavam, pelas condições da vegetação, “*a criação extensiva de animais, em particular suínos e grandes animais*” (p. 16) e era preservado para “*práticas extrativistas da madeira e da erva, além de servir de espaço para a criação.*” (p. 14).

Mais tarde, em 1988, a economista Man Yu Chang, em seu relatório técnico, ressalta que popularmente o termo “faxinal” significa mata densa, porém, ao buscar sua etimologia, a palavra significa mata rala com vegetação variada e faixas de campo penetrando nas matas. Para a autora, nessas áreas de mata mais densa é que se formaram os criadouros comunitários, visando o aproveitamento desses espaços conjugados, cuja característica peculiar se assenta na criação extensiva e no extrativismo da erva-mate, constituindo-se na forma histórica de organização social que mais preservou as condições ambientais locais. Sendo assim, de acordo com Chang (1988), o sistema faxinal possui as seguintes características: produção animal para tração e consumo, produção agrícola para comercialização e consumo e extração da erva-mate nos ervais nativos (renda complementar).

Em termos de legislação, no Estado do Paraná, em 1997, por meio do Decreto Estadual nº 3446/97 que cria as Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR), o sistema faxinal passa a ser reconhecido formalmente. Desse modo, os municípios que contavam com o sistema em seus territórios passaram a receber um maior percentual na distribuição do ICMS Ecológico (Lei Complementar nº 59/91). No § 1º do Art. 1º consta:

[...] entende-se por Sistema Faxinal: o sistema de produção camponês tradicional, característico da região Centro-Sul do Paraná, que tem como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e a conservação ambiental. Fundamenta-se na integração de três componentes: a) produção animal coletiva, à solta, através dos criadouros comunitários; b) produção agrícola – policultura alimentar de subsistência para consumo e comercialização; c) extrativismo florestal de baixo impacto – manejo de erva-mate, araucária e outras espécies nativas.

Nota-se, nessa definição, uma aproximação quanto aos elementos identitários do sistema propostos por Chang (1988). Marques (2004), no Relatório Final de Consultoria Técnica, elaborado para o Instituto Ambiental do Paraná, destaca que “*Considerou-se, para a execução das atividades, a definição apresentada no texto do Decreto Estadual nº 3.446/97, tendo em vista que é a referência oficial que foi considerada para os objetivos desse levantamento*”, portanto o IAP compreende o sistema faxinal a partir dos elementos destacados no Decreto Estadual que os reconheceu no Estado do Paraná. Pela Portaria nº 34, de 25 de fevereiro de 2011, o IAP complementa:

I) FAXINAL: território tradicional onde é praticado o sistema de produção camponês tradicional, estratégico para reprodução social de grupos culturalmente distintos dotados de identidade própria e reconhecidos como comunidades tradicionais faxinalenses. É um sistema típico da região da Floresta Ombrófila Mista (Floresta da Araucária), que tem como traço marcante o manejo coletivo da terra e de seus recursos naturais, de modo interdependente à conservação ambiental (IAP, 2011, Art. 1º, fl. 02).

Dessa forma, entre tantas possibilidades conceituais, convém destacar que na presente pesquisa trabalha-se com o conceito de “sistema faxinal”, inicialmente proposto por Chang (1988). Pode-se perceber que durante as definições, tanto teóricas quanto legislativas, ficou clara a importância dos recursos naturais para a existência desse sistema rural, o que justifica a presente abordagem, pois esta proposta pretende analisar uma espécie nativa (erva-mate) e um modo de vida peculiar no Centro-Sul do Paraná. No próximo passo, faz-se a caracterização socioespacial da comunidade que baseou o presente levantamento.

A análise dos elementos socioespaciais da comunidade faxinalense do Emboque: traçando um perfil

O Faxinal do Emboque surge a partir da desagregação de uma grande fazenda existente na região, que, depois de desmembrada, deu lugar a lotes menores repassados para seus ex-funcionários e comprados por moradores de outras comunidades da região. Basicamente iniciou com os caboclos, porém eram poucos os que viveram nesse sistema, tendo em vista que usufruíam apenas tem-

porariamente dos espaços (chamados de passageiros). Mais tarde, com a chegada de imigrantes, principalmente poloneses que vieram para a região Centro-Sul do Paraná (motivados por incentivos do governo), esse sistema tradicional que separa as terras de criar das terras de plantar foi mantido e adaptado.

Estima-se que o criadouro comunitário se aproxima dos 100 anos de existência, sendo construídas as cercas que caracterizam o sistema faxinal na década de 1930. As famílias pioneiras da comunidade do Emboque foram: Przivitowski, Janoski, Javorski, Wenglarek, Pacheco, Grabowski, entre outras. No início, esse espaço possuía uma extensão muito maior do que a que possui hoje, relatam-se aproximadamente 2.000 alqueires de mata densa e da criação de animais à solta, abrangendo as localidades de Emboque, Rosas, Costão, Fartura do Potinga, Turvo, Paiol Grande. A agricultura era praticada somente para o autoconsumo, pois os recursos econômicos principais eram oriundos do extrativismo vegetal, principalmente a erva-mate, e criação de porcos no sistema do criadouro coletivo (Föetsch, 2014).

Segundo relato coletado por entrevistas com as lideranças da comunidade, houve uma série de fatores que desencadearam a desagregação de parte do território do Faxinal do Emboque, entre eles destacam-se: seu reconhecimento legal tardio (2008), a expansão do agronegócio, a construção da BR-476 (Rodovia do Xisto) que cortou os campos abertos, além da chegada de fazendeiros e chacareiros do extremo sul do Brasil, desabituaados com tal sistema, cercando suas terras adquiridas dentro do criadouro, descaracterizando-o.

Evidentemente, o reconhecimento já citado no presente ensaio e sistematização dos faxinais como comunidade tradicional por parte do governo do Estado foi tardio (1997), o que retardou também a elaboração de uma política municipal de legalização, realizada por meio da Lei Municipal 1.780 de 2008, reconhecendo a Comunidade do Emboque e seus acordos comunitários característicos de faxinal, além de proibir a construção de tapumes, cercas ou fechos nas áreas de uso comum de tal comunidade, o que lhe deu também o direito do repasse dos incentivos estaduais (ICMS Ecológico²⁰). Posteriormente, como resultado do reconhecimento municipal, houve a instalação de três mata-burros nas entradas principais, onde ainda existiam portões, o que causava uma série de fugas dos animais soltos no criadouro; houve ainda a instalação de duas placas de identificação, contendo as informações legais de tal sistema e identificando sua

¹⁹Essas informações sobre o Faxinal do Emboque foram coletadas em campo durante a execução do Projeto de Iniciação Científica (PIC) intitulado: “Caracterização socioespacial do Faxinal do Emboque, São Mateus do Sul, Paraná”, desenvolvido pelo autor deste artigo e financiado pela Fundação Araucária.

²⁰ Com a parcela correspondente aos recursos oriundos do ICMS ecológico são realizadas melhorias na estrutura do criadouro (cercas, estradas, conservação dos mata-burros, compra de sementes crioulas, etc.).

localização. A demora para tais reconhecimentos básicos incentivou a descaracterização de parte do sistema nessa comunidade.

Figuras 1 e 2: Entrada principal da comunidade do Emboque e placa de reconhecimento legal instalada nesse local



Fonte: Silva (2013)

No tocante ao aspecto ambiental, o reconhecimento facilitou a preservação das espécies nativas no criadouro, incentivando o uso racional dos recursos disponíveis: erva-mate, pinhão e outros. Facilitou, também, levantamentos de pesquisadores, interessados em plantas medicinais, análise da mata nativa e pesquisas diversas. No âmbito social e cultural, a integração entre comunidade e sociedade aumentou consideravelmente, ocorrendo aulas de campo de escolas de educação básica, oficinas e aulas práticas de Instituições de Ensino Superior e Técnico, além de visitas de pessoas de outros municípios. Esses se dirigem por iniciativa própria, buscando sanar a curiosidade pelo conhecimento de um modelo de produção que um dia já tomou conta do espaço agrário paranaense e hoje em dia sobrevive penosamente. A força política aumentou, a comissão montada depois do processo oficial, possibilitou melhores condições na luta por seus ideais, evitando, inclusive, o abate sem recompensa dos suínos que apresen-

tavam indícios de “*aujezky*” (doença que assola os suínos), expandindo a representatividade local frente aos poderes executivos e legislativos municipais.

Porém nem todos os pontos são positivos, algumas disputas territoriais, contestação de terras e não concordância da criação aberta por parte de alguns vizinhos da comunidade acabaram no sacrifício dos animais que fogem do criadouro, principalmente quando algum passageiro deixava aberta a porteira situada ao lado do mata-burro (essas são utilizadas para a passagem de carroças). Outra dificuldade é a burocracia presente em todos os processos do poder público, o que retarda os repasses dos incentivos ambientais, impossibilitando ou atrasando parte das ações, além da fragilidade da legislação, principalmente na parte de fiscalização voltada para as comunidades tradicionais.

A erva-mate como integrante da identidade faxinalense em São Mateus do Sul-PR

Como já se pode perceber na análise teórica e legislativa, os recursos da floresta nativa são essenciais para o modo de vida faxinalense, destacando-se principalmente o pinhão e a erva-mate. Foi justamente essa última riqueza que aguçou a presente investigação, para tanto, além das análises de campo, também ocorreram aplicação de entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade do Emboque. Os questionamentos sempre estavam voltados para a erva-mate como eixo principal de investigação.

O primeiro tópico diz respeito à imbricação da erva-mate no histórico da comunidade, uma vez que, no início, ela era a principal fonte de renda, deixando, inclusive, a agricultura como atividade complementar. Quando se analisa o contexto de surgimento do criadouro, coincide com o período em que a erva-mate era conhecida como o ouro verde da economia paranaense (antes dos países platinos desenvolverem em larga escala o cultivo). O próprio município já apresentava, desde aquela época, esse produto como um dos pilares econômicos. Os entrevistados foram unânimes em afirmar que a erva-mate sempre acompanhou o desenvolvimento da comunidade do Emboque, incorporando-se à identidade desse faxinal.

Já em relação aos métodos de trabalho, Wenglarek (2017) relembra a forma antiga de manejo, sendo posteriormente modificada e aprimorada com o passar dos anos e incorporação de tecnologias. “*Primeiramente a erva era preparada no mato, por meio dos sapecos (modo de pré-secar as folhas). Após a colheita da folha, fazia os maços com o auxílio da foice, separava os galhos maiores dos menores, primeiro sapecava os galhos miúdos (fogo mais baixo) e depois os galhos grandes. As folhas ficavam para cima e os palitos para baixo*”. O entrevistado re-

lata isso ainda do período que seu pai comprou o lote na comunidade, e faziam a erva em parceria com os vizinhos, demonstrando mais uma vez o espírito de cooperação que deve existir nas comunidades tradicionais (puxirão²¹).

Przivitowski (2017) relata que se lembra desse modelo pelo trabalho que acompanhava de seu avô: “*Passava a folha por dentro do fogo, tinha que escutar a folha da erva estralar, para queimar a gordura da erva. Depois fazia outro monte para quebrar a erva e colocava no chão para fazer os feches de erva*”. Após isso os feixes eram levados ao barbaquá de tração animal para secagem final e moagem. Sobre os antigos “Barbaquás”, Lima (2016) explica, em reportagem para a revista “Conte” – Edição 3 de julho de 2016 - que circulou em determinado período no município de São Mateus do Sul, o funcionamento e o significado da palavra barbaquá (seguindo a definição do Dicionário Ilustrado Tupi Guarani):

A palavra barbaquá vem de bar (ibira, árvore, madeira), quá (buraco). Após a secagem das folhas no ponto adequado, com o calor de uma fornalha instalada nas proximidades, os ramos de erva-mate seguiam para outra instalação do barbaquá, uma cancha perfurada onde ocorre a moagem das folhas. A erva triturada caía pelos furos em um depósito no assoalho. O processo todo consiste na colheita, sapeco (passagem rápida dos ramos sobre uma fogueira), secagem, trituração e então beneficiamento.

Figura 3: Instrumento (regionalmente conhecido como ouriço ou rebolo) que realiza a moagem da folha de erva-mate, integrante da parte interna do barbaquá



Fonte: Silva (2012)

²¹ Mutirão comum nas comunidades faxinalenses. Formado sempre que necessário para obras coletivas, como conserto de cercas, mata-burros ou mesmo trabalhos particulares que necessitem do auxílio de terceiros, como matar um animal de grande porte.

Pode-se perceber na entrevista que as crianças também ajudavam, na medida do possível, com o trabalho, muitas vezes de forma lúdica, fazendo “brincadeiras” que auxiliavam no preparo. Os entrevistados apontaram que, no início, era um trabalho árduo, pois era preciso realizá-lo em etapas com momentos delicados, sempre levando em consideração muitos detalhes para que conseguissem realizar todo o processo. Tais detalhes sempre estavam ligados com a natureza, como verificar a direção dos ventos para o sapeco, além dos dias de chuva que atrasavam a produção. Essa ligação com os aspectos da natureza é comum para o ator social do campo, porém, no sistema faxinal, parece que tal mística ganha um impulso maior, fazendo com que a relação sujeito-meio tenha um equilíbrio preponderante, muito por causa dos conhecimentos tradicionais, que serão abordados na continuidade deste texto. Analisar tais formas antigas de trabalho é importante para compreender um pouco melhor a realidade desse cultivo no sistema faxinal, obviamente que tais modelos não são exclusividade do sistema faxinal, podendo encontrar relatos parecidos em qualquer outra comunidade rural, porém, como a erva faz parte do contexto de formação e consolidação do criadouro, é mister que se traga para esse momento a presente reflexão. Além disso, para o aspecto econômico da formação, a erva-mate representou o carro-chefe do sustento das famílias faxinalenses, segundo o que aponta Wenglarek (2017): “*Nosso inverno era trabalhar com erva e fazer farinha de mandioca*”.

Com a mecanização das ferramentas, o trabalho ficou mais leve. Como na substituição do barbaquá de tração animal pelo mecânico, pois no primeiro deveria secar a folha da erva por quase dois dias, já no segundo a folha é disposta crua para moagem. Isso reduziu o tempo de espera e também agilizou o processo final. Aqui, deve-se abrir parênteses para a questão da modernização para populações tradicionais. Muito se fala que tais comunidades não podem acompanhar o desenvolvimento e aderir ao uso de tais ferramentas novas, porém acredita-se que o que garante o aspecto tradicional é a relação com o meio em que a população está inserida, tanto o natural quanto o social, e não essencialmente os dispositivos e formas de trabalho. De tal forma, pensa-se que é absolutamente normal a inserção tecnológica em faxinais, quilombos, aldeias indígenas e outras comunidades tradicionais. Além da maior facilidade e produtividade que a mecanização confere, também possibilita o desenvolvimento de outras atividades também inerentes à organização de um faxinal, de forma concomitante.

A forma de trabalho histórico com a erva-mate ainda pode ser vista como elemento integrador da comunidade, pois havia reuniões de diferentes famílias para os tratos culturais e beneficiamento do produto. Ressalta-se, ainda, que as trocas de dia ainda são muito comuns nas comunidades rurais, onde se encontra um grande número de propriedades familiares.

Quando a conversa pendeu para a questão da época das tarefas relacionadas ao cultivo, percebeu-se também que a presença da erva-mate foi essencial para a escolha do local em que seria instalado o sistema: pois, segundo Wenglarek (2017), os faxinais foram concebidos geralmente em áreas de ervais, para ficar mais fácil de fazer a roçada. Dessa forma, pode ser vista a relação com a teoria de Horácio Martins (1984), apresentada no início deste capítulo, de que o criador é uma área de pastagem natural, ou seja, sem grande densidade entre as espécies de grande porte. Historicamente as épocas eram mais resguardadas, começando o forte do trabalho a partir de junho. Na atualidade, a roçada é feita em qualquer época, pois com a diminuição da área, mantendo um número considerável de criações e naturalmente havendo a maior compactação do solo, fica mais fácil essa parte do trabalho também, pois mantém mais abertos os ervais.

Figura 4: Criadouro coletivo no Faxinal do Emboque - destaque para os pés de erva-mate podados em campo aberto



Fonte: Silva (2012)

Wenglarek (2017) relata que já testou vários tipos e épocas para podar a erva, mas que a da fase da lua minguante foi a que melhor deu resultados, principalmente na questão da brotação, respeitando o tempo de poda, que, segundo ele, o ideal seria em um intervalo de três anos. Segundo o proprietário, se a poda

ocorrer todo ano, pode alterar o sabor do chimarrão. Aponta, ainda, que é preciso podar quando está no período da dormência, ou seja, quando a árvore não está na época da brotação. A partir do momento em que a erva começa a brotar, acaba seu período de dormência. Assim, a safra de erva começa em junho e segue próxima ao mês de setembro.

No tocante ao formato da produção faxinalense, Wenglarek e Przivitowski (2017) afirmam que na comunidade a maioria da produção é de origem nativa, quando há o plantio, esse é feito a partir de mudas nativas da própria comunidade. Porém com a entrada de alguns chacareiros na localidade, esses trouxeram outras mudas com procedência diferente, o que pode conferir uma produtividade menor. Ainda no que diz respeito às diferenças entre a árvore nativa e plantada, destacam que o sabor e aspectos mudam. Primeiro na questão das folhas, pois a árvore nativa e sombreada entre os bosques de araucária apresenta uma densidade maior de folhas, além de serem mais pesadas e apresentarem menos palitos (mesmo que ele tenha o aproveitamento na fabricação dos chás). O sabor também foi muito destacado, porque a nativa apresenta um “amargo adocicado”, e a aberta e não nativa apresenta um “amargo azedo”, pois possui uma grande concentração de palitos. Fica claro que a preferência pela produção nativa e sombreada é maior, tanto que as próprias empresas ervateiras dão preferência para essa forma de cultivo, pagando mais, inclusive, por essa espécie.

A procedência da erva-mate produzida no faxinal também é garantida pela ausência de adubos e defensivos agrícolas químicos. Como se pode perceber até aqui, a preservação ambiental é uma premissa para o sistema, portanto, ao ingerir o produto de um criadouro comunitário faxinalense, o consumidor terá certeza da forma de cultivo e trabalho. A própria floresta garante a adubação necessária para as ervaíras. Por meio da decomposição da matéria orgânica que se forma no chão do criadouro é formado o equilíbrio natural encontrado em áreas com preservação da mata de araucária ou de outras florestas nativas. Até algum tempo atrás achava-se que a presença da erva-mate em uma floresta com árvores maiores poderia prejudicar a captação de nutrientes, porém, segundo Wenglarek (2017), apesar das raízes da erva-mate serem rasas, outras espécies como a imbuia e a araucária apresentam raízes que se aproximam dos 10 metros de profundidade, fazendo a captação no subsolo e trazendo os nutrientes necessários para a superfície, o que é aproveitado também pelas ervaíras. Além de que a presença de espécies maiores ainda protege a erva-mate e outras plantas menores dos efeitos das geadas comuns em nossa região. A única desvantagem apontada pelos entrevistados, no formato do erval sombreado, é até a árvore ganhar tamanho, ou como comumente refere-se à expressão: “até o erval levantar”, porém depois

que adquire estrutura e tamanho, a floresta auxilia na adubação natural e protege de diversas formas a cultura.

É evidente também que o trabalho com a erva-mate sempre esteve inserido na cultura dos faxinalenses, como mesmo relataram os entrevistados: desde que possuem lembranças, seus pais e avós já trabalhavam nessa cultura, e mesmo quando criança e na juventude esse trabalho sempre foi significativo: “*nem podia direito com o galho de erva, já tava lá ajudando*” (Wenglarek, 2017). Porém no que diz respeito à ligação étnica e cultural, os poloneses tiveram os primeiros contatos com a erva-mate a partir da influência dos bugres, visto que os polacos não eram habituados com esse trabalho, no início, e se inseriram na prática por meio do contato com a população nativa da região. Com o passar dos tempos, o mosaico cultural brasileiro foi-se configurando pela mescla étnica, o que houve no Sul do Brasil principalmente a partir da chegada de imigrantes europeus. O sistema faxinal também foi influenciado por tal relação, e até hoje existem faxinais de predomínio caboclo, outros de influência ucraniana ou polonesa, principalmente. No caso do Emboque, os poloneses se adaptaram ao cultivo e desempenharam a atividade junto ao desenvolvimento do sistema.

A questão de conciliar no mesmo terreno o cultivo da erva-mate com a criação de animais é outro ponto que merece destaque, pois principalmente os suínos que circulam pela área do criadouro chamam a atenção quanto à relação com os pés de erva-mate, principalmente aqueles que não atingiram a maturação total. Przivitowski (2017) relata que durante o plantio de mudas novas costuma-se deixar separado o pedaço de terra onde se realizará. Após a abertura das covas, o correto é deixar o porco enjoar de fuçar na terra, para só depois então ocorrer o plantio. Esse artifício “engana” o animal, pois quando a terra é revolvida recentemente atrai os suínos com maior intensidade, posteriormente perdendo o interesse, é a partir daí que ocorre efetivamente o plantio.

Por fim, os mercados de consumo também variam, algumas pessoas produzem a erva-mate em sua propriedade, vendendo no local ou em feiras na área urbana. No passado, a empresa Leão Junior S.A (que na época fabricava o chá Matte Leão) era a principal consumidora da erva produzida no Emboque. Com o passar do tempo, essa empresa encerrou suas atividades no município, sendo, atualmente o principal mercado consumidor, segundo os entrevistados, a Baldo S/A. Essa empresa localiza-se próxima à comunidade e conhece a qualidade da produção realizada no sistema faxinal. Tem ciência que é um cultivo sem agrotóxicos, com um manejo próprio, no qual há a preocupação com a qualidade do que produzem, por isso todos os anos se dirigem até a comunidade do Emboque em busca da compra da produção.

Pode-se perceber, dessa forma, que o envolvimento do faxinalense com o cultivo e a terra em que ocupa é muito intenso, muitas vezes se reconhecendo como parte do sistema por completo. Com isso se desenvolve uma afetividade e apego ao local onde vive, fazendo com que a interação com o ambiente ultrapasse os limites da simples exploração econômica. Entre os elementos identitários do sistema faxinal percebem-se os conhecimentos tradicionais, cercados de misticismos e crenças, que refletem, de forma simples, o cuidado para com a terra onde vivem, embricados em uma carga cultural que é passada de geração para geração; tudo isso chama a atenção quando se propõe uma análise desse campo.

Considerações finais

Por meio das análises realizadas, é possível perceber que até mesmo nos detalhes o Sistema Faxinal, nesse caso da comunidade do Emboque, diferencia-se do lugar comum da atualidade. Diferente da maioria que busca primeiramente os lucros com retorno em curto prazo (capital), por meio do trabalho com a terra, a comunidade faxinalense primeiramente leva em consideração sua qualidade de vida, e o respeito pelo meio, isso porque sabe que é esse modelo de relação com a terra que lhe trará lucros (não apenas capitais) que se estenderão pelo futuro.

Embora vários fatores que contribuíram para a descaracterização de parte do sistema, conforme anteriormente citados, essa comunidade são-mateuense tem forte preocupação em preservar sua identidade local. A regulamentação tardia dessa terra também fez com que enfrentassem um empecilho na preservação desse sistema tradicional, mas, com o afinco dos faxinalenses que formam o Emboque, prevalece até hoje com seus conhecimentos tradicionais que são de extrema importância para a preservação da história da comunidade e do município em geral. Como pode ser notado no presente capítulo, a abordagem sobre a erva-mate, faz parte da formação e história do município de São Mateus do Sul.

É possível perceber que desde o surgimento do Faxinal de Emboque, estendendo-se até os dias atuais, a erva-mate desempenha papel importante na formação e continuação desse sistema, e tem grande participação na vida dos moradores desse local, seja porque cresceram em meio aos ervais e participando do manejo da espécie, seja mesmo porque essa prática é uma fonte de renda (principal ou complementar).

Com esses cuidados especiais, a erva-mate colhida no Emboque adquire uma qualidade superior e um sabor diferenciado, fato que é levado em consideração pelas empresas locais que transformam esse recurso e agregam valor a essa produção. Assim se pode afirmar que o cultivo da erva-mate também é uma for-

ma de identidade da Terra Faxinalense do Emboque, pois possui uma atenção e cuidado especial nesse local, porque se busca uma melhor relação homem-meio, e procura-se, além dos lucros, um manejo que lhes proporcione o melhor produto para ser consumido (sem a presença de componentes químicos, fertilizantes ou agrotóxicos), e que possa ser colocado nos hábitos de consumo diário, sem medo de prejudicarem sua saúde. Desse modo, produzem a erva com técnicas tradicionais próprias para saborearem o melhor que a erva-mate pode oferecer.

Referências

BRASIL. Decreto Federal nº. 6.040 de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

CARVALHO, H. M. de. **Da aventura à esperança:** a experiência autogestionária no uso comum da terra. Curitiba: 1984. (mimeografado).

CHANG, M. Y. Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988. 121 p. (Boletim Técnico, 22).

FÖETSCH, A. A. Faxinais e Caívas: identidades territoriais na região do. Contestado (PR/SC). 2014, 235 p. **Tese** (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2014.

MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no estado do Paraná.** Guarapuava, 2004. 192p. (Relatório Técnico) – Instituto Ambiental do Paraná.

PARANÁ. *Decreto Estadual n.º 3466 de 14 de agosto de 1997.* Dispõe as ARESUR – Áreas Especiais de Uso Regulamentado – que abrange porções territoriais do Estado, caracterizada pela existência do modo de produção denominado Sistema de Faxinal. Diário Oficial do Paraná, Curitiba.

PARANÁ. IAP – Instituto Ambiental do Paraná. Portaria nº34, de 25 de fevereiro de 2011.

REVISTA CONTE (São Mateus do Sul) – Ano 1 – Edição 3 – Julho de 2016.

SILVA, W. da. **Caracterização sócioespacial do Faxinal do Emboque, São Mateus do Sul – PR**. Relatório de Iniciação Científica (PIBIC) – Fundação Araucária, 2011.

VIEIRA, T. **Viabilidade econômica da cultura da erva-mate** (*Ilex paraguariensis* A. St. – Hil.) Em áreas de reserva legal no Paraná. Dissertação de Mestrado. UFPR, 2012.

Entrevistas e depoimentos

Paulo Muchal Wenglarek, 53 anos. Entrevista, 04 de junho de 2017. São Mateus do Sul/PR. Entrevistador: Wagner da Silva. Acervo do autor, 2017.

Sônia Mari Chadai Przivitowski, 39 anos. Entrevista, 26 de maio de 2017. São Mateus do Sul/PR. Entrevistador: Wagner da Silva. Acervo do autor, 2017.



Erva-mate transportada em carroças, São Mateus do Sul

Fonte: Acervo disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul – Paraná

*“O tempo comprova a importância do Mate,
Na vida, na lida e na economia sãomateuense.”*

PARTE II **PARTE II** *PARTE II*

INDICAÇÃO GEOGRÁFICA: POTENCIALIDADES

TERRA DA ERVA-MATE, IDENTIDADE E INDICAÇÃO GEOGRÁFICA (IG)

Sidnei Muran

Ato de formalização e erva-mate no cenário

Dia 21 de setembro de 2017 marca um passo à frente para a cadeia produtiva erva-mate de São Mateus do Sul. Justamente no dia de seu aniversário, 109 anos do município, a planta *Ilex paraguariensis* foi referendada com o lançamento do Selo de Indicação de Procedência (IP) São Mateus, com a Indicação Geográfica (IG) da erva-mate, manufaturada no município.

Não havia local mais apropriado para a solenidade, realizada às 17h, que a Rua do Mate (espaço organizado pela Associação dos Amigos da Erva-mate – IG-Mathe – em frente ao prédio sede da prefeitura, no centro da cidade), fazendo parte das comemorações festivas da emancipação político-administrativa. Nessa cerimônia, o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) formalizou a entrega do selo da IP.

O presidente da IG-Mathe, Ronaldo Toppel Filho, frisou, na oportunidade, que a conquista será um marco na história de São Mateus do Sul e região. “*É a primeira Indicação Geográfica de erva-mate do Brasil e representa a comprovação de todo o trabalho que estamos fazendo, para a diferenciação do produto. Os resultados já estão aparecendo, alcançando outras áreas, como comércio e turismo. Já há um passeio turístico pelas ervateiras, por exemplo*”, comemorou²².

Todo esse processo, até a concessão do selo, foi uma longa jornada. Trabalho pioneiro no Brasil, partindo justamente do município que lidera a produção industrial nacional de erva-mate: São Mateus do Sul²³. Essa liderança já foi confirmada em 2015, referendada em setembro de 2017, com 65 mil toneladas produzidas em 2016, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) sobre Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura.

²² Redação, Sebrae, Selo de Indicação de Procedência da erva-mate será lançado nesta quinta-feira. Disponível em: <<http://www.pr.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/PR/selo-de-indicacao-de-procedencia-da-erva-mate-sera-lancado-nesta-quinta-feira,03d885e7150ae510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

²³ Da Redação, Gazeta do Povo, Açaí e erva-mate: os queridinhos que valem quase R\$ 1 bilhão. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/agricultura/acai-e-erva-mate-os-queridinhos-que-valem-quase-r-1-bilhao-07nr6xorsje21dfzqefb1tjm1?comp=whatsapp>>. Acesso em 5 de novembro de 2017.

Para se ter ideia dessa representatividade, no extrativismo vegetal não madeireiro, a erva-mate somente perde para o açaí: R\$ 539,8 milhões e R\$ 398,8 milhões, respectivamente, no valor de produção, superando o pó cerífero de carnaúba (R\$ 187,5 milhões) e a castanha-do-pará (R\$ 110,1 milhões).

O Paraná tem 86,4% da produção total de erva-mate extrativa no Brasil, conforme a pesquisa, concentrando 18 dos 20 principais municípios produtores. Em segundo, está Santa Catarina, com 8,3% do total nacional e o Rio Grande do Sul vem em terceiro lugar, com produção menor frente ao ano anterior, decréscimo de 2,6%, enquanto a produção nacional aumentou 1,7%.

Contudo há uma divergência de dados entre os divulgados pelo IBGE e Departamento de Economia Rural (Deral) – braço da secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Paraná (Seab/PR). Claro, o entendimento é que as entidades se utilizam de parâmetros diferentes. Enquanto o IBGE avalia a industrialização, o órgão paranaense estratifica dados da produção.

Sobretudo porque a estimativa do Deral avalia o Valor Bruto de Produção (VBP) 2016 (ano-safra 15/16). No caso, esses dados apontam que Bituruna tem 3.500 hectares da planta, com produção de 43 mil toneladas por ano; Cruz Machado 8.500 hectares com produção de 83 mil toneladas; e São Mateus do Sul 8.400 hectares e produção anual de 65 mil toneladas.

Em linhas gerais, esses dados apontariam, teoricamente, que praticamente toda a erva-mate colhida em São Mateus do Sul é processada no próprio território municipal. Algo bastante complexo para referendar no senso comum, uma vez que cidades vizinhas, historicamente, comercializam suas colheitas com ervateiras são-mateuenses. A baixa emissão de nota fiscal de produtor rural é outro fator que dificulta a exatidão dos dados.

Sobre a IG, a concessão e o reconhecimento de área de Indicação Geográfica são de responsabilidade do INPI, órgão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), que emite o certificado. Existem duas espécies ou modalidades em uso, a Denominação de Origem (DO) e Indicação de Procedência (IP).

No caso de São Mateus do Sul, a emissão é datada do dia 27 de junho e é uma Indicação de Procedência, emitida por meio da Revista de Propriedade Industrial (RPI) nº 2425, para o produto “*Erva-mate de São Matheus*”. Todo esse projeto, para o reconhecimento, teve o apoio do Sebrae Nacional, Sebrae/PR, Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Sindicato da Indústria do Mate no Estado do Paraná (Sindimate/PR).

Coube ao Sebrae/PR, em 2013, diagnosticar 65 produtos com potencial para a Indicação Geográfica. Posteriormente, em uma segunda fase foram escolhidos dez, um deles a erva-mate em São Mateus do Sul. O projeto começou

em 2014 e o Sebrae/PR e Sindimate/PR subsidiaram todas as etapas para a certificação da IG. O intuito central é a valorização do produto e melhoria no valor agregado de toda a cadeia produtiva.

Além da entrega oficial do certificado de registro da Indicação de Procedência, para o presidente da IG-Mathe, oito produtores de erva-mate da região, participantes e colaboradores do projeto-piloto, foram certificados na modalidade de “Boas Práticas Agrícolas”, em ação conjunta desenvolvida pelo UFPR e Sebrae/PR.

Junto do documento, também, os produtores receberam placas de metal para identificar suas propriedades, são eles Helinton Himeiro Lugarini, Ronaldo Toppel Filho, Patrícia Moreira Bochenek Toppel, Orlando Buaski, Adriano Wierchokowski, Victor Cesar da Silveira, Helio Burdzinski e Divercino Morandi.

Outro quesito agregador ao município é o título de “Terra da Erva-Mate” no Paraná. Desde o dia 19 de julho, a Lei n.º 19.080/2017 reconhece, até internacionalmente, São Mateus do Sul como produtora de uma das melhores variedades de erva-mate do País. O projeto foi proposto pelos deputados estaduais, Maria Victoria e Anibelli Neto.

A ideia, conforme a proposição, foi de reforçar o reconhecimento da procedência da erva cultivada na região, com selo de Indicação Geográfica (IG) para o produto no Brasil. Tendo como requisitos, as características de solo e clima e método de cultivo sustentável, contemplando padrão de qualidade diferenciado, com mais sabor e suavidade.

IG: significado, importância e história

Localizada a cerca de 150 quilômetros da capital francesa, a leste de Paris, está a zona de produção de **champagne** (área vitivinícola). É uma Identificação Geográfica (IG), delimitada por Lei desde 1927, com aproximadamente 34 mil hectares de vinhas. Somente essa região tem para si a reserva do nome exclusivo para espumantes de vinho branco, conhecidos, brindados e prestigiados em todo o mundo. Características de clima, altitude, chuvas e unidade de solo trazem as condições apropriadas para um tipo de uvas sem igual em outros lugares da Terra.

No original em italiano **Prosciutto di Parma**, o (traduzido) presunto Parma é uma denominação de Origem Protegida e Controlada. Condições de alimentação, clima e processamento respaldam um tipo de alimento, sem igual no mundo. Muito imitado em nomenclaturas que levam o codinome presunto tipo Parma. Parecido com ele.

Trazendo essa avaliação de representatividade, de origem e procedência de produtos com especificidades únicas para o Brasil, em novembro de 2002 os

vinhos e espumantes do Vale dos Vinhedos puxam a metodologia de qualificação para o país. Constituíram-se, assim, os primeiros produtos brasileiros com Indicação Geográfica (IG) – modalidade Indicação de Procedência (IP).

Em setembro de 2012²⁴, quase dez anos depois, o INPI anunciou que esses vinhos e espumantes têm Denominação de Origem (DO), um tipo mais valioso da IG. Dessa forma entram para o seletivo grupo dos vinhos mais famosos do mundo. A conquista fortalece o produto e respalda sua qualidade. Automaticamente, melhora o preço de mercado, pelo reconhecimento técnico da sua procedência.

No caso do Vale dos Vinhedos essa luta foi encabeçada pela Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (Aprovale). O sonho da DO sempre acompanhou o trabalho da entidade, ganhando força em 2010, quando a solicitação foi oficializada. Em setembro de 2012, o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) deferiu o pedido de registro de DO para o Vale dos Vinhedos. A decisão foi publicada no Registro de Propriedade Industrial (RPI) 2175.

A Aprovale²⁵ tem 23 vinícolas associadas e 43 empreendimentos de apoio ao turismo, entre hotéis, pousadas, restaurantes, artesanatos, queijarias, ateliês de artesanato e antiguidades e outros. A Indicação Geográfica trouxe esse viés econômico a ser explorado, atraindo inúmeros visitantes para a região.

A associação foi fundada, com participação de seis vinícolas, em 21 de fevereiro de 1995, com foco na promoção do desenvolvimento sustentável do Vale dos Vinhedos, por meio do enoturismo, integração entre os associados e a comunidade e busca pela excelência em seus produtos e serviços. Sua localização geográfica compreende três municípios da Serra Gaúcha: Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul.

Uma das marcas da região é justamente esse Vale que representa o legado histórico, cultural e gastronômico deixado pelos imigrantes italianos que chegaram à região em 1875. Tudo isso em perfeita harmonia com as modernas tecnologias para produção de uva e vinhos finos e infraestrutura turística de alta qualidade.

A Aprovale cuida do controle dos produtos protegidos pela Indicação Geográfica do Vale dos Vinhedos, com selos de referência, e a sua gestão, conforme regras específicas e controle de qualidade frequentes. Presta informações sobre território, turismo, apoio para realização de pesquisas científicas e acadê-

²⁴ MASIERO, L, A Lavoura, Indicação Geográfica: Vale dos Vinhedos. 2013. Pág. 18 - 22. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/642177-A-LAVOURA-696/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

²⁵ Vale dos Vinhedos - Aprovale - RS - Brasil. Disponível em: <<http://www.valedosvinhedos.com.br/vale/index.php>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

micas e promoção institucional do roteiro. A mistura dessas tecnologias com o ambiente rural, de produção e venda de vinho, são os elementos que promovem a visitação durante o ano todo.

Constituição da IG-Mathe e trajetória

A Indicação Geográfica (IG), conforme o INPI²⁶, é usada para “identificar a origem de produtos ou serviços quando o local tenha se tornado conhecido ou quando determinada característica ou qualidade do produto ou serviço se deve a sua origem”. Referendado pela Instrução Normativa do INPI nº 25/2013 que estabelece as condições para o registro.

O artigo 2º descreve: “Para os fins desta Instrução Normativa, constitui Indicação Geográfica a Indicação de Procedência e a Denominação de Origem. §1º Considera-se a Indicação de Procedência o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que tenha tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço. §2º Considera-se Denominação de Origem o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características se devam exclusiva ou essencialmente ao meio geográfico, incluídos fatores naturais e humanos”.

Para solicitar a outorga de uma IG, essa legislação estabelece critérios como produtores ou prestadores de serviços organizados em uma entidade representativa. Constituir um regulamento sobre o uso geográfico, comprovar a existência de uma estrutura de controle, apresentar as comprovações específicas à Indicação de Procedência, entre outros atributos.

O dia 21 de setembro, simbolicamente, evidencia e referenda toda a conquista são-mateuense que teve início em 2014, quando, no mês de agosto, foi fundada a Associação dos Amigos da Erva-mate de São Mateus do Sul (IG-Mathe). Não muito diferente da história do Vale dos Vinhedos, mas singular, no campo da produção ervateira, até então no Brasil.

O nascer da primeira IG da erva-mate no Brasil na visão do presidente da IG-Mathe, Ronaldo Toppel Filho²⁷, tem o interesse de fortalecer a região e se faz de um produto exclusivo, com o foco central de firmar a identidade e registrar a qualidade de um produto singular no mundo. “Porque a gente sempre fala, mostra o mapa da maior região de erva-mate sombreada do mundo. Mas quem que

²⁶ Propriedade Industrial, Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/menu-servicos/indicacao-geografica>>. Acesso em: 12 nov. de 2017.

²⁷ Palestra ministrada no 4º Fórum da Erva-mate do Território Vale do Iguçu, em 9 de novembro de 2017, na Uniguaçu – em União da Vitória.

sabe disso? O nosso consumidor está sabendo que essa erva é produzida ali. Que essa erva é diferenciada, que realmente é um produto bom?”, salienta.

Quanto mais pessoas souberem disso, mais fortalecido será o setor. Pensando sobre o viés dessa erva-mate sombreada, existente de forma nativa em meio ao pinheiro-araucária e demais madeiras de lei apenas na região que preservou suas matas: o Sul e Centro Sul do Paraná, em um plano de fundo, extra-tificado e delimitado, em municípios que compõem a bacia do Rio Iguaçu. “*A gente precisa diferenciar esse produto*”, referenda o presidente da IG-Mathe.

O símbolo ou logotipo da Indicação de Procedência da IG-Mathe foi constituído com esses elementos. Ele traz a folha da erva-mate, junto do pinheiro-araucária, para destacar que é um erval sombreado. Tem escrito São Mateus que lembra o mate relacionado à história, e identidade, e linhas azuis que representam a navegação no Rio Iguaçu. A delimitação geográfica respeita, justamente, esse espaço, nas microrregiões: São Mateus do Sul e Irati, com cidades componentes dessa Bacia.

Nesse campo geográfico, da área da IG, enquadram-se os municípios de Rebouças, Rio Azul e Mallet, somados de São Mateus do Sul, Antônio Olinto e São João do Triunfo. As condições climáticas também referenciam toda essa identificação e delimitação. Ciclo mais chuvoso, precipitação anual, tempo mais seco e umidade relativa do ar são muito similares nesse seletor grupo. Esses dados e mapas das cidades envolvidas na IG definem, exatamente, essa região.

Nesse retrospecto de procedência, a entidade deixa em aberto a possibilidade da certificação para outras linhas, como orgânicas ou outras especificidades. Os processos de rastreabilidade, que garantem a qualidade do produto final, seguem a mesma linha técnica. Nela, desde a colheita até a embalagem final, bem como o controle de qualidade, são similares. O selo de IG compreende desde a semente, passando pela muda, erva-mate cancheada, para chimarrão e tererê e chá mate. Todos com o selo que indica a procedência (IP).

Nesses critérios, a genética da planta é registrada. Também, as questões ambientais e trabalhistas da produção são vistoriadas, em todas as atividades que incidem sobre ela. “*A rastreabilidade é total. Desde a genética dessa planta até o consumidor final. Teoricamente, se você pegar um pacote com selo de Identificação Geográfica, ele é numerado e a numeração é única, vai conseguir chegar à informação de onde que essa erva-mate foi produzida*”, exemplifica Ronaldo Toppel Filho.

Para conceder esse selo de Indicação de Procedência, o INPI recebeu da IG-Mathe cerca de 1.700 páginas de dados que evidenciam essas informações que documentam a Identificação Geográfica. O processo engloba desde os critérios históricos que têm viés pela formação do município de São Mateus do Sul e primeiro ciclo econômico municipal. São mais de 100 anos de história, relacio-

nada à navegação e formação de uma identidade. Fatos esses que evidenciam o conceito do produto e sua relação com a cidade.

O material técnico demonstra que a colheita é feita com critérios de sanidade e proteção da matéria-prima, sem contato com o solo, sendo necessariamente sombreada por árvores nativas. No trabalho, o manuseio segue uso de equipamentos de segurança e formalidades jurídicas e legislação trabalhista. Entre a poda dos ervais e coleta de folhas e sua secagem não é possível exceder 24 horas. Isso para proteger o sabor único e sua referida qualidade final.

A IG-Mathe tem em torno de 50 associados, oito deles, produzindo erva-mate e, por isso, certificados por boas práticas agrícolas desde o dia 21 de setembro, junto com a entrega do selo. A expectativa é de aumentar esse número, na sequência. Também, já na primeira fase, sete ervateiras estão envolvidas, quatro delas com o selo de Indicação de Procedência, em suas embalagens.

Cabe à São Mateus do Sul o processamento da erva-mate. Necessariamente e por razões de identificação do produto São Mateus, o município sede da IG precisa centralizar esse trabalho de industrialização. “*A folha pode vir de qualquer um dos outros municípios delimitados pela Associação, mas tem que ser processada em São Mateus do Sul, dentro das boas práticas agrícolas e de fabricação, em menos de 24h*”, acrescenta o presidente da IG. Todo esse processo é monitorado, o que garante qualidade do produto desde a sua origem, no produtor, até a embalagem no mercado. Para ser parte do grupo um produtor precisa seguir os protocolos e regras apresentados ao INPI. Esses conceitos técnicos incidem sobre avaliação do Conselho Regulador da IG-Mathe, que testa os produtos nos quesitos de aroma, cor, sabor e consistência – o controle de qualidade. É o que a equipe responsável pelo trabalho faz, conforme o avaliador Ederson Skodoski²⁸.

Para poder usar o selo da IP, é necessário cumprir as normas técnicas descritas no Regulamento de Uso. O associado, Haroldo Ferreira, componente desse grupo de avaliação, salienta que esse teste de qualidade e acompanhamento de controle e rastreabilidade é o que confere essa garantia à Erva-mate São Mateus em seu diferencial²⁹.

A meta da Associação é ampliar para além dos atuais oito produtores e três ervateiras. São em torno de 45 produtores na linha de concluir o processo de

²⁸ CUNHA, W. CAMINHOS DO CAMPO, G1 PR. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/caminhos-do-campo/noticia/produtores-de-erva-mate-de-sao-mateus-do-sul-recebem-selo-de-indicacao-geografica.ghtml>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

²⁹ CUNHA, W. CAMINHOS DO CAMPO, G1 PR. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/caminhos-do-campo/noticia/produtores-de-erva-mate-de-sao-mateus-do-sul-recebem-selo-de-indicacao-geografica.ghtml>>. Acesso em: 11 nov. 2017

boas práticas agrícolas para serem certificados. Também outras indústrias, que já fazem parte da associação, serão avaliadas para terem a referência técnica e, a partir daí, poderem processar o produto e inserir o selo em suas embalagens, ficando em aberto, nova aceitação de associados.

A entidade nasceu no dia 4 de dezembro de 2014 - no Clube Ideal São-Mateuense, conforme sua Ata de Assembleia Geral de Fundação, que, também, elegeu a 1ª diretoria e conselhos fiscal e regulador. Nessa data, ainda, o projeto da IG foi apresentado e apreciado; e votado o Estatuto Social.

Ronaldo Toppel Filho (que conduzia a presidência da Comissão Provisória pró-fundação) ficou como 1º presidente, tendo Orlando Buaski na vice; Leandro Beninho Gheno, como 1º secretário; e Matheus Tortelli, o 2º; Luiz Fernando Toppel, 1º tesoureiro; e Roberto Gadens Dudziak, o 2º. José Carlos Janowski, Adriano Wieczorkovski e Sabrina Dhieniffer Sander formaram o Conselho Fiscal.

Diretamente envolvidas nesse contexto estão também as ervateiras de São Mateus do Sul: Taquaral, Baronesa, São Mateus, Maracanã, Damanoiza, Rei Verde e Baldo. A partir delas gera-se toda a produção de erva-mate de São Mateus do Sul.

Erva-mate e a reafirmação de identidade de São Mateus

A IG-Mathe é uma associação formada a partir de uma identidade são-mateuense, composta por produtores, ervateiros e comércio. “Quando se falar de São Mateus do Sul realmente tem algum produto ou alguma coisa que pertence à terra da erva-mate”, destaca o presidente da Associação.

Isso porque, da mesma forma que o Vale dos Vinhedos não fica somente no vinho e espumante, mas mexe com a região delimitada, promove o turismo e o comércio local, envolve a sociedade e, assim, se autoidentifica. Por meio da erva-mate sombreada, a IG tem proposta muito parecida.

Nesse campo das perspectivas atuais e previsibilidade futura, o comércio de São Mateus do Sul tem sido parceiro da IG, não exatamente na parte econômica, mas na temática que tem relação com o produto *Ilex paraguariensis*. “O Natal foi baseado na erva-mate”, explica o presidente, sobre as comemorações relativas ao final do ano de 2017. Nesse contexto, Papai-Noel verde e decorações natalinas no viés e sentido de firmar a identidade da Terra da Erva-mate.

No campo mercado, que é o que interessa ao produtor, ele carece de uma estabilização da atualidade da erva-mate, com Indicação Geográfica. Por estar presente em praticamente todas as propriedades rurais dos municípios da região de São Mateus do Sul, estar de acordo com os quesitos ambientais e de sustentabilidade, o produto tem ampla distribuição de renda. Seu manejo não depende de muita mão-de-obra, como nas demais culturas. O que torna a planta ainda mais diferenciada e de boa rentabilidade.

Na Europa e região do Mercosul avançam as perspectivas de aceitação do produto, em especial, com reconhecimento do selo da IG-Mathe, tendo perspectivas positivas pela rastreabilidade do produto e seus cuidados quanto ao controle de qualidade. “*A gente acredita que a nossa erva-mate vai ser diferenciada e conhecida no mundo, com esse nome. A gente acredita e valoriza muito esse produto*”, avalia Ronaldo Toppel Filho³⁰.

Fechada a perspectiva projetada e dita na concessão e oficialização da IP, uma vez que a Erva-mate São Matheus é diferenciada pela comprovação dos critérios técnicos e de qualidade, alia-se ao turismo. A campanha de final de ano demonstrou o envolvimento da sociedade e comércio com a identidade. A vinda de turistas fortalece o setor, também, de serviços, em especial hospedagem e alimentação.

A Rota do Mate iniciou os trabalhos, mais ou menos no período da formalização da IG, e visa justamente essa questão. Mostrar aos turistas produtos da planta para além do chimarrão, sem perder referência ao mesmo, pois a cuia e o mate passam pela história de São Mateus do Sul, com as ervateiras e a Casa da Memória. Contudo, gastronomia e demais atributos compõem um passeio pela identidade e formação da cidade, com muita erva-mate.

A proposta segue, baseada em todos esses elementos, buscando identificar para os são-mateuenses a importância que tudo isso tem para o seu povo, sua gente e sua história. Tomando chimarrão, seja no Chima Truck, Chimarródromo, praça pública, na casa ou ambiente de trabalho, a partir de então, com a certeza de que na cidade de São Mateus do Sul, Terra da Erva-mate, produz-se a melhor erva-mate sombreada do mundo.

A IG-Mathe é o topo dessa hierarquia que confirma esses valores, comprovados tecnicamente, e fomenta o respaldo a ser divulgado em todas as direções. Da inédita Identificação Geográfica, de Procedência, da Erva-mate São Matheus, como produto sem igual no Planeta.

³⁰CUNHA, W. CAMINHOS DO CAMPO, G1 PR. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/caminhos-do-campo/noticia/produtores-de-erva-mate-de-sao-mateus-do-sul-recebem-selo-de-indicacao-geografica.ghtml>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

Referências

CUNHA, W. CAMINHOS DO CAMPO, **G1 PR**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/caminhos-do-campo/noticia/produtores-de-erva-mate-de-sao-mateus-do-sul-recebem-selo-de-indicacao-geografica.ghtml>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

DA REDAÇÃO. **Açaí e erva-mate: os queridinhos que valem quase R\$ 1 bilhão. Gazeta do Povo**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/agro-negocio/agricultura/acai-e-erva-mate-os-queridinhos-que-valem-quase-r-1-bilhao-07nr6xorsje21dfzqefb1tjm1?comp=whatsapp>>. Acesso em 5 de novembro de 2017.

MASIERO. L. A. **Lavoura, Indicação Geográfica: Vale dos Vinhedos**. 2013. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/642177-A-LAVOURA-696/>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

MENEGATTI. A. **Sebrae, Selo de Indicação de Procedência da erva-mate será lançado nesta quinta-feira**. Disponível em: <<http://www.pr.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/PR/selo-de-indicacao-de-procedencia-da-erva-mate-sera-lancado-nesta-quinta-feira,03d885e7150ae510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em 5 de novembro de 2017.

PROPRIEDADE INDUSTRIAL, Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/menu-servicos/indicacao-geografica>>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

TOPPEL. R. **Palestra ministrada no 4º Fórum da Erva-mate do Território Vale do Iguaçu, em 09 de novembro de 2017**. Uniguaçu – União da Vitória.

VALE DOS VINHEDOS - Aproveite - RS - Brasil. Disponível em: <<http://www.valedosvinhedos.com.br/vale/index.php>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA ERVA-MATE SÃO MATHEUS E SUA POSSÍVEL CONSOLIDAÇÃO COMO IDENTIDADE LOCAL

Filipe de Souza dos Santos

Um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura, é como uma árvore sem raízes

Marcus Garvey

Quando uma sociedade está disposta a fortalecer a sua identidade, cria novas alternativas, reinventa-se. Os autores Kleinschmitt e Guareschiykegaya (2012, p. 96) afirmam que identidade “[...] é a construção do sentimento de pertencimento pelos indivíduos localizados neste recorte político-territorial”. Portanto o valor de uma nação, estado ou território depende dos seus membros, os quais poderão valorizar cada uma das suas particularidades, orgulhando-se de seus atributos.

Muito embora, gradativamente, a sociedade se depare com mudanças em suas crenças e costumes e tendo como consequência passar a encarar de outro modo o “mundo” atual no qual está inserido, essas variações não devem causar a perda da força identitária presente culturalmente nas raízes desse povo.

Os autores Haesbaert e Mondardo (2010, p. 21), em seus estudos, apontam que é de extrema importância ressignificar como um território é formado: “[...] a mobilidade e a multiplicidade do espaço configuram um grande potencial para trocas e mesclas culturais que apontam para uma ‘nova’ realidade socioespacial, reveladora dessa reinvenção de territorialidades”. Todavia, mesmo que haja reinvenções e novos desafios, os saberes pertencentes ao conhecimento histórico-geográfico devem permanecer junto às novas gerações.

Portanto sociedades que conquistam novos horizontes em sua história passam por um processo de amadurecimento em relação as suas raízes, compreendem que outras influências podem ocorrer, mas que compreender a sua essência é fundamental.

Em 2017, a região que abrange os municípios de Antônio Olinto, Mallet, Rebouças, Rio Azul, São João do Triunfo e São Mateus do Sul recebeu a primeira

Indicação Geografia (IG) da erva-mate do Brasil, concedida pelo INPI³¹ (Instituto Nacional de Propriedade Industrial) e esse território passou a ser conhecido como IG da Erva-mathe São Matheus.

Esse selo passou a garantir a qualidade do produto comercializado, por apresentar características de manejo diferenciadas, como o seu plantio em áreas sombreadas, colheita, processamento e armazenamento. Esse reconhecimento se deu após a constatação da existência dessa agricultura, que é praticada há séculos pelos poloneses da região, pois o cultivo da erva-mate remonta ao período colonial.

Compreendendo que a erva-mate é uma das maiores fontes de renda e trabalho da região, os atores da sociedade são-mateuense estão buscando consolidar uma identidade local voltada para esse produto, que, além dos produtos com base na erva-mate, também agrega projetos voltados para a criação de espaços para o ecoturismo e gastronomia.

A importância da participação cívica no desenvolvimento regional

Os agentes envolvidos nas políticas públicas, que facilitarão o desenvolvimento regional, sem dúvida, necessitam de apoio irrestrito da governança local para condicionar o aumento da capacidade de crescimento real de um espaço. Para Lima e Oliveira (2003), pensar em desenvolvimento regional é, antes de tudo, pensar na participação da sociedade no planejamento contínuo, na maximização do seu potencial local e com distribuição dos frutos desse processo de crescimento.

As propostas para que o desenvolvimento de uma região fosse analisado de modo endógeno, em um sistema produtivo, deram-se a partir da década de 1970, quando perceberam que locais com aspectos semelhantes de investimentos cresciam desordenadamente e, muitas vezes, de modo descompassado. Desse modo buscou-se verificar qual era a influência dos arranjos produtivos neste processo.

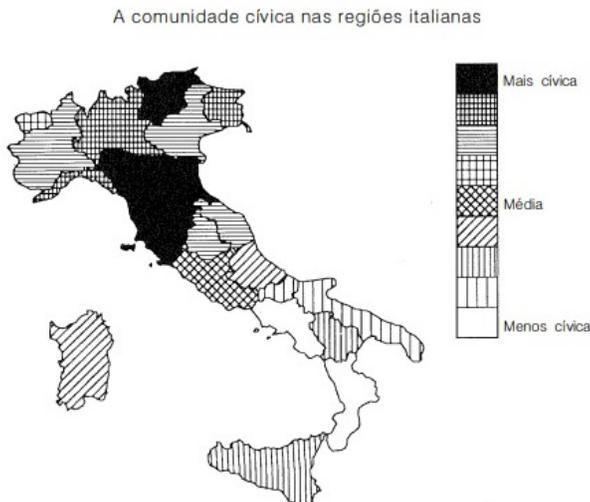
³¹ É uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, responsável pelo aperfeiçoamento, disseminação e gestão do sistema brasileiro de concessão e garantia de direitos de propriedade intelectual para a indústria. Entre os serviços do INPI, estão os registros de marcas, desenhos industriais, indicações geográficas, programas de computador e topografias de circuitos integrados, as concessões de patentes e as averbações de contratos de franquia e das distintas modalidades de transferência de tecnologia. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/sobre/estrutura>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

Somos expectadores e protagonistas de uma extraordinária velocidade no desenvolvimento dos mais variados ramos do conhecimento humano, rapidez esta representada especialmente pelos sucessivos aprimoramentos e inovações nos campos científico e tecnológico. Inseridos nesse contexto de mudanças e transformações técnicas, sociais e econômicas, acentua-se a importância de descobrir novas metodologias que forneçam condições para que essas áreas se desenvolvam [...]. (Bortollini, 2003, p. 15).

Atendendo à perspectiva de desenvolvimento na Europa, baseado no Capital Humano, o autor Robert Putnam³² se propôs a compreender como o desenvolvimento entre o Norte e o Sul ocorreu de forma distinta na Itália.

Em sua pesquisa que durou 20 anos, de 1970 a 1990, constatou que os investimentos e recursos foram similares nas duas regiões e que a modernidade e a democratização foram fatores de conexão. Para ele, a participação da comunidade de forma mais efetiva no Norte pode ter sido um fator-chave no processo de desenvolvimento econômico dessa região. A figura 1 representa a participação cívica nas comunidades italianas:

FIGURA 1: A comunidade cívica nas regiões italianas (1970 a 1990)



Fonte: Putnam (2002, p. 111)

³² Cientista político, professor norte-americano, com atuação em Harvard. O autor realizou uma série de estudos que podem confirmar o engajamento cívico com a performance de instituições sociais e governamentais.

Percebeu-se, portanto, a relevância de se considerar o pensamento de uma população que procurou participar e que buscou integrar-se às políticas públicas voltadas para a melhoria contínua do espaço onde elas viviam.

Portanto, para o autor, o desenvolvimento diferenciado deu-se devido às características específicas da comunidade cívica, diz: “Na Itália contemporânea, a comunidade cívica está estritamente ligada aos níveis de desenvolvimento social e econômico.” (Putnam, 2000, p. 162). Desse modo, concluiu que:

1. A participação cívica são os cidadãos dispostos a buscar o bem comum;
2. Na igualdade política os cidadãos comportam-se em caráter de igualdade, muito embora sua contribuição seja individual, a prioridade é com o coletivo;
3. Com solidariedade, confiança e tolerância os cidadãos se mostraram prestativos, confiantes e respeitosos;
4. Na busca pela cooperação estão as associações e clubes desenvolvendo e promovendo atividades científicas, culturais, técnicas, profissionais, desportivas, recreativas, entre outras.

Os estudos sobre o território italiano continuam permeando as universidades do país e do exterior, comprovando teorias e construindo formas de repensar o território. Na Itália, os vinhos são uma identidade forte, pois, hoje, esse produto é uma das maiores bases de exportação do país e reconhecido mundialmente por sua qualidade.

Conclui-se, desse modo, que quando as nações buscam um desenvolvimento contínuo elas devem dar ênfase à participação cívica, pois ela é determinante para um crescimento ordenado na busca por novos espaços ou investimentos. Seu papel como agentes inovadores fez com que a base econômica se alterasse, promovendo benefícios significativos nas áreas onde estavam localizados.

Na década de 1990, as expectativas quanto ao desenvolvimento regional endógeno propunham que ele se iniciava a partir de expectativas locais. Sua fundamentação se dá em um sistema fechado que busca identificar potencialidades locais fortemente aceitas por aquela sociedade com expectativa de um desenvolvimento diferenciado.

E, ainda, a busca por uma identidade depende de uma série de fatores, entre eles, destaca-se a necessidade de uma análise a partir das potencialidades histórico-geográficas locais, tais como: localização, aspectos culturais, econômicos e sociais.

Após a determinação de suas potencialidades, outro estudo amplamente explorado é a de criação de “Arranjos Produtivos Locais”³³, mais conhecidos como APLs, que são aglomerações de empresas que estão localizadas em um mesmo território, e se especializam na cooperação.

Para tanto, fazem-se necessárias a interação e articulação entre governo, associações empresariais, comunidade acadêmica e uma gama de pesquisadores, para que juntos criem uma rede de inovação com foco para aumentar a produtividade local, formando e capacitando profissionais para trabalhar em uma atividade específica para a consolidação dessa identidade local previamente estabelecida.

Vale ressaltar que um arranjo produtivo será desenvolvido, se ele atender a uma série de encaminhamentos e estudos, com base em uma rede de pesquisadores, como é apresentada por Cassiolato e Lastres (2002).

O arranjo produtivo do vinho no território do Rio Grande do Sul como um exemplo de identidade local

Na tabela 1, há exemplos de alguns dos principais arranjos produtivos no Brasil, bem como seu avanço em diversos territórios. Um dos destaques nesse cenário é o arranjo produtivo do vinho no território do Rio Grande do Sul, um estado em que seus produtos ganharam o mercado local e que, atualmente, abastecem o mercado nacional.

Tabela 1: Arranjos produtivos locais por grau de territorialização e mercados de destino da produção

Mercado: destino da produção	TERRITORIALIZAÇÃO		
	Alta	Média	Baixa
Mercado Local		Couros e calçados (PB) Rochas Ornamentais (RJ)	

³³ Segundo o Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos Locais (2003): arranjos produtivos locais são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais - com foco em um conjunto específico de atividades econômicas - que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas - que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros - e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras organizações públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos, como escolas técnicas e universidades; pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento.

Mercado: destino da produção	TERRITORIALIZAÇÃO		
	Alta	Média	Baixa
Mercado Nacional	Biotecnologia (MG) Software (RJ, SC) Móveis (SP) Soja (PR) Vinho (RS) Materiais Avançados (São Carlos)	Têxtil e vestuário (SC) Móveis (ES, MG, RS) Telecomunicações (Campinas, PR) Têxtil e Vestuário (RJ)	
Mercado Internacional	Frutas Tropicais (NE) Cerâmica (SC)	Couros e Calçados (RS) Mármore e Granito (ES)	

Fonte: Cassiolato (2003)

Com propostas inovadoras, essa região produz, além dos vinhos brancos ou tintos, secos ou suaves, espumantes e frisantes, que passam por um processo de engarrafamento e envelhecimento na origem, no qual obtêm altos padrões de qualidade, todo o processo é controlado para valorizar a qualidade e manter as características naturais dos produtos.

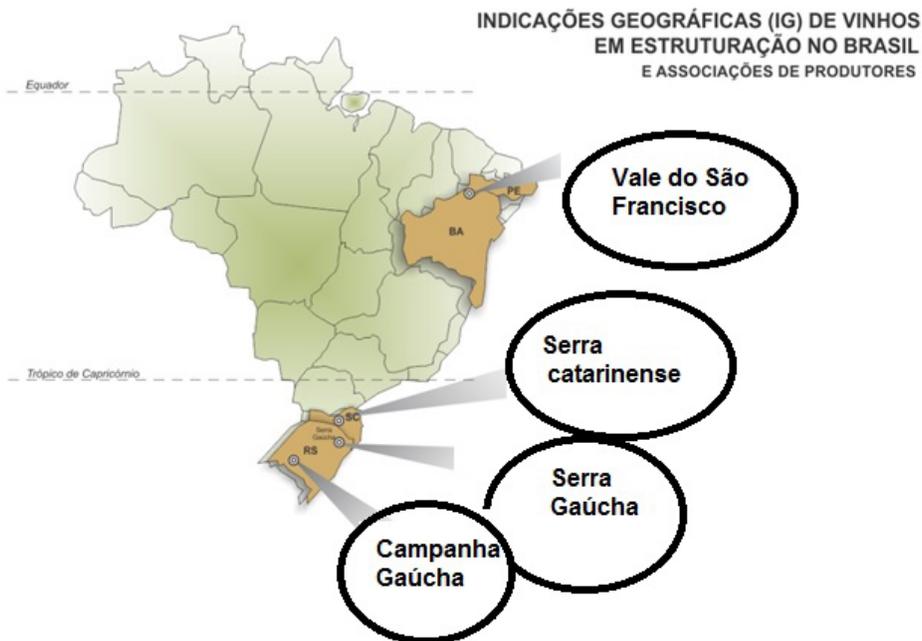
Desse modo, após a ampliação de toda a rede de colaboradores no Rio Grande do Sul, na década de 1990, por meio de um trabalho corporativo, o vinho passou a ser conhecido como uma identidade local com indicação de procedência, o que possibilitou uma série de mudanças na cadeia produtiva, tecnológica e comercial, que ajudou o país a ser, hoje, o 15º maior produtor de vinho do mundo.

Há, ainda, um progresso desse mercado em outras regiões do país, como no território da Bahia e de Pernambuco, que antes eram reconhecidos por terem um território árido e semiárido. Hoje, após iniciarem um trabalho para selecionar variedades distintas de uvas que se adaptariam melhor à região e pesquisar técnicas de irrigação, estão competindo nesse mercado.

Então, o avanço do reconhecimento do produto sobre o território é relevante para que sua identidade local seja afirmada, conseqüentemente, esse reconhecimento leva ao aumento da produção. Com o número de colaboradores crescendo, aumenta o público-consumidor, possibilitando ao setor, condições econômicas para inovar com o desenvolvimento de novos produtos com base na mesma matéria-prima.

A figura 2 mostra as Indicações Geográficas (IG) de vinhos em estruturação no Brasil.

Figura 2: Indicações Geográficas (IG) de vinhos em estruturação no Brasil



Fonte: Jorge Tonietto, Luciana Prado (Embrapa Uva e Vinho); Ivanira Falcade (UCS) - junho de 2017

Território e região: do conceito geográfico ao território do mate

A Geografia é a ciência que reconhece o território como sendo único e que pode sofrer mutações das mais variadas formas. Nele, os homens podem realizar transformações e ordenamentos conforme as suas necessidades. Milton Santos (1996), geógrafo brasileiro de renome internacional, discute o conceito de território em diversas obras. Especificamente em seu livro *A natureza do espaço – Técnica e tempo*, o autor faz uma reflexão conceitual:

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens super impuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima (Santos, 1996, p. 51).

Assim, o espaço como um todo é repensado pelas pessoas que vão buscar mecanismos para realizar as mudanças que são necessárias no local, percebendo quais potencialidades naturais podem ser exploradas de modo a realizar as mais diversas mutações, garantindo, desse modo, o sucesso econômico almejado.

Storper (1997) descreve sobre como a territorialização contribui nas diversas concepções de processos produtivos que induzirão às atividades econômicas concretas em uma sociedade. Para esse autor, as características econômicas de um espaço estão ligadas de modo inerente às interdependências que envolvem uma série de estudos específicos, não somente à localização geográfica que indica tal atividade.

Para Cassiolato e Lastres (2002), a territorialização no mundo atual é compreendida, também, a partir das interdependências que ocorrem no espaço, especificamente em trabalho e tecnologia diferenciados.

Desse modo, os agrupamentos de ideias de diversos atores sociais, como empresários, pesquisadores, governantes locais e a sociedade civil organizada, são essenciais para o sucesso de tal empreendimento.

Porém um espaço ser territorialmente diferenciado por seus produtos não é suficiente para a garantia de seu sucesso econômico. É fundamental que ocorra uma unificação corporativa do meio, ou seja, que se trabalhe no coletivo, aprimorando as potencialidades do local, para que, posteriormente, ocorra um progresso comum.

Nesse sentido, novamente, cabe uma correlação com o mercado do vinho na Serra Gaúcha, que ganhou reconhecimento por sua qualidade e diferencial. Abriu-se, nesse arranjo produtivo, uma rede de alta territorialização em nível nacional, o que permite, hoje, inovações para criação de novos tipos de vinho, com consumidores distintos, que buscam um produto: orgânico (produtos que não contêm uso de pesticidas ou produtos químicos); biodinâmico (no qual o cultivo das uvas não envolve compostos sintéticos ou fertilizantes); ou natural (sem adição de produtos químicos e fermentação baseada no suco da uva).

Portanto, para que uma região promova o seu desenvolvimento, primeiramente precisa determinar, por meio de estudos sobre suas características particulares, quais seriam seus verdadeiros pontos de referência a fim de se obter uma identidade local.

Nesse sentido, a cidade de São Mateus do Sul e região, no Paraná, que possui relações produtivas com a erva-mate desde o período colonial, foi, ao longo de muitas décadas, promovendo um destaque para o setor, o que garantiu, em 2017, ao município e região o selo que indica a procedência do produto, sua Indicação Geográfica (IG), afirmando cientificamente a qualidade da matéria-prima.

Identidade local: Erva-Mathe São Matheus

Em todo um conjunto social, uma rede de colaboradores fornece uma série de benefícios quanto à articulação de ideias para o desenvolvimento local e regional. Para tanto, é preciso o envolvimento sólido que busque a tomada de decisões, empreendendo, inovando e reunindo os interessados para maximizar o potencial já comprovado.

Visando à cooperação, no ano de 2017, juntamente com os municípios de: Antônio Olinto, Mallet, Rebouças, Rio Azul e São João do Triunfo, São Mateus do Sul, recebeu o registro de Indicação de Procedência, sendo nomeada a área Geográfica de São Matheus (figura 3). Essa foi a primeira IG da erva-mate no Brasil concedida a essa região pelo INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial³⁴.

FIGURA 3: Municípios que integram a Área Geográfica da região produtora da Erva-mathe São Matheus



Fonte: MACCARI JÚNIOR, 2017 (adaptada)

Pela tabela 2, segundo os dados do IBGE, a região da IG passou de 2,69% da produção nacional para expressivos 12,21% em 7 anos. Em relação ao Estado do Paraná passou de 9,38% para 33,03% nesse mesmo período. Mas o município de São Mateus do Sul é o que mais produz com 69,25% para 86,38% em relação ao total produzido pela região que compõe a IG.

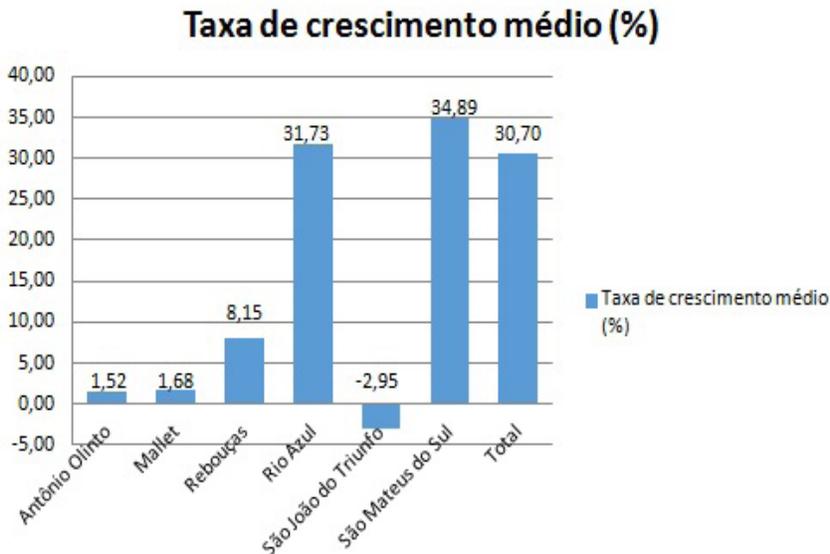
³⁴ O INPI concedeu à região a Indicação de Procedência da erva-mate da região, devido a uma série de fatores que somados garantiram essa conquista: características naturais do produto, bem como a parceria entre profissionais do Sindicato da Indústria do Mate no Estado do Paraná (Sindimate), câmara setorial de erva-mate (criada em 2010) e Associação dos Amigos do Mate, foram relevantes para todo o processo, além da parceria com a Universidade Federal do Paraná – UFPR e Sebrae – PR.

TABELA 2: Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras temporárias e permanentes

Brasil, Unidade da Federação e Município	Erva-mate (folha verde) – toneladas						
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Brasil	430305	443635	513256	515451	602559	546229	616213
Paraná	123132	122202	180853	195403	225078	161151	227804
Antônio Olinto (PR)	-	-	-	-	1800	1800	2000
Mallet (PR)	712	700	700	700	700	800	800
Rebouças (PR)	1040	1200	1110	2100	1980	1740	1800
Rio Azul (PR)	690	690	680	700	700	800	4750
São João do Triunfo (PR)	1110	1050	990	900	900	900	900
São Mateus do Sul (PR)	8000	8000	45000	50000	62000	6300	65000
Total região IG	11552	11640	48480	54400	68080	12340	75250

Fonte: Sidra – IBGE

E ainda, ao calcular a taxa de crescimento médio³⁵ da produção de erva-mate (gráfico 1) dos municípios que compõem a IG e o seu total, tendo em vista os valores da tabela 2, temos:

GRÁFICO 1: Taxa de crescimento médio da produção da Erva-mate (folha verde) 2010-2016

Fonte: Dados trabalhados pelo autor

³⁵ taxa de crescimento = (presente / passado)1/n - 1 .

Obteve-se o aumento médio da região da IG de 30,70%, com destaque para o município de São Mateus do Sul, que alcançou o maior avanço, com 34,89%, seguido do município de Rio Azul com 31,73%. Apresentaram, também, crescimento em sua produção os municípios de Rebouças, com 8,15%; Mallet, com 1,68%; e Antônio Olinto, com 1,52%. O único município da região que apresentou índice negativo para o período foi São João do Triunfo, com -2,95%.

A história que envolve a erva-mate e São Mateus do Sul – PR é ímpar e ela se reflete nessa maior representatividade de produção e, ainda, a sociedade civil do município tem-se organizado de forma ativa, para que o reconhecimento da região em relação à erva-mate se consolide.

Sua economia sempre foi baseada na agricultura e no extrativismo. A erva-mate já no início da colonização da região mostrou-se muito importante para o seu desenvolvimento. A navegação a vapor impulsionou enormemente a exportação da erva-mate, bem como da madeira.

Mas eis que um apito anuncia a chegada a um porto. Um depósito de madeira levanta-se à margem do rio; um morador das proximidades chega por uma vereda; o vapor carrega os produtos da região (erva-mate, feijão, milho) ou descarrega os gêneros que vêm de Curitiba (sal, açúcar, tecidos, ferragens, querosene) (Farah, 2012, p. 91).

O ciclo da navegação no Rio Iguaçu terminou na década de 1950, economicamente São Mateus do Sul estava passando por momentos difíceis, porém a erva-mate continuou sendo uma atividade importante na região.

Na década de 1970, com a instalação de uma unidade da Petrobras para a exploração de xisto betuminoso, apresentou-se um novo alento para a economia local. A Unidade de Industrialização do Xisto – SIX atuou empregando abundante mão de obra e foi considerada um diferencial na região.

A autora Faoro Conti (1982) realizou uma pesquisa, na qual destacou algumas das principais características a respeito da exploração do xisto em São Mateus do Sul. Diz: “A industrialização do xisto no Brasil adquiriu, então, contornos concretos com a construção da Usina Protótipo de Irati – UPI, em fase de conclusão na cidade de São Mateus do Sul”.

Atualmente, com o Brasil passando por um momento de dificuldade econômica, o município não ficou indiferente, principalmente devido ao número de empregados próprios da Petrobras transferidos, e com a redução das atividades das empresas terceirizadas, que tiveram de reduzir o seu número de funcionários.

Já sua agricultura, atualmente, está em ascensão com o crescimento de

culturas permanentes e temporárias³⁶ e é tradicionalmente diversificada, o que aumenta substancialmente o valor agregado que o setor agrícola possui em escala local. São variados os produtos cultivados em mais de 1.300 km² de extensão territorial.

Percebe-se pela tabela 3, que ocorre um destaque para algumas culturas permanentes em 2016: 1º lugar, com 65.000 toneladas, a erva-mate em folha verde; 2º lugar, tangerina, com 180 toneladas, e em 3º lugar, a laranja, com 150 toneladas.

TABELA 3: área colhida, produção, rendimento médio e valor da produção agrícola pelo tipo de cultura permanente – 2016.

Cultura permanente	Área colhida (há)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/há)	Valor (R\$1000,00)
Caqui	6	70	11667	182
Erva-mate (folha verde)	4800	65000	13542	91000
Figo	1	5	5000	14
Laranja	15	150	10000	135
Limão	1	10	10000	8
Pera	5	50	10000	75
Pêssego	10	30	3000	84
Tangerina	20	180	9000	135
Uva	13	39	3000	156

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal, 2016.

Novamente, a erva-mate que há décadas gera benefícios econômicos notáveis para a região, desperta na atualidade uma empolgação por parte dos municípios que poderão vislumbrar, em um futuro próximo, perspectiva de maior prosperidade à economia local com variedade de oportunidades que uma cadeia produtiva pode acarretar.

A erva-mate são-mateuense – e produção regional – vem adquirindo um novo verde, com a adoção de técnicas adequadas de manejo, cultivo e adensamento de ervas nativas, somadas a uma nova visão de mercado. Deixando das práticas tradicio-

³⁶“Cultura temporária: São culturas de curta ou média duração, geralmente com ciclo vegetativo inferior a um ano, que após a colheita necessitam de novo plantio para produzir, como, por exemplo: soja, milho, feijão etc. São incluídos nesta categoria o abacaxi, a cana-de-açúcar, a mandioca e a mamona, que apresentam ciclos de colheita muitas vezes superiores a 12 meses.

Cultura permanente: São culturas de longo ciclo vegetativo, que permitem colheitas sucessivas, sem necessidade de novo plantio, como, por exemplo, café, maçã, pera, uva, manga, laranja etc.” Fonte: IBGE.

nais e assumindo a cultura com profissionalismo, indústrias e produtores da região começam a trabalhar em parceria para apresentar melhores resultados, buscando atender melhor consumidores nacionais e clientes importadores, além de atrair novos mercados (Farah, 2012, p. 136).

A tabela 4 abaixo divide a quantidade de toneladas de erva-mate colhidas entre 2010 e 2015 no Estado do Paraná em relação ao Sudeste paranaense e São Mateus do Sul.

TABELA 4: Toneladas colhidas de Erva-Mate

	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Paraná	123.132	122.202	180.853	195.403	225.078	217.851
Sudeste Paranaense	86.461	91.880	134.995	153.125	182.390	174.80
MRG – Microrregião Geográfica de São Mateus	9.110	9.050	45.990	50.900	64.700	65.700
São Mateus do Sul	8.000	8.000	45.000	50.000	62.000	63.000

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Percebe-se que São Mateus do Sul apresenta uma forte representatividade na colheita da erva-mate *in natura*. Em 2008, foram colhidas no município 8.000 toneladas do produto. Já em 2015, houve um salto para 63.000 toneladas. A evolução de tal atividade promove um destaque para o local, de modo a aumentar significativamente a participação no seu PIB.

O crescimento dessa produção de 2010 a 2016 foi impulsionado por uma série de fatores, tais como: maior valor agregado; cultivo em áreas de preservação ambiental (mata nativa) e ervais nativos³⁷; além de políticas voltadas para os pequenos e médios produtores.

Temos, então, uma região que investe em produção agrícola, Milton Santos (1978) defende que, quando as características de um espaço são aproveitadas como um todo, a evolução ocorrerá de modo contínuo.

³⁷Terreno no qual já existem pés de erva, e o produtor pode intervir para sua melhor formação e/ou para o seu adensamento. O permeio do homem para melhorar um erval pré-existente consiste em fazer a roçada (tipo de limpeza do mato) na vegetação, deixando as árvores de grande porte. No solo encontram-se, sempre em grande número, sementes de erva-mate que após a roçada germinam dando origem a novas mudas. Podemos sintetizar o processo de adensamento como o plantio de mudas para o preenchimento de espaços disponíveis em ervais nativos, pois a irregularidade da distribuição das plantas gera uma minimização do uso do terreno. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alimentus1/objetos/erva-mate/agri_ervais.html> Acesso em: 11 fev. 2018.

[...] O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, [...] o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (Santos, 1978, p. 171).

De modo geral percebe-se o fortalecimento da cadeia produtiva na região, o que favorece a abertura de novos mercados para a comercialização do produto. O destaque dos municípios que contemplam a IG da Erva-mate São Mateus é para São Mateus do Sul, pois sua produção cresce de modo significativo, com áreas cada vez maiores e mais bem preparadas para o cultivo da erva-mate.

A qualidade da erva-mate, desde o plantio até o empacotamento, é identificada por meio do selo IG, o que transmite ao consumidor uma segurança que não é apenas limitada a sua saúde, mas que define o gosto refinado por um produto de alta qualidade.

A busca pela consolidação da identidade local, por meio da comercialização de produtos na base de erva-mate já está em andamento com iniciativa de produtores, comerciantes e governantes.

A erva-mate e suas perspectivas de mercado

Uma preocupação que invade os cenários de produção em nível mundial é o destino de seus produtos, visto que as empresas e instituições necessitam criar os mecanismos capazes de incorporar as suas reais intenções, pois o produto deixará de ser reconhecido apenas em sua região.

Cria-se, então, uma “rede” quando os sistemas produtivos locais estão concretizados. Cassiolato e Lastres (2000) e Villaschi e Campos (2001), em seus estudos sobre arranjos produtivos e sistemas produtivos, tratam a respeito da estrutura de cooperação necessária para definir os destinos da produção. Para eles:

- Mercado local/regional refere-se às empresas participantes do aglomerado que fornecem insumos para grandes empresas localmente estabelecidas ou que vendem produtos finais nesses mercados;
- Mercado regional/nacional está relacionado ao lócus da concorrência que se encontra num espaço econômico mais ampliado; e
- Mercado nacional/internacional dá-se por meio da concorrência em espaços mais globalizados.

Sobretudo é altamente necessário que se estabeleçam as prioridades da produção, pois cada um dos mercados acima descritos necessita de uma série

de requisitos para que os produtos possam avançar local, regional, nacional ou internacionalmente. As exigências são diferentes a cada setor e tipo de produto comercializado, passando por uma avaliação mais criteriosa, dependendo do território que se pretende alcançar.

O mercado para a erva-mate é amplo, com a comercialização de chás, erva tradicional com suas variações de sabor e suavidade, tererê, técnicas inovadoras de plantio e colheita, que seguem como boas práticas agrícolas, a qualificação da cadeia produtiva e empacotamento. A erva-mate possui vários atributos que lhe garantem para o mercado uma abertura maior e mais sólida.

Atualmente, existe a comercialização da erva-mate com o selo IG da Erva-mate São Matheus em pequena escala, vendida na própria região. A perspectiva futura dos empresários do setor ervateiro é a exportação, mas para tanto estão em processo de reorganização na busca de ampliação das áreas de colheita da erva-mate com as características exigidas para a obtenção da qualidade desse produto.

Considerações finais

A identificação de um território requer uma série de estudos necessários para a obtenção de um grau de compreensão acerca de uma realidade, sua identidade deve ser relativizada com base na cultura de um povo.

E ainda, quando se quer propor que um lugar possua uma identidade forte, é necessário que se analise quais serão as estratégias para que a proposta possa ser absorvida de forma positiva pela comunidade na qual ela estará inserida para promover sua diversificação econômica.

É interessante, portanto, que uma determinada localidade, apresente uma identidade local para que ela se destaque em meio a tantas outras, determinando, assim, não apenas uma presença territorial, mas uma contribuição significativa aos seus residentes, visitantes, criando uma potencialidade favorável para uma abertura a caminhos delineados e pautados na inovação, seja tecnológica, seja cultural, seja turística no que se pode citar.

No caso de estudos que envolvem atividades econômicas que são fortemente ligadas a *arranjos produtivos* como o da erva-mate é importante que se observe a amplitude que é dada para tal setor no local. A criação de novos grupos que podem ser desafiados a acrescentar possibilidades diferenciadas no desenvolvimento local é relevante. Portanto os novos rumos na economia local dependem também da criatividade dos empreendedores locais, que poderão aprimorar sua base econômica.

Outro importante fator é uma governança municipal, regional, estadual ou da nação, que permita que as propostas que vinculam com sociedade civil organizada possam se solidificar, criando novos caminhos para o desenvolvimento, pois a maior parte dos arranjos produtivos busca a cooperação, como o primeiro mecanismo a ser vinculado a um sistema de ações coletivas.

Toda a rede de alta territorialização na produção de vinho no sul do país serve de exemplo para a estruturação do mercado da erva-mate, sua qualidade poderá fomentar economicamente uma série de ações práticas que levarão os produtos da Erva-mathe São Mateus da região para outros lugares, afirmando que novos investimentos podem ocorrer e que é apenas o início de uma série de trabalhos que se devem potencializar ao longo dos anos.

O trabalho de reconhecimento do território da erva-mate em São Mateus do Sul e região deve-se a uma série de fatores. Porém, assim como o associativismo foi um dos principais fatores que impulsionaram o norte da Itália, a região da erva-mate é representada hoje pela Associação dos Amigos do Mate que promove eventos, seminários e reuniões divulgando a qualidade da erva-mate local na busca da solidez da erva-mate São Mateus e consolidando-a como uma referência no plantio, colheita, processamento e revenda do produto.

Em São Mateus do Sul e região, a criação do Arranjo Produtivo Local, tendo erva-mate como fator impulsionador, pode ser uma alternativa viável do ponto de vista econômico.

Não se pode esquecer que, para atingir um mercado local ou regional, a tecnologia aplicada para uma certa demanda deverá ser previamente calculada. Porém, conforme avançam os estudos ou se o que se deseja é atingir uma área maior, é preciso rever toda a cadeia produtiva bem como a tecnologia para atender à demanda e ainda os custos de transporte, mão de obra, entre outros que poderão surgir. Estudos estão sendo feitos para viabilizar os investimentos e infraestrutura, ecoturismo, comércio e gastronomia.

Portanto a erva-mate permanece como o principal produto agrícola permanente de São Mateus do Sul e em toda a região desponta como uma forte alternativa para melhora em relação à economia dos municípios integrantes da IG-mathe. Assim, por meio das várias iniciativas já aplicadas, a identidade local está sendo divulgada após a sua consolidação, a partir do reconhecimento de sua qualidade com a obtenção do Selo IG da Erva-mathe São Mateus, criando novos caminhos para o desenvolvimento da região como um todo.

Então, o avanço do reconhecimento do produto sobre o território é relevante para que a sua identidade local seja firmada, conseqüentemente, esse reconhecimento leva ao aumento da produção, pois com o número de colaboradores

crescendo, cresce o público consumidor, possibilitando ao setor condições econômicas para inovar com o desenvolvimento de novos produtos com base na mesma matéria-prima.

Referências

BORTOLLINI, S. L. V. **Aplicação de um modelo de desdobramento da teoria da resposta ao item – TRI**. Dissertação de Mestrado. EPS/UFSC, 2003.

CASSIOLATO, J. E. e LASTRES, H. M. M. **O enfoque em sistemas produtivos e inovação locais**. In: T. FISCHER (org.) Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação. Bahia: Casa da Qualidade, 2002.

CONTI, M. G. F. **A exploração do xisto em São Mateus do Sul – PR (subsídios para sua história)**. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982.

FARAH, A. L. de S. **São Mateus do Sul 100 anos**. Curitiba: Arte, 2012.

HAESBAERT, R. E MONDARDO, M. **Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana**. GEOgraphia, n. 21, 2010.

KLEINSCHMITT, S. C.; GUARESCHIYKEGAYA, T. **A identidade, a fronteira e a etnia no contexto global/local da sociedade contemporânea** In: TRINCHEIRO, H. H.; OLIVEIRA, T. C. Fronteiras platinas, território e sociedade / Héctor Hugo Trincherro, Tito Carlos M. Oliveira (Organizadores) – Dourados: Editora UFGD, 2012.

LIMA, J. E. de S.; OLIVEIRA, G. B. **Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável**. Ver. FAE, Curitiba, v. 6, nº2, p. 29-37, maio/dez. 2003.

LÜCHMANN, L. H.H. **Participação e representação nos conselhos gestores e no orçamento participativo**. Caderno CRH. Salvador, V. 21, n.52, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=arttext&pid=s0103-49792008000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08/02/2018.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

STORPER, M. **The regional world: territorial development in a global economy: Perspectives on economic change**. New York: Guilford Press, xiv, 1997, p. 338.

TENÓRIO, G. F. **Descentralização político-administrativa, gestão social e participação cidadã**. In: Governança territorial e desenvolvimento: descentralização político-administrativa, estruturas subnacionais de gestão do desenvolvimento e capacidades estatais. Valdir Roque Dallabrida (org.) Rio de Janeiro: Garamond, 2011, p. 90.

VILLASCHI, A. e CAMPOS, R. **From local to national systems of innovation: empirical evidences from the Brazilian case**. Texto apresentado na DRUID International Conference, Aalborg University, Aalborg, Dinamarca, 2001.

Sites consultados

CASSIOLATO, J. E. **Uma caracterização de arranjos produtivos locais de micro e pequenas empresas**. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Jose_Cassiolato/publication/238794255_Uma_caracterizacao_de_arranjos_produtivos_locais_de_micro_e_pequenas_empresas/links/54348bc30cf2bf1f1f27c6ee.pdf>. Acesso em dezembro de 2017.

EMBRAPA. **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**. Disponível em <<https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/indicacoes-geograficas-de-vinhos-do-brasil>>. Acesso em janeiro de 2018.

IBGE. **Sistema IBGE de recuperação Automática - SIDRA**. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pmc/brasil>>. Acesso em janeiro de 2018.

INPI. **Instituto Nacional da Propriedade Industrial**. Disponível em <<http://www.inpi.gov.br/sobre/estrutura>>. Acesso em dezembro de 2017.

IPARDES. **Caderno estatístico de São Mateus do Sul – IPARDES**. Jan 2018. Disponível em < <https://www.ipardes.gov.br>>. Acesso em janeiro de 2018.

LASTRES, H. M. M., CASSIOLATO, J. E. **Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais**. Novembro de 2003. Disponível em <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/GlossarioArranjosprodutivos.pdf>. Acesso em dezembro de 2017.

LÜCHMANN, L. H.H. **Participação e representação nos conselhos gestores e no orçamento participativo**. Caderno CRH. Salvador, V. 21, n.52, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=arttext&pid=S0103-49792008000100007&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em: 08/02/2018.

UFRGS. **Agricultura: tipos de ervais**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alimentus1/objetos/erva-mate/agri_ervais.html>. Acesso em 11/02/2018.

A CONQUISTA DO IG-INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA ERVA-MATE EM SÃO MATEUS DO SUL - PR: UM POTENCIAL PARA NOVOS EMPREENDEDORES NA ECONOMIA LOCAL

Filipe de Souza dos Santos
Marivanda Bortoloso Pigatto
Thuani Radzikowski Mruz
Mayara Griten
Franciele Roberta Nadolny

Oportunidades não surgem. É você que as cria
Chris Grosser

O desenvolvimento de uma região pode ser pautado em diversos aspectos: economia, turismo, gastronomia, comércio e indústria são alguns deles. Em São Mateus do Sul – PR existe a necessidade de investimento em variados setores, para tanto, as estratégias para empreender dependerão da capacidade de seus agentes em inovar. Complementando, as atividades ligadas à gestão empreendedora vão muito além de uma grande invenção ou de um simples negócio; o empreendedorismo representa uma capacidade que vai além, realizando algo diferente, que transforme as realidades de uma sociedade.

Damanpour (1992) adota a abordagem de que a inovação é uma ideia ou um comportamento de uma política, sistema, programa, equipamento ou processo. E ainda, Freeman e Soete (2008) destacam que a inovação consiste no uso de novo conhecimento para oferecer um novo produto ou serviço que o cliente quer, trata-se da invenção somada à comercialização. Augier e Teece (2008) afirmam em seus estudos que as estratégias necessariamente precisam estar em evolução constante, nesse caso o destaque fica por conta das lideranças.

Após a conquista da Indicação Geográfica São Matheus (IG), voltada para o setor ervateiro em escala mundial, principalmente na comercialização do produto, compreende-se que existe a necessidade de investimento em ações nesse segmento, que tem uma possibilidade de ser inovador. Hoje, existe a iniciati-

va dos empreendedores locais que estão fomentando a economia local. O autor Degen (1989, p. 10) diz que: “ser empreendedor significa ter, acima de tudo, a necessidade de realizar coisas novas, pôr em prática ideias próprias [...]. As pessoas que têm necessidade de realizar se destacam porque, independente de suas atividades, fazem com que as coisas aconteçam”. É necessário refletir que, para que uma ideia se efetive, são necessários planejamento e gestão, investimentos, parcerias, estabelecimento de relações de confiança e comprometimento entre os envolvidos.

Nesse sentido, ocorre desde 2015, em São Mateus do Sul, o festival gastronômico, oferecendo pratos de entrada, pratos principais e sobremesas, como sorvetes e bolos, que têm entre seus ingredientes, a erva-mate, conferindo, assim, um sabor diferenciado. Há, também, parcerias significativas entre hotéis e restaurantes, bares e pubs para a divulgação e degustação desses novos sabores na busca pelo sucesso dessa iniciativa.

Essas iniciativas despertam o senso de empreender, pois, como defende Dolabela (2003), o empreendedorismo é um fenômeno cultural, que se relaciona com o sistema de valores de uma comunidade, ou seja, sua visão de mundo. E, ainda, grupos estão sendo organizados para publicação de material de divulgação, no qual a comunidade local que visita o município pode conhecer com mais profundidade os atrativos do município. Há, também, cursos de curta duração desenvolvidos por diversas entidades, como o Sebrae, com o intuito de capacitar profissionais para atuarem diretamente na produção da erva-mate e produtos a partir dela.

Para colaborar com as ações de desenvolvimento local, professores e acadêmicos de Administração do Centro Universitário de União da Vitória - UNIUV, núcleo de São Mateus do Sul – PR, realizaram uma pesquisa de caráter exploratório, por meio de um questionário estruturado de 10 perguntas, aplicado aos empreendedores ligados ao comércio, segmento ervateiro e comunidade em geral, visando descobrir quais as perspectivas da população em relação à obtenção dessa indicação ao segmento ervateiro.

A erva-mate em São Mateus do Sul e a conquista da IG

Muitos são os municípios da região Sul do Brasil que se intitulavam como a capital da erva-mate, porém essa nomenclatura era pautada apenas na produção e comércio do produto. O *Ilex Paraguariensis* – a erva-mate da região – é comercializado há mais de um século no Paraná e é reconhecido internacionalmente devido à qualidade.

theus, são: São Mateus do Sul, Antônio Olinto, São João do Triunfo, Rebouças, Rio Azul e Mallet.

Com a conquista do selo IG erva-mate São Matheus, a região passou a ter um diferencial que vai muito além da produção in natura. Esse reconhecimento estimula no local a sustentabilidade ambiental, pois a melhor erva-mate é a nativa, que está inserida na Mata com Araucária, sombreada, que vai garantir o seu sabor e suavidade. Essa característica diferenciada agrega valor ao produto, e contribui significativamente para o desenvolvimento regional.

E, ainda, a região se submeteu a uma série de normas técnicas internas para a análise sensorial dos produtos com o objetivo de identificar os padrões de identidade e qualidade. No processo de normatização, foi necessário um grupo de pessoas responsáveis pela análise sensorial do produto e uma comissão de degustação.

Os proprietários rurais que demonstrarem interesse em possuir o selo da IG à sua produção de erva-mate devem associar-se ao grupo dos amigos do mate, e se adequarem às normas estabelecidas para garantia do produto. Assim poderão fazer parte da entidade e se beneficiar junto aos demais produtores que apresentam uma erva-mate diferenciada, de alta qualidade, com sabor, pois a região possui características únicas de clima e solo e condições naturais propícias para tal atividade.

O turismo como possibilidade de desenvolvimento local

Devido ao estresse da vida cotidiana nas cidades, as pessoas têm buscado um contato maior com a natureza e as possibilidades de lazer que o espaço natural oferece. Conforme salienta Avighi (2000, p.102), “O ‘viajante de vanguarda’ busca a realização interior e dá ênfase ao meio ambiente e à compreensão da cultura e da história de outros lugares, quer conhecer povos e se enriquecer culturalmente.”

As pessoas buscam ocupar o seu tempo livre, com várias formas de lazer, entre elas a troca de experiências com o meio rural e suas peculiaridades. O município de São Mateus do Sul – PR tem em sua área territorial um grande potencial turístico, verificado em atrativos naturais e socioculturais, potencial que pode tornar-se um mecanismo indutor do desenvolvimento local. Porém, para isso acontecer de forma adequada, é necessário implementar ações planejadas com o envolvimento do poder público, dos empresários e da comunidade local.

Sobre a sustentabilidade no turismo, comenta Ruschmann (2000, p.72) que, no turismo, “os recursos naturais e socioculturais devem ser desenvolvidos

de forma ordenada e planejada, para que possam ‘ser vistos e apreciados’ de forma adequada e que garantam sua originalidade e consequente atratividade para as gerações futuras”. Muitos podem ser os benefícios que o turismo pode trazer para um município. Entre eles, destaca-se a geração de renda para a comunidade local, que pode trabalhar de forma associativa na exploração de serviços de alimentação, hospedagem, aluguel de equipamentos e em serviços de guias. Quando a comunidade local passa a valorizar e proteger o ambiente cultural e natural em que vive, ela passa a apreciá-lo e terá condições de bem receber o turista (Murta, 2002).

Para que se desenvolva um destino turístico, é necessário entender qual a sua composição. Segundo Valls (2006, p.26), um destino turístico é composto “de produtos turísticos quais, por sua vez, se estruturam a partir dos recursos ou atrativos existentes no lugar”. E o que seriam então os atrativos? Seriam “locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los. Os atrativos turísticos podem ser naturais; culturais; atividades econômicas; eventos programados” (Brasil, MTUR, 2007b, p.27). Já sobre o Produto turístico, de acordo com o MTur, é “o conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos acrescidos de facilidades, localizados em um ou mais municípios, ofertado de forma organizada por um determinado preço”. (Brasil, MTUR, 2007c, p. 17).

Em São Mateus do Sul, está em fase de implantação uma Rota turística, denominada Rota do Mate, que, de um modo singular, propicia ao visitante o contato com atrativos da área urbana, como o monumento da cuia de chimarrão da Sanepar, a Igreja Matriz São Mateus, o chimarródromo, local onde é possível saborear o chimarrão local. Essa rota oferece, ainda, um passeio de ônibus às comunidades rurais, para visualizar as áreas de plantio de ervais, antigas igrejas de madeira e vivências nas propriedades, que oferecem alimentação diversificada com comidas típicas da cultura polonesa e ucraniana, e com o sabor da erva-mate.

A pesquisa realizada

Sabendo da importância e do impacto que o empreendedor exerce sobre a economia local, regional e do país, a Uniuvs e o Curso de Administração desenvolveram o projeto de extensão focado em: “Empreendedorismo e Inovação”, durante o segundo semestre de 2017, em São Mateus do Sul. O projeto desenvolveu atividades e uma pesquisa, ligadas ao setor ervateiro, que impulsiona há décadas a economia do município e de toda a região.

Nesse período, de aproximadamente 4 meses, foram organizadas reuniões com os representantes da IG-Mathe, nas quais houve a aproximação entre

acadêmicos, orientadores e Associação Amigos do Mate. Esse último grupo trabalha, organizando-se para divulgação dos produtos relacionados à erva-mate, trabalhando em conjunto com os comerciantes do município. São alguns exemplos desses produtos: *souvenirs*, cuias, bombas, ervas de diferentes sabores, alimentos, entre outros.

A cada reunião foi perceptível a empolgação de todos com a iniciativa do projeto de extensão, assim configurando um grupo unido em prol do desenvolvimento regional. No dia 21 de novembro de 2017, nas dependências da Uniuvs São Mateus do Sul, as acadêmicas do curso de Administração apresentaram os resultados dessa pesquisa no *I Simpósio da IG-Mathe: perspectivas da erva-mate no desenvolvimento regional*, que ocorreu no mês do empreendedor em São Mateus do Sul.

A abordagem da pesquisa foi um levantamento quantitativo que propiciou análise das informações coletadas por meio de um questionário com dez perguntas estruturadas. Utilizou-se de uma amostragem de 300 respondentes, residentes da cidade de São Mateus do Sul, e foram aplicados 200 questionários de forma pessoal e 100 questionários online (via *WhatsApp* e *Facebook*), durante o mês de outubro de 2017. O agrupamento dos dados ocorreu com o uso de gráficos de setores e gráficos de barras.

Resultados obtidos por meio do levantamento

As três primeiras questões estavam relacionadas a gênero, idade e residência, para buscar a visão de diferentes públicos em relação à obtenção do selo IG-Mathe São Mateus em 2016 pela região. Dos entrevistados, 51% eram mulheres (154) e os demais (146), 49% eram homens. Sua faixa etária é de adultos entre 26 e 39 anos, cerca de 63% (Gráfico 1).

GRÁFICO 1: Faixa etária

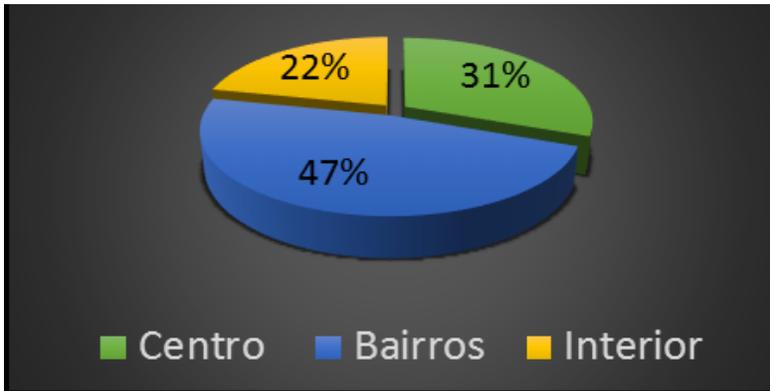


Fonte: dados da pesquisa, 2017

Essa informação, posteriormente, nos permitirá observar se a tradição de beber o chimarrão é passada de geração a geração.

Determinar o local onde moram é essencial para que tenhamos uma amostragem entre os três públicos diferentes; para tanto, optamos por entrevistar a população com residência fixa nos bairros, centro e interior do município, temos como finalidade constatar o alcance das informações que estão sendo amplamente divulgadas localmente. Pelo gráfico 2, verificamos que a maioria dessas pessoas, 143, mora nos bairros; 92, no centro; e 65, no interior.

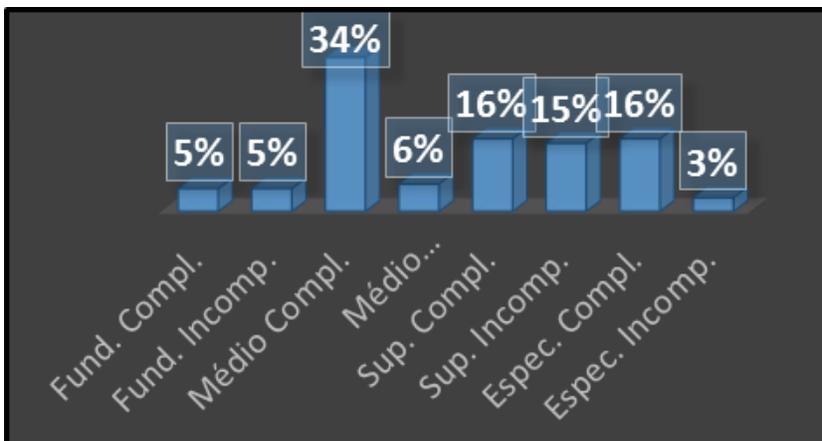
GRÁFICO 2: Local onde mora



Fonte: dados da pesquisa, 2017

Quanto ao grau de instrução, buscou-se reforçar a diversificação do público entrevistado, pelo gráfico 3 temos predominância para o Ensino Médio Completo (102), mas todas as categorias foram representadas por, no mínimo, 9 entrevistados.

GRÁFICO 3: Grau de instrução



Fonte: dados da pesquisa, 2017

Com o intuito de saber a visão não só dos ervateiros quanto à obtenção da IG erva-mate São Matheus, entrevistamos 210 pessoas da comunidade, 54, representando a classe de empresários e 36, os ervateiros ou produtores de erva-mate (gráfico 4), para que assim obtivéssemos uma diversidade de opinião, não apenas daqueles que estão diretamente relacionados à cadeia produtiva ou comercial da erva-mate, mas, sim, da população são-mateuense, de modo geral.

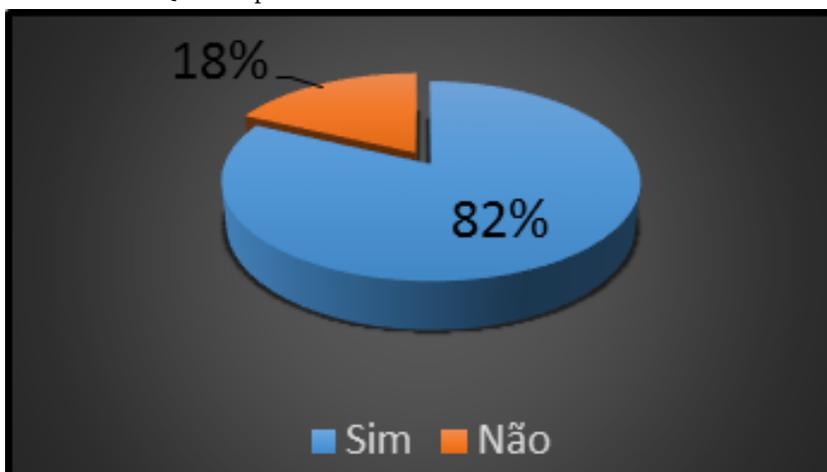
GRÁFICO 4: Setor a que pertence



Fonte: dados da pesquisa, 2017

A partir daqui as questões estão relacionadas à erva-mate. A primeira delas é sobre o seu consumo. No gráfico 5, que representa o número de entrevistados que tem o hábito de beber chimarrão, a bebida típica do Sul do Brasil, 246 responderam que sim.

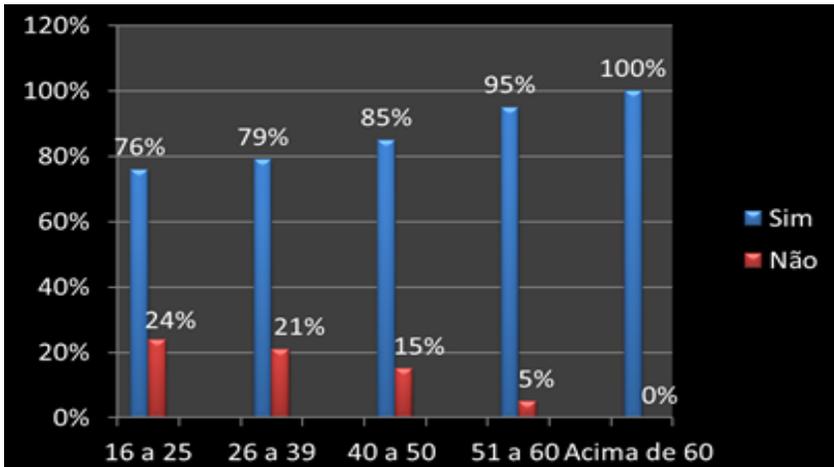
GRÁFICO 5: Quantos possuem o hábito de beber chimarrão



Fonte: dados da pesquisa, 2017

Com isso, como entrevistamos pessoas das mais diversas características, como idade, formação acadêmica e moradia, podemos concluir que a bebida está presente na maioria das casas dessas pessoas, sendo assim, comprovamos que a tradição do chimarrão perdura até os dias atuais, não importando a idade, fazendo parte da cultura do povo local. E, ainda, os resultados da questão sobre quem toma chimarrão, foram cruzados com a faixa etária de cada um dos participantes (gráfico 5.1).

GRÁFICO 5.1: hábito de beber chimarrão X faixa etária



Fonte: dados da pesquisa, 2017

Percebe-se que, conforme a população envelhece, mais ela aprecia essa bebida.

Quando questionadas quanto à obtenção da Indicação Geográfica (IG) da erva-mate, apenas 17 pessoas não sabiam do recebimento desse selo (gráfico 6).

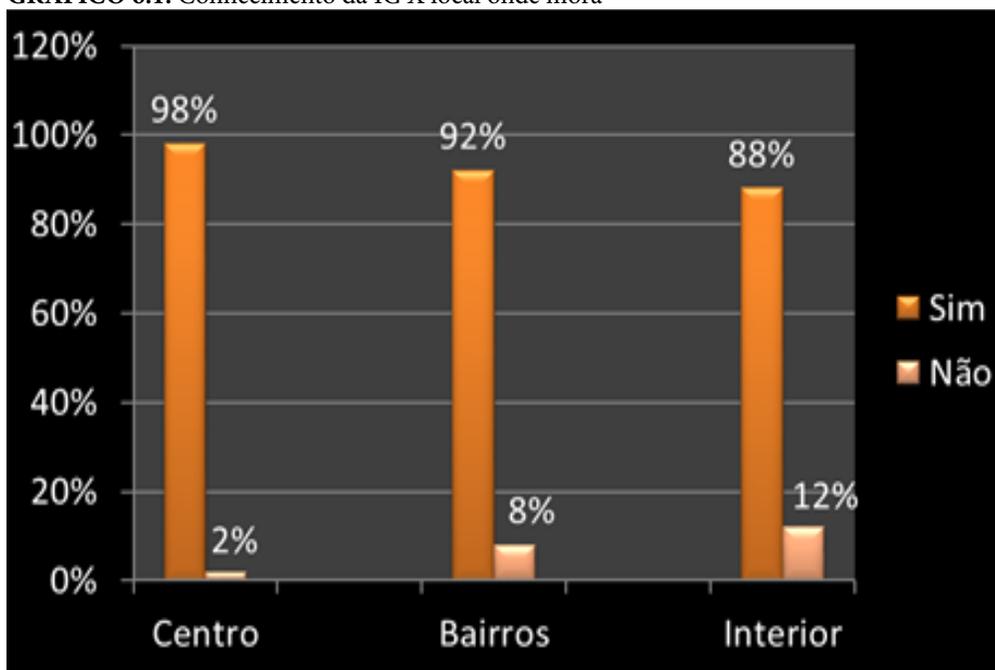
GRÁFICO 6: Quantos sabiam da IG



Fonte: dados da pesquisa, 2017

O que mostra que a divulgação dessa indicação está sendo feita de forma efetiva nas escolas, por meio de palestras, participação de seminários, discussões, reuniões com comerciantes locais, representantes governamentais locais, publicidade por meio de outdoor em pontos estratégicos da cidade, participação em festividades locais. Pelo gráfico 6.1, sobre se as pessoas têm conhecimento que a região recebeu o selo, nós a relacionamos com o local de residência de cada munícipe.

GRÁFICO 6.1: Conhecimento da IG X local onde mora

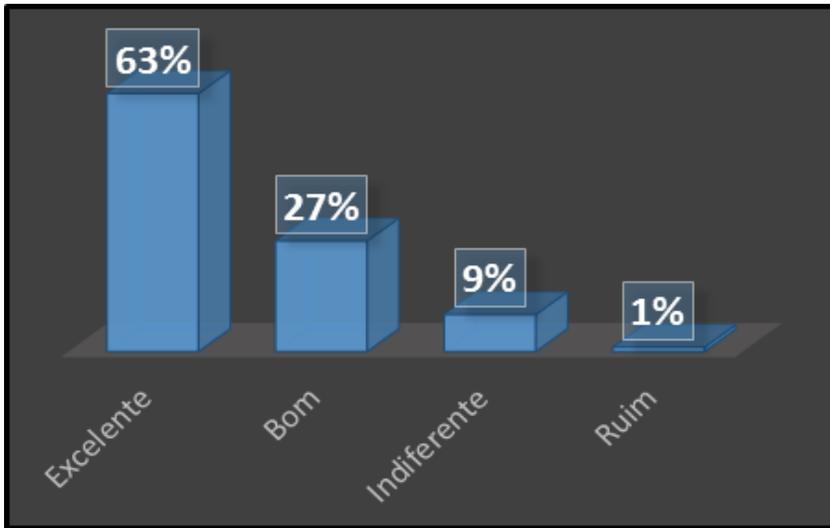


Fonte: dados da pesquisa, 2017

Das pessoas que moram no centro (92), apenas 1 desconhece; nos bairros (143), 9 desconhecem; e no interior (65), 7 desconhecem. Percebe-se que ao afastar-se do centro, existe um menor conhecimento do que é o selo da IG-Mathe. Portanto é necessário que o trabalho de divulgação se amplie em toda a extensão territorial do município, como uma forma de potencializar o reconhecimento desse diferencial para um número maior de munícipes, pois para que a identidade local da erva-mate São Matheus se consolide, o apoio da sociedade é essencial.

Quanto ao grau de satisfação quanto à obtenção da Indicação Geográfica (IG) da cidade, a maioria considerou excelente (gráfico 7).

GRÁFICO 7: Grau de satisfação com a IG



Fonte: dados da pesquisa, 2017

Isso mostra que o apoio dos entrevistados é de 90% em querer que o produto seja reconhecido com maior amplitude, sendo um índice significativo de apoiadores dessa conquista. Pelo gráfico 8, boa parte, 41% da população entrevistada, acredita que todos os setores terão crescimento com a obtenção do IG, assim, os benefícios econômicos serão absorvidos por um grande número de pessoas.

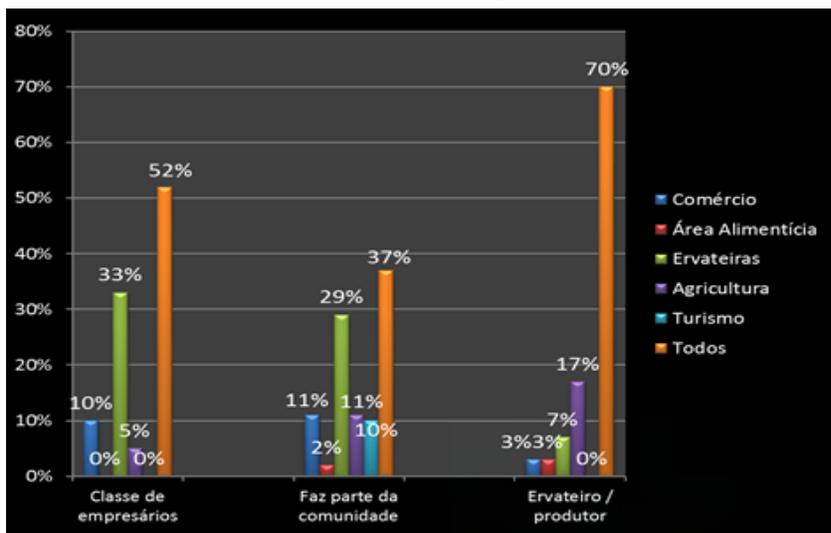
GRÁFICO 8: Expectativa dos entrevistados quanto ao setor de maior crescimento



Fonte: dados da pesquisa, 2017

Pelo gráfico 8.1, ao cruzarmos qual setor você acredita que terá maior crescimento com a Indicação Geográfica com a classe à qual representa, em todas as classes, a opinião de que todos os setores serão favorecidos permanece.

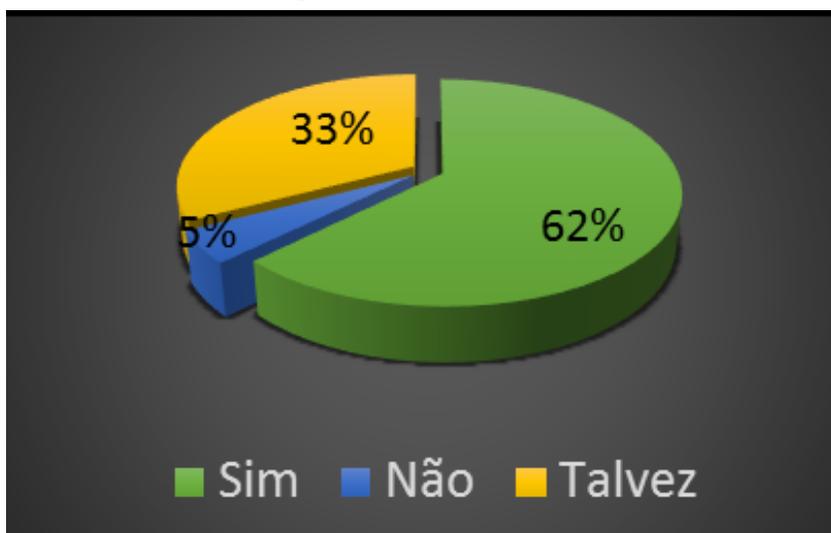
GRÁFICO 8.1: Setor de maior crescimento X por classe



Fonte: dados da pesquisa, 2017

E, finalmente, o gráfico 9 questiona sobre se eles acreditam que a obtenção do selo da IG alavancará o potencial turístico da cidade, a resposta para a maioria é sim (186).

GRÁFICO 9: Alavancará o potencial turístico



Fonte: dados da pesquisa, 2017

Considerações finais

Visto que São Mateus do Sul – PR necessita de investimentos em variados setores, para que haja a consolidação de uma identidade local, com a iniciativa no segmento do setor produtivo da erva-mate passando por profundas reestruturações, surgem novas expectativas para que ocorra o crescimento frente aos desafios inerentes ao processo de reconhecimento, por parte da comunidade em que está inserido.

É importante ressaltar que, por meio da análise da opinião de pessoas entrevistadas com características diferenciadas de grau de instrução, idade, faixa etária, local onde residem, grau de participação no setor produtivo da erva-mate, entre outras tantas singularidades, foi relevante para constatar que existe um grande otimismo por parte dos municípios em relação ao potencial de desenvolvimento municipal, pois havia uma expectativa de maior resistência por parte da comunidade no que diz respeito à conquista IG Mathe.

Visto toda a potencialidade da região ao obter a certificação do IG – Selo (indicação geográfica) da erva-mate São Matheus, que garante a qualidade da erva-mate local, que associada às características de solo e clima da região com o método de cultivo, tem uma identidade e um padrão diferenciado por ser mais saborosa e suave, o município está realizando uma série de atividades para a divulgação e ampliação desse mercado, com investimentos no setor produtivo, turístico e gastronômico.

Vale ressaltar que os benefícios angariados com a conquista da certificação trarão impacto em diversas áreas, refletido pelo grau de envolvimento de cada uma das pessoas participantes dos setores ligados direta ou indiretamente ao segmento. O projeto contemplou uma análise para obtenção de um diagnóstico sobre a visão da população no que diz respeito a essa conquista, que reflete uma cultura e tradição estabelecidas há muitas décadas.

E, ainda, a abordagem trouxe uma nova identificação sobre quais são as áreas, em que o trabalho de disseminação das informações relativas ao setor deve ser intensificado, como no interior do município, local em que a informação ainda é menos disseminada. O trabalho desenvolvido na região demonstrou que existem diversas possibilidades para o desenvolvimento local. A comunidade, em sua maioria, apoia atividades relacionadas a erva-mate, promovendo, assim, uma maior divulgação dos produtos de sua base, assim como de toda a região produtora.

Referências

- AUGIER, M.; TEECE, D. J. **Strategy as evolution with design**: the foundations of dynamic capabilities and the role of managers in the economic system. *Organization Studies*, 29(7&8). 2008.
- AVIGHI, C.M. Turismo, globalização e cultura. In.: LAGE, B.H.G.; MILONE, P.C. (Orgs). **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.
- BRASIL. Ministério do Turismo (Mtur). Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo — Roteiros do Brasil: **Módulo Operacional 7 – Roteirização Turística** / Brasília: Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, 2007b.
- BRASIL. Ministério do Turismo (Mtur). Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo — Roteiros do Brasil: **Módulo Operacional 8 – Promoção e Apoio à Comercialização** / Brasília: Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, 2007c.
- DAMANPOUR, F. **Organizational size and innovation**. *Organization Studies*, 13(3). 1992.
- DAMANPOUR, F. et al. **Combinative effects of innovation types and organizational performance**: a longitudinal study of service organizations. *Journal of Management Studies*, 46(4). 2009.
- DEGEN, R. J. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.
- DOLABELA, F. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.
- FREEMAN, C. & SOETE, L. A economia da inovação industrial. Campinas, SP: Unicamp, 2008.
- INSTITUTO DE QUÍMICA AGRÍCOLA. Memória - no 6 - **Contribuição para o Estudo da Região Ervateira**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1944.
- MACCARI Junior, A. Aspectos Históricos da Atividade Ervateira na Região de São Matheus. Indicação de Procedência São Matheus. 2016.

MURTA, S.M.; ALBANO, C.(Orgs). **Interpretar o patrimônio:** um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG/Território Brasilis, 2002.

RUSCHMANN, D.v.D.M. Gestão da capacidade de carga turístico-recreativa como fator de sustentabilidade ambiental - o caso da Ilha João da Cunha. In: LAGE, B.H.G.; MILONE, P.C.(Orgs). **Turismo:** teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

SALAMUNI, R.; HERTEL, R.J.G.; SILVA, J. **História do Paraná.** 2º Volume. Curitiba: Grafipar, 1969.

VALLS, Josep-Francesc. **Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis.** Tradução: Cristiano Vasques e Liana Wang. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DA ILEX PARAGUARIENSIS AO OURO VERDE DE SÃO MATHEUS DO SUL: A COMUNICAÇÃO COMO COMPOSTO ESTRATÉGICO PARA VALORIZAÇÃO DA ERVA MATE

Larissa Drabeski

Como planta nativa da região de São Mateus do Sul, a erva-mate sempre possuiu importância para os habitantes locais. Com o passar do tempo, a erva conquistou outros ambientes e agradou paladares, conquistou espaço e veio a ser produto-chave na economia regional.

Para que a erva-mate se tornasse um produto promissor e cobiçado, foi necessário o desenvolvimento na produção e na distribuição, melhorias no produto para agradar aos diversos públicos e, muito importante, comunicação adequada, para que o consumo se expandisse. É sobre esse componente que recai nosso olhar neste artigo. A comunicação pode ser usada de forma estratégica, para que a erva-mate de São Mateus do Sul seja valorizada como um produto diferenciado.

Nosso objetivo é identificar como a comunicação, alinhada a um planejamento estratégico de marketing, pode ser empregada de forma estratégica, para garantir maior valor agregado ao da erva-mate são-mateuense, imagem positiva e vantagem competitiva no mercado, tornando-se cada vez mais conhecida e reconhecida. Para isso, vamos traçar um breve panorama das conquistas alcançadas nos últimos anos, como a Indicação Geográfica da Erva-mate; a construção do Chimarródromo; a realização de eventos como o Natal Ouro Verde; a exploração do potencial turístico por meio do roteiro Caminhos do Mate; o resgate da história da produção ervateira com iniciativas como do Museu da erva-mate e o título oficial da cidade como “Terra da Erva-Mate”.

A análise foi feita com base nas teorias da comunicação organizacional, para analisar as ações tomadas até então e buscar identificar oportunidades e ameaças. Trabalho integrado, divulgação regional, desenvolvimento do marketing turístico e diálogo com a comunidade e com os públicos de interesse parecem ser os caminhos a seguir.

Erva-mate são-mateuense conhecida e reconhecida

O sabor diferenciado da erva-mate produzida em São Mateus do Sul conquistou um importante reconhecimento em 2017. O produto foi certificado com o registro de Indicação Geográfica (IG) – o primeiro para a *Ilex paraguariensis*. Esse registro, concedido pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial, é destinado a:

Produtos ou serviços que são característicos do seu local de origem, o que lhes atribui reputação, valor intrínseco e **identidade própria**, além de os distinguir em relação aos seus similares disponíveis no mercado. São produtos que apresentam uma qualidade única em função de recursos naturais como solo, vegetação, clima e saber fazer (*know-how* ou *savoir-faire*) (Ministério da Agricultura, grifo da autora).

A Indicação de Procedência da erva-mate da região de São Mateus do Sul abrange ainda os municípios de Antônio Olinto, Rio Azul, Mallet, Rebouças e São João do Triunfo, reconhecendo as seguintes características que fazem da erva-mate dessa região única:

Produção em ambiente parcialmente sombreado, utilização de sementes de árvores nativas da região produzidas artificialmente em viveiros, e forma de cultivo, como o espaçamento entre as árvores, nutrição do solo, e podas. O fato do território de incidência da erva-mate estar recebendo mudas de outras regiões, evidencia a necessidade de proteção do produto, visto que em longo prazo a originalidade pode ser perdida, bem como as características que tornam a erva-mate deste local única e diferente. Portanto a Indicação de Procedência, em análise no INPI certamente protegerá o território no que tange a tradição na produção da erva-mate (Sebrae).

Em outras palavras, podemos afirmar que o selo de indicação geográfica é o reconhecimento da riqueza ambiental e cultural da região. Destacamos na definição da IG a questão da identidade própria da região. A partir dessa noção podemos pensar em formatar e valorizar essa identidade local por meio de estratégias comunicacionais, inseridas em um planejamento estratégico de marketing, como veremos nos tópicos a seguir.

Marketing e a sustentabilidade das IGs

Neste artigo, nosso objetivo é destacar o papel da comunicação vista de forma estratégica para a consolidação da erva-mate são-mateuense como um produto de destaque de mercado, o Ouro Verde. Vale destacar que a comunicação, para ser aplicada estrategicamente, requer um planejamento adequado, por isso ela terá resultados mais efetivos quando estiver em um planejamento mais amplo de marketing.

Para compreender a importância do Marketing para a valorização do produto reconhecido com o selo de Indicação Geográfica, precisamos inicialmente compreender a definição plena desse termo, que vai muito além de buscar vendas, envolve conhecer o mercado consumidor e buscar sanar as suas necessidades. O Marketing pode ser definido como: “conjunto de atividades humanas que tem por objetivo facilitar e consumir as relações de troca”. (Kotler, 1991, p. 36). Para melhor elucidar esse conceito, vale destacar o que o Marketing não é:

Marketing não é apenas propaganda. [...] Marketing não é exclusivamente venda, mesmo que o objetivo final seja estabelecer uma relação de troca com o consumidor final. Marketing não é uma tábua de salvação: ele de nada adianta se o serviço for essencialmente de qualidade ruim ou duvidosa [...]. Marketing não é a manipulação de pessoas e informações: é, antes de tudo, um elemento que busca atender as necessidades de um determinado público (Colombo *et al.*, 2008, p.18).

Essa análise foi feita voltada para o marketing de serviços, mas os objetivos de estabelecer uma relação com o consumidor e a necessidade de ter um bom produto cabem a todas as empresas, organizações ou mesmo regiões que pensem em adotar um planejamento de marketing.

O marketing aplicado de forma plena pode ser grande aliado para permitir a sustentabilidade do projeto da indicação geográfica, conquistando o apoio cada vez mais efetivo tanto da cadeia produtiva quanto dos consumidores.

A contribuição do marketing para regiões com a indicação geográfica já foi abordada em outras pesquisas. “O marketing e as denominações de origem e indicações geográficas: o caso da Região Alentejo” foi a pesquisa desenvolvida por Cristina Isabel Galamba Marreiros, em 1997, pela universidade de Évora, em Portugal. A autora do trabalho destaca o incentivo da Denominação de Origem para a produção agrícola tradicional de qualidade, que tenha foco na identificação regional. Nessa pesquisa foram entrevistados os responsáveis pela

certificação, controle ou comercialização de 13 produtos da Região de Alentejo certificados com o selo de Indicação Geográfica. Durante esse processo, foram identificadas as estratégias comerciais de cada produto, a fim de comparar a evolução comercial após a certificação.

Foram detectadas duas realidades opostas; a primeira em que a protecção do nome do produto e os incentivos criados para a sua promoção conduziram a alterações na organização da produção, nas estratégias desenvolvidas e na valorização do produto, permitindo a criação de mais-valias para os produtores e, a segunda, em que aquela protecção não teve quaisquer efeitos ao nível do produtor. Pôde concluir-se que o impacto da adopção das denominações na produção depende do seu grau de integração e das estratégias de marketing adoptadas (Marreiros, 1997, p. 8).

A partir dessa análise, a autora conclui que as estratégias de marketing, especialmente aquelas adotadas conjuntamente, foram essenciais para o desenvolvimento dos produtos certificados. Ou seja, para que o reconhecimento atestado pelo selo se torne uma vantagem competitiva, é necessário adotar um planeamento de marketing.

Essa visão é reforçada por Sakr e Dallabrida (2015), que destacam a oportunidade de aprimoramento da gestão das IGs, a partir da adoção das abordagens de marketing: “como uma ferramenta que possa contribuir para efetivar a correta exposição mercadológica, a fim de tornar os territórios atrativos aos públicos pretendidos”. (Sakr; Dallabrida, 2015, p. 2).

Os autores propõem uma abordagem a partir da ideia de marketing territorial – uma vez que a indicação geográfica é baseada em uma noção territorial – como forma de identificar e atender às necessidades dos públicos que mantêm relação com essa região. O marketing territorial pode ser usado para construir ou modificar uma imagem do local, que deve ser compartilhada pelos atores locais³⁸.

Muito mais do que pensar na comercialização dos produtos, as estratégias de marketing devem planejar ações que levem em consideração o bem-estar dos moradores, promover políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento sustentável. Outra função do marketing territorial é promover a visibilidade do lugar. Todas essas questões devem ser previstas em um planeamento de marketing, que não deve ser demasiadamente agressivo, para que não descaracterize a

³⁸ Aqui temos dois conceitos que retomaremos em tópicos a seguir: a identidade e a relação com os públicos estratégicos.

identidade local. Nesse planejamento, deve estar contido o plano de comunicação, que contempla as estratégias comunicacionais que contribuem para consolidar os diferenciais competitivos daquela região (Sakr; Dallabrida, 2015).

Por fim, os autores deste trabalho refletem sobre como alcançar o desenvolvimento territorial, por meio de uma IG. A conclusão é que não basta a consolidação do produto no mercado, é necessário atuar estrategicamente na promoção e na divulgação do produto certificado. “A junção de esforços que abrange conhecimentos administrativos, de gestão e de gerenciamento é essencial para que a IG seja uma realidade, contribuindo no desenvolvimento territorial”. (Sakr; Dallabrida, 2015, p. 20).

Marketing 3.0 – do foco no produto às necessidades dos consumidores

A associação de uma IG ao território é imediata, por isso qualquer planejamento de marketing ou ação de comunicação deve vir alinhada à identidade e imagem territoriais (conceitos que aprofundaremos a seguir). No entanto, além do Marketing Territorial proposto por Sakr e Dallabrida (2015), propomos uma abordagem alinhada à noção do Marketing 3.0.

Vimos que a Indicação de Procedência da erva-mate de São Mateus do Sul está atrelada a uma preocupação de preservação do produto, que pode estar ameaçada pela inserção de mudas nativas e outras ameaças ambientais e econômicas, que vão muito além das citadas na definição do Sebrae. Esse elemento justifica a adoção dessa estratégia, que representa uma visão do marketing voltada para valores, que enxerga o consumidor como ser humano pleno, considerando também suas necessidades sociais. Entre essas necessidades podem estar a preocupação ambiental – como a preservação de mudas nativas e da floresta de araucária, na qual a erva-mate se desenvolve – e também sociais, considerando a cadeia produtiva desse produto, que possui grande número de empresas familiares.

Para entender melhor o marketing 3.0, é necessário entender o marketing desde o seu surgimento até sua posterior evolução. O surgimento do marketing confunde-se com o próprio surgimento do comércio, uma das primeiras atividades humanas, quando este ainda se dava pelo formato de escambo. A própria palavra marketing demonstra essa relação, uma vez que se trata de uma derivação da palavra latina *mercari*, que, na Roma Antiga, referia-se ao ato de comercializar produtos (Santos, 2009).

No entanto, o marketing só surgiu como área de conhecimento de fato no século XX. De acordo com Chauvel (2001), isso foi reflexo da economia de mercado que se generalizava no mundo ocidental.

Esse novo sistema transformou radicalmente as relações entre economia e sociedade, conferindo às atividades econômicas uma autonomia antes inimaginável. As relações existentes entre produtores, trabalhadores e consumidores seriam, a partir de então, regidas por leis de mercado e não mais pelo controle social. (Chauvel citado por Santos, 2009, p. 93).

Nessa fase inicial do seu desenvolvimento como área de conhecimento, especialmente entre a década de 1950 e 1960, o foco do marketing estava no produto. Nessa etapa, o importante era efetuar a venda.

Já entre as décadas de 1970 e 1980, a gestão do cliente ganha destaque, despertando a preocupação com o relacionamento, ou seja, como fazer com que aquele cliente voltasse a fazer novas compras. Por fim, na terceira fase, o consumidor é convidado a ter postura ativa, participando do desenvolvimento de produtos e comunicações da empresa. Dessa forma, vemos como o marketing desenvolve-se continuamente, adaptando-se a diferentes épocas da vida humana (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010).

Mesmo com sua evolução contínua, o marketing ainda sofre reflexos de sua falta de credibilidade.

Marketing é considerado sinônimo de vender, usar a arte da persuasão e até mesmo da manipulação. Mesmo depois do nascimento de sua versão mais moderna, que visa servir aos consumidores, muitas vezes o marketing continua a fazer alegações exageradas sobre o desempenho e a diferenciação e produtos para fazer uma venda (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p. 35).

De acordo com Kotler, Kartajaya e Setiawan (2010), vivemos agora o desenvolvimento de uma nova era do marketing, voltada para valores, na qual os consumidores são tratados como seres humanos plenos, com mente, coração e espírito. Nesse novo contexto, o consumidor não está mais preocupado unicamente com o produto ou serviço oferecido pela empresa:

Cada vez mais, os consumidores estão em busca de soluções para satisfazer seu anseio de transformar o mundo globalizado em um mundo melhor. “Em um mundo confuso, eles buscam

empresas que abordem suas mais profundas necessidades de justiça social, econômica e ambiental em sua missão, visão e valores”. (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p. 5).

Ainda segundo os autores, a era do Marketing 3.0 é caracterizada pela participação, pela globalização e pela sociedade criativa. “Essas três forças transformam os consumidores, tornando-os mais colaborativos, culturais e voltados para o espírito”. (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p. 5).

O maior propulsor do nascimento do Marketing 3.0 é a nova onda tecnológica, que, por facilitar a expressão e a colaboração dos indivíduos entre si, provocou enormes mudanças nos consumidores, nos mercados e no marketing ao longo do último século. Essa onda é impulsionada por computadores e celulares baratos, internet de baixo custo e fonte aberta.

Um dos fatores que influenciam o comportamento do consumidor nessa nova onda tecnológica é a ascensão das mídias sociais digitais:

À medida que as mídias se tornarem cada vez mais expressivas, os consumidores poderão, cada vez mais, influenciar outros com suas opiniões e experiências. A influência que a propaganda corporativa tem em moldar o comportamento de compra diminuirá proporcionalmente (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p. 9).

Essa constatação traz um desafio para as instituições: como se posicionar nesse novo mercado, no qual a comunicação institucional e a propaganda corporativa já não têm mais poder absoluto? A alternativa apontada por Kotler é que as empresas de fato colaborem com seus consumidores, pois “Hoje, os profissionais de marketing não têm mais controle total sobre suas marcas, pois agora estão competindo com o poder coletivo dos consumidores.” (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p.11).

Nesse aspecto, as mídias sociais podem ser um dos caminhos para atingir essa colaboração, uma vez que, de acordo com o autor, são pouco tendenciosas e de baixo custo, sendo elas o futuro das comunicações de marketing.

Os consumidores já não são mais indivíduos isolados; agora, estão conectados uns aos outros. Suas decisões não são mais inconscientes; ao contrário, são bem fundamentadas em informações. Não são mais passivos; são ativos, oferecendo feedback útil às empresas (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p. 12).

A era colaborativa também afetou o nível de confiança dos consumidores nas marcas:

Hoje, existe mais confiança nos relacionamentos horizontais do que nos verticais. Os consumidores acreditam mais uns nos outros do que nas empresas. A ascensão das mídias sociais é apenas reflexo da migração de confiança dos consumidores das empresas para outros consumidores (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p. 35).

Esse é o marketing colaborativo - o primeiro elemento básico do Marketing 3.0. Outra mudança impulsionada pelo avanço tecnológico é a globalização. De acordo com Kotler, a globalização é marcada por paradoxos no campo econômico, político, entre outros. No entanto o que tem impacto mais direto sobre indivíduos ou consumidores é o paradoxo sociocultural, segundo o qual: “a globalização cria uma cultura global universal e, ao mesmo tempo, para contrabalançar, fortalece a cultura tradicional”. (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p.15).

Na era marcada por paradoxos, as empresas podem, de acordo com Kotler, Kartajaya e Setiawan (2010), desempenhar o papel de propiciar continuidade, conexão e direção, abordando questões sociais, econômicas e ambientais da sociedade – temas que podem ser trabalhados continuamente em uma instituição de ensino, alinhados aos conteúdos programáticos, com temas transversais.

O marketing cultural é o segundo elemento básico do Marketing 3.0. O Marketing 3.0 aborda preocupações e desejos de cidadãos globais. As empresas que praticam o Marketing 3.0 devem estar a par dos problemas comunitários relacionados com seus negócios (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p. 17).

A ascensão da sociedade criativa é apontada por Kotler como a terceira força que impulsiona o Marketing 3.0:

Na sociedade criativa, as pessoas utilizam mais o lado direito do cérebro, trabalhando em setores criativos, como ciências, arte e serviços profissionais. A tecnologia é, mais uma vez, o principal fator propulsor dessa evolução (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p. 18).

Nessa sociedade que valoriza muito mais soluções criativas, a autorrealização pode ganhar importância diante de outras necessidades humanas.

Os consumidores estão não apenas buscando produtos e serviços que satisfaçam suas necessidades, mas também buscando experiências e modelos de negócios que toquem seu lado espiritual. Proporcionar significado é a futura proposição do valor de marketing. O modelo de negócio baseado em valores é o que há de mais inovador no Marketing 3.0 (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010, p. 21).

Por fim, pode-se notar que essas três forças observadas na sociedade influenciam diretamente a forma com que consumidores buscam produtos e serviços. Certamente, essas forças influenciam também os consumidores de produtos à base de erva-mate, por isso compreender seus comportamentos pode ser fundamental para que a IG promova em ações que colaborem para a preservação do meio-ambiente e da tradição da produção local.

Comunicação como componente estratégico

Como a comunicação deve ser utilizada em uma sociedade na qual o marketing é pautado por valores humanos? Para responder a essa pergunta, vamos entender o papel da comunicação em um planejamento de marketing. O Mix de Marketing, conceito criado em 1960 por McCarthy, é, ainda hoje, a base inicial para qualquer planejamento de marketing. Os 4 P's, como é popularmente conhecido, incluem preço, praça, produto e promoção – este último componente poderia ser mais bem compreendido como comunicação, uma vez que se refere aos esforços de divulgação do produto ou serviço³⁹.

Ao usar o termo comunicação, defendo aqui a visão de um processo amplo, que vai além da utilização dos meios de comunicação, mas passa, essencialmente, pela relação entre as pessoas: “A comunicação é um ato de comunhão de ideias e o estabelecimento de um diálogo. Não é simplesmente uma transmissão de informação.” (Kunsch, 2003, p. 161).

Essa visão é reforçada por Rudimar Baldissera ao tratar da comunicação organizacional:

Comunicar é criar vínculos. [...] A comunicação é, aqui, entendida como processo de construção de sentidos, processo esse que permite que os emissores/receptores, participantes de um complexo jogo de relações interativas, realizem o intercâmbio de mensagem, com diferentes graus de informações, mediante o uso de linguagens (Baldissera, 2000, p. 20).

³⁹ Conforme indica o conteúdo disponível no site www.mundoseumarketing.blogspot.com.br

Para este artigo, trazemos a proposta de analisar a questão da comunicação, com base nas teorias de comunicação organizacional. Entendemos que, no caso específico de São Mateus do Sul, há mais de uma organização envolvida no processo, no entanto, o trabalho em conjunto entre elas para a promoção das ações permite pensarmos nessa integração territorial. Além do mais, as referências aqui expostas poderão servir para análise e implementação de planos de comunicação em organizações envolvidas nesse cenário.

Ao citar comunicação, falamos de um processo muito mais complexo do que a simples transmissão ou recebimento de informação. Os primeiros modelos de estudos de comunicação traziam uma visão linear da comunicação, baseada em uma informação que percorria um sentido único, do emissor até o receptor. Se, nesse processo, houvesse ruídos – interferências externas – considerava-se que a comunicação não havia sido eficaz. De acordo com esse modelo, parece que transmitir as informações sem ruído é suficiente.

No entanto, a evolução dos estudos de comunicação demonstra que os papéis de emissor e receptor já não são mais suficientes para explicar como funciona um sistema comunicacional, que está muito mais próximo da circularidade. Hoje, o que antes era considerado como receptor ou como a audiência é também produtor de conteúdo, tendência que ganhou força com o desenvolvimento das redes sociais.

“A quantidade de informações transmitidas e recebidas não determina a qualidade da comunicação.” (Baldissera, 2000, p. 34). Se espalhar informações por jornais, rádios, redes sociais, entre outras mídias, não é suficiente para garantir uma comunicação de qualidade, qual seria a alternativa para conquistar o efetivo diálogo e a comunhão de ideias?

O primeiro passo é conhecer o contexto em que se pretende comunicar. É preciso analisar o momento vivenciado pela região da IG ou das empresas envolvidas, é necessário também conhecer o público ao qual a informação é dirigida, a fim de identificar indícios de como aquela informação pode ser recebida ou qual será a reação do público. “Somente com o detalhamento do contexto é que se pode planejar e alcançar eficácia na comunicação.” (Marchiori, 2008, p. 86).

Planejar é etapa fundamental para a comunicação efetiva da organização com seus públicos estratégicos. O planejamento, que não deve ser tratado como algo apenas operacional, mas como um serviço de inteligência, requer: “leitura ampla do macroambiente, diagnóstico ou auditoria interna, estabelecimento de procedimentos sistemáticos de avaliação”. (Bueno, 2005, p. 376). A intenção é que o planejamento sirva como base para tomada de decisões, por isso não deve ser feito de forma intuitiva, mas baseado em informações, dados e conhecimentos, aliados aos valores e à missão da organização.

De acordo com Baldissera (2000, p. 27), a inexistência do planejamento estratégico “tem, como consequência imediata, o agravamento das anomalias nesse tipo de comunicação”. Alguns dos resultados da falta de planejamento seriam:

a) a inexistência de um diagnóstico atualizado que descreva a situação da comunicação na organização e o perfil do público identificado como de interesse; b) a circulação de informações desencontradas; c) o uso de meios e linguagens não acessíveis ao público-alvo; d) o uso de codificações muito frouxas permitindo interpretações indesejadas; e) a inexistência de um fio condutor que funcione como referência para toda a comunicação oficial f) a extrema complexificação das mensagens, dificultando a sua descodificação g) a dificuldade em construir mecanismo, ou mesmo a inexistência deles, que permitam avaliar o processo de comunicação e fomentar a retroalimentação (Baldissera, 2000, p. 27).

Ainda que destaquemos aqui a importância do planejamento para que a organização se comunique com seus públicos, é preciso ter a compreensão de que a comunicação entre os públicos independe da ação da organização. De acordo com Marchiori (2008), se as pessoas se relacionam, elas estão se comunicando. A ausência de formalidade não diminui a relevância desse tipo de comunicação, essencial para formação da cultura organizacional. “A comunicação informal é uma prática independente das pautas e dos planejamentos estabelecidos pela organização, portanto, o fio que norteia esse tipo de comunicação somente pode ser conhecido pela observação analítica de suas materializações.” (Baldissera, 2000, p. 35).

Com relação ao público para o qual a informação é dirigida, temos um conceito importante que é o de públicos estratégicos ou *stakeholders*: aquelas pessoas ou grupos com os quais a organização mantém relação, tais como funcionários, clientes, investidores, poder público, entre outros. Esses públicos podem tanto afetar ações ou decisões da organização quanto ser afetados por elas (Marchiori, 2008). Por isso mapear quais são os públicos estratégicos da região da IG é um ponto importante para garantir uma comunicação mais eficaz.

O próximo passo é buscar colocar-se realmente no lugar desses atores, que podem ser consumidores, produtores de conteúdo, visitantes de outras cidades, integrantes do poder público que podem influenciar no negócio da *erva-mate*, entre outros. Nenhum desses atores citados seria um público que consome as informações passivamente, por isso o planejamento da comunicação deve considerar o consumo e a produção de informações ativos por parte do público.

Se, por um lado, a falta de planejamento pode trazer consequências desagradáveis para a empresa ou para uma IG, de outro, quando estratégias de comunicação são executadas de forma alinhada a um plano estratégico, ela pode ser bastante poderosa. “Para muitos segmentos, a comunicação (prestígio da marca, identidade corporativa, imagem e reputação, visibilidade na mídia etc.) é o instrumento de inteligência que contribui para moldar empresas líderes.” (Bueno, 2005, p. 373). A comunicação tem influência direta no que chamamos de ativos intangíveis, ou seja, elementos não mensuráveis que agregam valor à empresa, como marca, imagem, reputação, interação com a comunidade, entre outros (Bueno, 2005).

Cabe, então, fazermos uma diferenciação entre os conceitos de identidade e imagem. A identidade corporativa traduz aquilo que a organização – ou nesse caso, a região geográfica – realmente é, sua real personalidade, a qual é construída a partir do que o público interno faz. Já a imagem é relativa ao imaginário, é como aquela região é percebida pelos públicos de interesse, é relativa à narrativa que ela conta da sua história. Trata-se de uma visão subjetiva, pois depende da interpretação e da percepção que os *stakeholders* têm daquilo que é comunicado (Kunsch, 2003). Imagem tem a ver com o imaginário das pessoas, com as percepções. É uma visão intangível, abstrata das coisas, uma visão subjetiva de determinada realidade.

Para Bueno, ainda que subjetivos, esses elementos cada vez mais são tratados como garantia da competitividade no mercado. Para uma empresa tornar-se competitiva, é preciso estar atenta e investir nesses elementos. O autor refere-se principalmente a empresas que buscam a liderança de mercado. E quando o produto de uma determinada região busca destacar-se no mercado, o papel da comunicação seria diferente? Levemos em conta que a comunicação contribui para a criação ou desenvolvimento de ativos intangíveis bastante desejáveis para o produto de uma IG, como obter prestígio, valorizar sua identidade, imagem e reputação e ampliar sua visibilidade na mídia. A soma desses fatores certamente contribui para que o produto de determinada IG ganhe mais destaque no mercado externo, mais apoios do público interno e ganhe em sustentabilidade.

Para que a imagem seja valorizada, é preciso levar em conta os valores importantes para os *stakeholders*. A responsabilidade social e ambiental, por exemplo, é um valor importante para um segmento como a produção ervateira, para a qual a preservação da mata de araucária é fator essencial para a manutenção da qualidade do produto. Como já vimos na definição de Marketing 3.0, considerar os desejos sociais dos consumidores é fundamental para qualquer organização: “A comunicação de excelência, nos tempos modernos, está umbilicalmente asso-

ciada ao exercício da cidadania, à gestão da responsabilidade social, ao respeito à diversidade e à valorização profissional e pessoal.” (Bueno, 2005, p. 384).

Como a erva-mate de São Mateus do Sul vem sendo comunicada?

O reconhecimento da erva-mate são-mateuense com o selo de Indicação de Procedência não é um fato isolado. Podemos definir como resultado de um trabalho lançado em várias frentes, visando à valorização e ressignificação da erva-mate. Um dos primeiros marcos nesse sentido foi a inauguração do Chimarródromo, em dezembro de 2015, localizado na Praça Nossa Senhora da Conceição, em frente à Igreja Matriz São Mateus. Trata-se de um: “Espaço público onde a população terá água quente disponível para a realização de rodas de chimarrão no local. A ideia é consolidar o espaço como uma referência para a cultura do mate no município.” (Gazeta Informativa, 2015).

Antes ainda da inauguração do chimarródromo, o produto usado principalmente para o chimarrão e o chá mate, foi ganhando espaço e conquistando outros paladares. Um exemplo é a realização do Festival Gastronômico, por meio do qual as empresas locais foram incentivadas a criar receitas utilizando a erva-mate entre seus ingredientes. Assim, surgiram o sorvete, o pão de queijo, o bolo, entre outros produtos com um toque da erva.

Se a erva-mate já era apreciada em bebidas como o chimarrão, o tererê e o chá, por que não a adicionar também na produção cervejeira? Foi o que fez a cervejaria são-mateuense BierHerr em parceria com o movimento artístico Matte n’Roll e o mestre cervejeiro Guilherme Cominese. A cerveja Matte n’Roll, produzida em São Mateus do Sul, ganhou as torneiras de chope do país e agradou aos amantes de cervejas artesanais de qualidade, graças à inusitada mistura da erva-mate com malte e lúpulo.

Turismo com gosto de erva-mate

As belezas da Floresta de Araucária, onde é cultivada a erva-mate, também vêm sendo utilizada com a finalidade de atrair turistas de diversas regiões e de fortalecer a economia regional. Uma das iniciativas nesse sentido é a criação do roteiro turístico Caminhos do Mate, uma parceria entre as empresas são-mateuenses: Hotel Dom Leopoldo, Ervateira Baronesa e Restaurante Veneza. Acreditando que essa terra possui belezas únicas, capazes de atrair visitantes de diversas regiões, os três parceiros trabalham com o objetivo geral de fortalecer a imagem de São Mateus do Sul como destino turístico atrativo.

Além de conhecer a paisagem da região, com a arquitetura de influência europeia, e de aproveitar a recepção acolhedora dos habitantes locais em uma roda de chimarrão, os visitantes têm ainda a oportunidade de experimentar uma gastronomia típica com pratos originais à base de erva-mate no Restaurante Veneza e conhecer toda história da erva-mate em visita ao complexo produtivo certificado da Ervateira Baronesa.

O primeiro grupo de turistas dos Caminhos do Mate foi recebido em agosto de 2017 em um roteiro integrado à tradicional Festa de Nossa Senhora de Częstochowa, que acontece no dia 27 de agosto, na Igreja Centenária Polonesa da Água Branca.

Um dos pontos altos do roteiro é a visita ao Museu da Erva-Mate, construído na propriedade da Ervateira Baronesa. Ali é possível ver de perto a evolução da produção ervateira da nossa região. Os visitantes conhecem técnicas antigas, como o sapeco, técnica usada para a desidratação da erva-mate após a extração no mato; as furnas, estruturas rústicas feitas de madeiras e cipós onde a erva-mate era secada depois de sapecada. Um dos pontos mais marcantes da visita é o barbaquá, que data de 1912. A estrutura em madeira era utilizada para secagem e moagem da erva-mate. Na parte do barbaquá chamada de cancha, a erva era moída por meio da tração animal, o que dava o nome da erva produzida na região como erva-mate cancheada.

IMAGEM 1: Barbaquá reconstruído no Museu da Erva-mate



Fonte: Larissa Drabeski, 2017

Já vimos como a cultura da erva-mate influencia na culinária e no turismo, mas é importante destacar também seu papel em eventos promovidos na região. A mesma empresa responsável pela criação do Museu da Erva-mate lançou outra novidade em 2017, que fez com que a produção ervateira de São Mateus do Sul se destacasse em todo o país. O Chima Truck foi uma idealização da Baronesa e o primeiro existente nesse modelo. Inspirado nos populares *food trucks* (caminhões adaptados para a venda de comidas em feiras e outros eventos ao ar livre), um caminhão foi adaptado para servir chimarrão. Se o evento recebe o Chima Truck, é certo que as pessoas se juntam ao redor para conhecer um pouco mais sobre a história e os benefícios da erva-mate, além de reforçar o costume local, com o preparo e a distribuição gratuita de chimarrão. Além disso, o Chima Truck esteve em diversas escolas de São Mateus do Sul, levando às crianças mais informações sobre esse produto tão importante para a cultura, história e economia regionais.

Outro evento de destaque é o Natal Ouro Verde, que, desde 2016, promove as festas natalinas na cidade com referências à erva-mate. Inclusive o Papai Noel apareceu repaginado: vestido de verde. O evento, que visa valorizar a identidade local ligada à erva-mate, é promovido numa parceria entre várias organizações, entre elas a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Núcleo de Desenvolvimento e Empreendedorismo (NDE), IG-Mathe, Associação Comercial, Industrial e Agropecuária (ACIASMS) e Prefeitura Municipal.

Trata-se de uma mobilização a fim de consolidar a identidade são-mateuense ligada cultural, histórica e economicamente à erva-mate, e ao mesmo tempo revitalizar o espírito natalino, compartilhando o que há de mais precioso: o amor, difundindo esse conceito por meio de diversas ações (Diário dos Campos, 22 de novembro de 2017).

Assim a cidade trilhou os passos que a levaram a conquistar o título de “Terra da Erva-mate”, título oficializado pela Lei nº104/2017, publicada no Diário Oficial nº. 9990 de 20 de Julho de 2017.

Caminhos a seguir

Vimos até aqui elementos importantes que vêm contribuindo para a valorização da erva-mate são-mateuense. Entretanto esse produto tem potencial para ir muito mais longe e conquistar mais espaço. Agora a pergunta é: quais os caminhos a serem trilhados para que a produção ervateira dessa região seja des-

taque global? Certamente a resposta passa por uma abordagem transdisciplinar, na qual os conhecimentos de distintas áreas sejam somados em prol do benefício comum.

Entre os elementos abordados, destacamos alguns pontos que podem ser chave para pensar nos passos futuros. O primeiro aspecto é pensar num planejamento estratégico de forma integrada. A Indicação Geográfica da Erva-mate, assim como uma organização, também tem uma identidade e uma imagem. Somente com esse planejamento será possível definir as melhores formas de valorizar a identidade local, uma riqueza inestimável da região da indicação geográfica da erva-mate, e de definir a imagem com a qual a erva-mate de São Mateus do Sul quer ser conhecida e reconhecida. Iniciativas como a produção da receita da Matte n'Roll demonstram um produto versátil e de grande valor agregado, que se aproxima muito da ideia de Ouro Verde. Essa parece ser uma forma inteligente de sair de um discurso e demonstrar a imagem desejada com ações práticas.

Uma vez que se trata de uma abordagem territorial, é importante ter o foco no relacionamento com os públicos estratégicos. Algumas das ações desenvolvidas já demonstram encaminhamentos nesse sentido, como a criação do chimarródromo e a comemoração do Natal Ouro Verde, que contribuem para a valorização de uma cultura local cada vez mais próxima da erva-mate. Embora sejam vários os públicos estratégicos envolvidos nesse segmento, o público interno é certamente o mais importante, pois é com o apoio de consumidores e de moradores da região de São Mateus do Sul que a valorização do produto local pode alcançar novos patamares.

A utilização das novas tecnologias também desponta como elemento fundamental nesse processo. Já há esforços nesse sentido, pois é notável a presença de ervateiras e do próprio IG-Mathe no ambiente digital, mas esse ainda é um aspecto que merece atenção reforçada, devido às mudanças constantes. Toda a cadeia produtiva relacionada à erva-mate deve ter a capacidade de se comunicar estrategicamente com seus públicos no ambiente digital para criar uma rede de colaboração, assim ficará cada vez mais fácil destacar os diferenciais desse produto.

Vale destacar que, de acordo com os preceitos do Marketing 3.0, proporcionar significado é fundamental nessa relação. É isso que a erva-mate de São Mateus do Sul faz. Quem consome esse produto está contribuindo para a preservação do erval nativo sombreado pela mata de araucária, está conhecendo uma forma de produção baseada em um saber local e valorizando a identidade local de uma região, que sempre esteve ligada histórica e culturalmente à produção ervateira.

Por fim, destacamos que esse levantamento bibliográfico e a exemplificação dos casos deve ser considerado apenas como o início de um debate que trate da contribuição da comunicação para valorizar cada vez mais o Ouro Verde de São Mateus do Sul.

Referências

BALDISSERA, R. **Comunicação organizacional**. O treinamento de recursos humanos como rito de passagem. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

BUENO, W. da C. **A comunicação empresarial estratégica**, 2005.

COLOMBO, S. S., et al. Marketing educacional em ação: estratégias e ferramentas. Porto Alegre: Artmed / Bookman, 2008.

DALLABRIDA, V. R.; SAKR, M. R. **O marketing territorial como estratégia de construção e divulgação da imagem dos territórios**: a indicação geográfica como referência. In: Globalização em Tempos de Regionalização – Repercussões no Território, Santa Cruz do Sul, set de 2015.

GAZETA INFORMATIVA. **Chimarródromo**: São Mateus do Sul inaugura espaço público para promover a cultura do mate. Disponível em: < <http://www.gazetainformativa.com.br/chimarródromo-sao-mateus-do-sul-inaugura-espaco-publico-para-promover-a-cultura-do-mate/>> Acesso em: fevereiro 2018.

KOTLER, P., KARTAJAYA, H., SETIAWAN, I. **Marketing 3.0**: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

KOTLER, P. **Administração de Marketing**: análise, planejamento e controle. São Paulo: Atlas S.A., 1991.

KUNSCH, M. M. K. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo: Summus, 2003.

MARCHIORI, M. **Cultura e comunicação organizacional**: uma perspectiva abrangente e inovadora na proposta de inter-relacionamento organizacional. In: Faces da Cultura Organizacional, Difusão Editora, São Caetano do Sul, 2008.

MARREIROS, C. I. G. **O marketing e as denominações de origem e indicações geográficas:** o caso da Região Alentejo. Universidade de Évora, Portugal, 1997. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **O que é a indicação geográfica?** Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/indicacao-geografica/o-que-e-indicacao-geografica-ig>>. Acesso em: fev. 2018.

PORTAL ALEP. **Lei nº104/2017.** Disponível em: <http://portal.alep.pr.gov.br/modules/mod_legislativo_arquivo/mod_legislativo_arquivo.php?leiCod=50945&tipo=L&tplei=0>. Acesso em: fev. 2018.

SEBRAE. **Indicação Geográfica Erva-Mate São Mateus.** Disponível em: <<http://www.sebraepr.com.br/PortalSebrae/sebraeaz/Indica%C3%A7%C3%A3o-Geo-gr%C3%A1fica-S%C3%A3o-Matheus-Erva-Mate>> Acesso em: fev. 2018.



Antigo porto fluvial em São Mateus do Sul

Fonte: Acervo disponível na Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul – Paraná

*“Das ofertas da natureza: as matas e o rio:
Herança, dádiva, presente.”*

PARTE III **PARTE III** *PARTE III*

INSPIRAÇÕES E MANIFESTAÇÕES

“HELENA E O OURO VERDE: UM CONTO SOBRE A ERVA-MATE EM SÃO MATEUS DO SUL”

Gerson Cesar Souza
Isabelle Valentim Souza

O alvoroço da passarada e o insistente galo rouco anunciavam o amanhecer. Helena não queria sair da cama. A noite havia sido horrível... Chorou escondida até o início da madrugada, quando o cansaço fez as lágrimas darem lugar a um sono agitado. Sonhou que via seu pai dirigindo um carro... Passava por ela, abanava com um sorriso no rosto. Logo depois ouvia o som de uma freada forte, seguida do estrondo da batida. Era um sonho que se repetia desde que o pai falecera em um terrível acidente, há cerca de dois meses. Dois meses que viraram a vida de Helena de cabeça para baixo... Para uma garota de 12 anos, a perda do pai já seria algo trágico. Mas as consequências que se seguiram, complicariam ainda mais a situação: a família entrou numa crise financeira, e sua mãe, Ana, foi obrigada a se desfazer da casa em Curitiba e se mudar para uma fazenda abandonada, que a família possuía na região do Caitá, em São Mateus do Sul. A tal fazenda Queimados era uma herança recebida alguns anos antes, e pertencera ao falecido Joaquim Gomes dos Santos, trisavô do marido de Ana, conhecido no passado como “Nhoca, o Rei da erva-mate”.

Helena deixara as amigas que tinha (colegas de uma cara escola particular) e o conforto de uma casa na região nobre de Curitiba, para viver em um velho casarão de madeira (“localizada um pouco depois do fim do mundo”, como ela reclamava), passando a estudar em uma escola pública. E ela estava pensando nessa mudança gigante, quando a mãe a chamou para que se apressasse para o café. Em poucos minutos o ônibus da prefeitura passaria na frente da porteira e era preciso estar no local à espera, para enfrentar as estradas esburacadas e finalmente chegar à escola. Aquela manhã não foi diferente das demais... Helena assistiu às aulas sem muita vontade e detestou quando a professora finalizou o dia distribuindo trabalhos específicos que os alunos deveriam apresentar na aula seguinte. Eram temas relacionados à lavoura, algo fácil para os demais colegas que viviam diariamente a realidade agrícola, mas estranhos ainda para a “aluna

nova”. Na distribuição, coube à Helena falar sobre a erva-mate. Precisaria descobrir o método de produção e abordar a importância dela na história do município.

A garota fez o caminho de volta para o rancho maldizendo o “para casa”, que era como as crianças da região chamavam aquele tipo de tarefa. Olhava em vão para o seu celular, mesmo sabendo que ali não havia sinal de rede. Raramente era possível se conectar à internet e receber mensagens, e só em um determinado local do terreno, junto a uma velha e grande árvore de erva-mate.

- *Como é possível alguém fazer um trabalho escolar sem usar o Google?* - se perguntava Helena.

Durante o almoço, Helena permaneceu calada. Se havia algo bom em morar ali, era aproveitar a comida preparada por Iraquitã, uma velha senhora da região que ajudava a mãe nas tarefas de casa, um misto de índia e de bruxa, a quem a garota sempre olhava com medo. Porém, se Helena estava silenciosa, a mãe falava muito durante a refeição. Estava empolgada com os novos desafios. Queria usar os recursos restantes da venda do imóvel de Curitiba para reerguer a fazenda. Falava em recuperar os ervais, em restaurar um antigo barbaquá, em transformar o casarão em pousada, gerando recursos com o turismo e também com a produção de erva-mate. Ana já havia se integrado a um grupo de jovens empreendedores que buscava obter para a cidade a Indicação Geográfica de produtor de erva-mate, e apostava que aquilo alavancaria os negócios e o município. Helena ouvia a mãe, enquanto almoçava, e sentia o quanto aquela mulher era admirável... O mundo havia desabado sobre as duas, mas Ana enfrentava todas as dificuldades com bravura. Foi despertada pelos pensamentos ao ouvir o convite da mãe:

- *Depois do almoço eu vou trabalhar com alguns amigos na recuperação do barbaquá. Se você quiser nos ajudar...*

- *Sem chance, mãe* – respondeu Helena. *Tenho que fazer um trabalho chato da escola, sobre a “história da erva-mate” ... Arghhh! E além disso, eu já falei que não gosto da ideia de “arrumarmos” esse lugar. Por mim nós voltávamos para Curitiba hoje mesmo!*

O mau humor de Helena acabou gerando um silêncio na mesa. A velha Iraquitã, recolhendo os pratos, fulminou a garota com o olhar, mostrando que não concordava com a maneira como ela havia respondido para a mãe. Helena falou para a mãe que iria até a grande árvore de erva-mate, tentar se conectar para

fazer a pesquisa da escola. Escovou os dentes, pegou o celular, a mochila com os cadernos e saiu da casa. Ana, observando a filha, perguntou para Iraquitã:

- *Será que essa menina nunca vai gostar de morar nessa terra?*
- *Não se preocupe, senhora. Isso logo, logo muda.* – Respondeu a velha.

E olhando a menina se distanciando pelo erval, reforçou com seu jeito misterioso:

- *Essa terra tem magia, senhora... Quem sabe essa mudança não ocorre hoje mesmo?*

Helena chegou à grande árvore após caminhar alguns minutos. Esse era seu lugar preferido na velha fazenda. Era ali que ela lia seus livros de poesia, era ali que ela chorava a saudade do pai e era ali também que ela conseguia conversar com as amigas de Curitiba, nos raros momentos em que o celular conseguia sinal de rede. E foi exatamente essa a primeira ação da garota ao sentar junto à árvore: pegar o celular e tentar conexão.



Ilustração de Isabelle Valentim Souza.

Demorou alguns minutos para que o aparelho começasse a apitar, mostrando inúmeras mensagens das colegas, com fotos e dezenas de *emoji*. Helena respondeu as mensagens. Mandou para Clara, sua melhor amiga, a última poesia que havia escrito. Postou algumas selfies nas redes sociais, com as hashtags *#diretodoexílio* e *#depoisdofimdomundo*. Logo lembrou que precisava fazer a tal

pesquisa para a escola. Abriu o Google e digitou “erva-mate”. Quando mandou pesquisar, apareceu a mensagem: “Você não está conectada à rede”. Sim, o sinal havia sumido, como sempre ocorria! E era impossível saber quando retornaria (se é que retornaria)...

Como a rede não voltava, Helena decidiu largar o celular e pegar o caderno, para tentar escrever alguma coisa. Ao retirá-lo da mochila, caiu de dentro dele uma fotografia que sempre levava consigo. Era uma foto dela com o pai, num parque de Curitiba, brincando com um cachorro de rua que morava naquele local. Helena lembrava com carinho desse dia, pois foi a última vez que saíram para passear. No final do dia ela havia pegado o cão no colo e pedido ao pai:

- Posso ficar com ele?

O pai negou o desejo naquele momento, e prometeu que um dia responderia com um “sim” aos insistentes pedidos por um cão... Mas essa promessa foi interrompida pelo acidente e pela morte. A lembrança fez que as lágrimas rolassem pelo rosto de Helena. Ela abraçou a foto junto ao peito, fechou os olhos e escorou a cabeça na velha árvore. O choro e o cansaço da noite anterior rapidamente fizeram a menina pegar no sono.

Alertada pelos sons do celular, Helena despertou. Procurou o aparelho ao seu lado, onde havia deixado, mas não encontrou. Era estranho, pois ela seguia ouvindo o barulho, como se alguém estivesse usando o aparelho. Andou em direção ao outro lado da velha árvore e tomou um susto: uma menina de cabelos longos, aparentando ter a mesma idade de Helena, vestida com trajes indígenas, segurava o celular, apertando insistentemente na tela e se divertindo com os sons do aparelho. Helena arrancou o aparelho das mãos da estranha garota, dizendo:

- Hei! Isso é meu! Quem é você? O que faz aqui?

A garota olhou Helena com curiosidade, colocou as mãos em sua pulseira brilhante, tocou com estranheza o piercing de seu nariz... Naquele momento, as meninas pareciam duas moradoras de planetas distintos, analisando-se.

Por fim, a indiazinha falou:

- Meu nome é Yari... E o seu?

- Eu me chamo Helena. – respondeu, ainda assustada.



Ilustração de Isabelle Valentim Souza.

Yarí continuava analisando as roupas de Helena. De repente, apontou para o celular e perguntou:

- O que faz isso?

- Você nunca viu um celular? – riu Helena. *É um telefone! Eu uso para falar com pessoas que moram longe. Mas agora estava tentando usá-lo para descobrir sobre a erva-mate...*

- Erva-mate? Tem erva-mate dentro dele? – questionou Yarí, mantendo o olhar curioso no celular.

- Não, garota! – respondeu Helena, dando outra gargalhada. *Não tem erva-mate nele! Mas com ele eu consigo pesquisar sobre a erva-mate. Preciso fazer um trabalho para a escola...*

- Eu sei bastante sobre a erva-mate... E também tenho uns amigos que podem falar sobre ela... Venha... – Disse Yarí, já puxando a nova amiga pelo braço.

Helena não entendia o que estava acontecendo. Aquilo era estranho, mas, ao mesmo tempo, ela sentia uma felicidade esquisita. Estava sendo puxada por uma desconhecida, vestida de índia, correndo pelo erval sem saber para onde iriam, mas mesmo assim se sentia incrivelmente segura. Depois de alguns minutos de correria, Helena notou que Yarí estava conduzindo-a para o velho galpão da fazenda, onde ficava o barbaquá abandonado. Ao entrarem no local, Helena notou um grupo de senhores numa roda de chimarrão. Imaginou que fossem os tais amigos que a mãe havia citado que estariam ali, na parte da tarde, para

a restauração da estrutura de beneficiamento do mate, mas achou estranhas as vestimentas deles, como se fossem roupas antigas.

- *Seu Nadolny! Seu Nadolny!* – Falou Yará, chacoalhando o braço de um senhor alto, com longo bigode.



FRANCISCO NADOLNY
Inventor do Malhador

- *O que houve, pequena índia? E quem é essa sua amiguinha?* – Perguntou o homem com um sorriso, parecendo já estar acostumado ao jeito afoito da garota.

- *Essa é Helena, a nova moradora da fazenda... E ela precisa saber sobre a erva-mate!* – Respondeu Yará.

- *Helena... A tataraneta do Nhoca? Ouvi muito falar de você...* – comentou enigmaticamente o tal senhor, que Helena descobriu se chamar Francisco Nadolny e, segundo Yará, seria um especialista na erva-mate.

Com paciência, Nadolny explicou detalhadamente para Helena sobre como os imigrantes poloneses que chegaram em São Mateus tinham aprendido com os índios a trabalhar com o mate. Contou que o processo consistia em sapear, secar e malhar a erva. Helena se deliciou com a explicação sobre o Carijo e sobre os Barbaquás que se multiplicaram pela antiga Colônia Maria Augusta, que se tornaria a cidade de São Mateus.



Ilustração de Isabelle Valentim Souza.

Vendo que Helena “degustava” cada palavra de sua explicação, Nadolny completou:

- Pelo jeito você gosta de história, menina! Sua amiguinha Yari já lhe contou a lenda da erva-mate?

Helena olhou para Yari que imediatamente mudou de assunto, apontando para o velho malhador de madeira que havia no galpão, e falando:

- Helena, o seu Nadolny não lhe contou, mas aquele malhador foi invenção dele!

Francisco explicou, orgulhoso, como tivera a ideia de criar o malhador, ao ver uma criança brincando com uma pinha. Contou que a invenção aumentou em muito a produtividade das fazendas, e que ele inclusive teve o reconhecimento do Governo brasileiro, que lhe concedeu a patente da invenção em 1904⁴⁰.

⁴⁰ *Diário Oficial*. p. 3877. Rio de Janeiro: 20 de agosto de 1904.

PATENTES DE INVENÇÃO

N. 4.122 — Memorial descriptivo acompanhando um pedido de privilegio, durante 15 annos, na Republica dos Estados Unidos do Brazil, para o systema de apparatus para malhar centeio e herba-matte, invenção de Francisco Nadolny

Malhador para herba-matte

Este malhador pouco differa do destinado ao centeio; a differença unica é que o tronco da pyramide é aqui substituido por um tronco de cone e em lugar de ranhuras temos lentes espaçadas de 0^m,10, tendo de largura 0^m,12 e 0^m,04 de espessura, dentes estes cuja disposição é a seguinte: cada dente tomado isoladamente apresenta para os dentes vizinhos a sua face menor para a maior do tanto vizinho e vice-versa. Os dentes vão lorescendo para a sacção menor do tronco, tendo 0^m,30 de altura os maiores e 0^m,05 os menores. Os outros dispositivos do eixo, etc. são os mesmos que para o destinado ao cen-

Patente de invenção de
Francisco Nadolny.

Helena ficava tentando entender como aquele senhor afirmava ter feito uma invenção há mais de cem anos... Isso não fazia sentido! Mas antes que pudesse questionar, Yari entrou na conversa trazendo outro senhor pelo braço:

- Helena, esse é o seu João Onofre Flizikowski. Ele pode explicar como toda essa produção de erva era vendida para fora da cidade.

- Ah... Então você é a "Nhoquinha"? É esse o apelido que lhe demos desde que soubemos que a tataraneta do Nhoca estava morando aqui... - Falou, com sorriso no rosto, o senhor de paletó e chapéu.



ONOFRE FLIZIKOWSKI
O exportador

Após apertar a mão de Helena, ele prosseguiu:

- *O que você quer saber sobre a venda da erva-mate?*

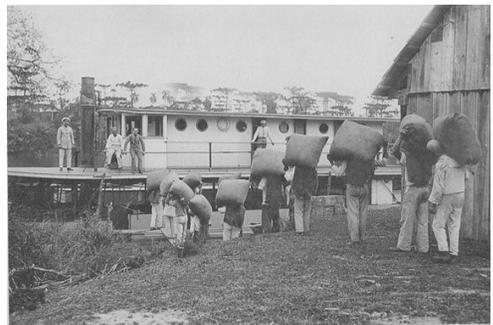
- *Tudo!* – Respondeu Helena, que agora se mostrava entusiasmada com o trabalho escolar. *Como era vendida? Para onde? Eram muitos os caminhões que faziam o transporte?*

- *Caminhões?* – Flizikowski deu uma gargalhada que foi acompanhada pelos demais. *Caminhões, Nhoquinha? Não! A erva era colocada em grandes sacos e levada para a região de Curitiba pelo Rio Iguaçu. Mais de trezentas embarcações chegaram a fazer diariamente o transporte do mate. Dessas embarcações destacavam-se os vapores, que foram o principal meio de transporte da época. Mas a erva de São Mateus não ia apenas para a capital do Estado. Vendíamos para Santa Catarina e para o Rio Grande do Sul. Em 1897, eu consegui um feito que foi divulgado até nos jornais: fiz a primeira exportação de erva-mate para a Europa⁴¹!*

Carroças carregadas de erva-mate em frente à Casa do Bronze



Vapor sendo carregado em São Mateus do Sul



Fonte: Acervo público da Casa da Memória Padre Bauer, São Mateus do Sul, Paraná.

- *Mas... 1897? Como isso é possível?* – Balbuciu Helena, tentando entender o que estava ocorrendo.

Flizikowski pareceu não se preocupar com a pergunta da jovem, e falou para Yari:

- *Indiazinha, você fica pedindo para que falemos sobre a erva-mate, mas você já contou para sua amiga a Lenda da Erva-Mate?*

Yari pareceu ruborizar e respondeu:

⁴¹ Jornal **A República**, p.1, 29 de maio de 1897

- *Depois eu conto pra ela. Agora quero que ela conheça esse senhor que está chegando.* E sussurrando para Helena, complementou: *Ele é um poeta!*

Helena ficou sabendo que o senhor que chegava à roda, com uma cuia na mão, chamava-se Arnaldo Prohmann. E ele mesmo contou que havia escrito em 1933 a poesia “Marcha São Mateuense”⁴², que se tornou a letra do hino de São Mateus, a “Bela Cidade dos bons ervais”. O poeta também falou com orgulho da sua ligação com a erva-mate. Contou que inventou um sapecador para a erva-mate⁴³, com patente concedida pelo governo em 1916⁴⁴. Foi fundador da primeira cooperativa de produtores na cidade. Ocupou diversos cargos públicos e depois tornou-se líder nacional dos produtores de erva-mate.

Na cabeça de Helena, as datas citadas eram verdadeiras incógnitas... Como aquele poeta que fez um invento em 1916 e compôs o hino da cidade na década de 1930, poderia estar ali, um século depois, com a mesma jovialidade? Mas seus pensamentos foram interrompidos pela voz de Prohmann, que se dirigia a Yari:

- *Eu já falei bastante sobre meu trabalho pela erva-mate, Yari... Mas e você? Já contou para Helena sobre a lenda da erva-mate?*

Yari desconversou novamente:

- *Ainda não... Mas Helena adora poesias. O senhor podia declamar aqueles seus versos sobre o Chimarrão.*

O poeta concordou com prazer. Entregou para Yari a cuia que tinha nas mãos. A indiazinha entoou um canto para servir de pano de fundo para a poesia, e Prohmann soltou a voz:

*“Cabocla bonita co’a cuia na mão,
põe água bem quente para o chimarrão...”*

*A erva é boa, de bom barbaquá,
mas sorva o primeiro, depois passe cá.*

⁴² MANSUR, Aziz. *Cincoentenário da Navegação do Iguassú e seus afluentes*. p.23. 1932.

⁴³ Jornal *A República*. p.2. Curitiba, 25 de abril de 1916.

⁴⁴ SOUZA, Gabriel Prada Pinheiro de. *A Evolução do Registro de Patentes no Brasil (1914-1919)*. p.38. Universidade Federal de Alfenas. Varginha, 2015.

*Na bomba de prata, teu lábio coral,
dá beijos ardentes de pura⁴⁵ vestal.*

*A cuia morena tremula na mão...
Será pelo gozo do teu chimarrão?*

*Não creio que seja somente o prazer,
o mate gostoso da cuia sorver...*

*Teus olhos me dizem da tua comoção
segredos de amores do teu coração..."⁴⁶*



ARNOLDO PROHMANN

Helena aplaudiu emocionada a linda poesia, e só parou com os aplausos ao sentir algo úmido em seu tornozelo. Ao olhar para baixo, foi surpreendida com um pequeno cãozinho que lambia sua perna e pulava, tentando lhe chamar a atenção. Apaixonada por animais, imediatamente se abaixou e começou a fazer carinho no filhote que havia aparecido do nada.

Yarí também se abaixou, para alegria do pequeno vira-lata, e falou com o animalzinho enquanto fazia uma carícia:

- Ei, Ilex, você já está roubando um carinho da Helena, hein?

⁴⁵ A versão publicada em livro traz a expressão “*de linda vestal*”, mas aqui usamos o verso correto (“*de pura vestal*”) conforme texto original, informado pela poetisa Edelar Prohmann, filha do autor.

⁴⁶ Poesia “O Chimarrão” in Fontes Para a História do Paraná – Documentação de Arnaldo Prohmann. Governo do Paraná – Secretaria de Estado da Cultura. Curitiba, 1990.

- "ILEX"? - Perguntou Helena. *Esse é o nome dele? Então você conhece esse cãozinho.*

- *Claro!* - Falou Yari, sem tirar o olhar do filhote. *Ele é o cachorrinho do Nhoca... Está sempre aqui conosco.*

Helena ficou imóvel... Como aquele animalzinho poderia pertencer ao seu tataravô??? E começou a olhar para cada um dos novos amigos... Nadolny, Flizikowski, Prohamnn, Yari... As roupas antigas que usavam... Os relatos deles sobre a imigração e sobre o uso da erva-mate nos primórdios da cidade... Algo mágico estava ocorrendo ali... Helena não compreendia, mas também não sentia medo... Olhando novamente para a indiazinha, perguntou:

- *É agora que você vai me contar a lenda da erva-mate?*

- *Ainda não...* - Respondeu Yari. *Agora há outra pessoa ansiosa para conhecê-la, Helena...*

E a índia, olhando para o cãozinho, ordenou:

- *Ilex, mostre o caminho para a Helena!*

O filhote correu até a porta do galpão, e latiu, chamando a menina. Helena hesitou... Olhou para os novos amigos, que acenaram com a cabeça, incentivando-a a seguir o animal. Sem pensar novamente, deu um sorriso e correu. Ilex acelerou pelos ervais, feliz de ter a menina em seu encalço.



Ilustração de Isabelle Valentim Souza.

Após alguns minutos ficou clara a direção que Ilex tomava: a grande árvore de erva-mate! Ao longe, Helena notou que havia dois homens conversando. O que estava de frente para a garota se adiantou para recebê-la, enquanto o outro permaneceu de costas. A menina reduziu a velocidade ao reconhecer o rosto do senhor que vinha ao seu encontro. Ela já o havia visto no grande quadro amarelado que enfeitava a parede da fazenda... Não havia dúvidas: era seu tataravô, Joaquim Gomes dos Santos, o famoso Nhoca!



JOAQUIM GOMES DOS SANTOS

Ilex saltou alegre aos pés de seu dono, mas ele passou pelo cãozinho e abraçou Helena sem cerimônias:

- Minha menina, seja bem-vinda à fazenda Queimados! Esse é seu novo lar!

Helena estava confusa e emocionada, mas, tentando segurar as lágrimas, perguntou:

- Como é possível, isso? O senhor está morto, correto? E todas as pessoas que conheci nas últimas horas também... Isso tudo é um sonho? Ou algum tipo de ilusão?

Acariciando o cabelo da menina, com a doçura de um avô, Nhoca respondeu:

- Helena, não se deixe enganar pelas ilusões... A morte também é uma ilusão... Olhe para essa fazenda... Você vê ervais abandonados e uma estrutura decadente? Isso é uma ilusão! Eu vejo um local com alta produtividade, e fico feliz que sua mãe também consiga enxergar isso... Há 120 anos esta cidade não passava de uma colônia monótona e esquecida, mas, pela força da erva-mate, ela foi transfor-

mada em um município próspero. Chegamos a ter dezenas de barbaquás produzindo, cinco empresas exportadoras de erva-mate⁴⁷, dois cinemas, rинque de patinação e muitas outras coisas que você nem imagina.

E, apontando para o outro homem que seguia de costas, à distância, junto da grande árvore, Nhoca complementou:

- *A felicidade consiste em fazer as boas ilusões se tornarem realidade...*

Nesse momento o tal homem virou-se para onde estavam a menina e Nhoca, e ela reconheceu que ele era seu pai. Helena correu o mais que pôde e jogou-se nos braços do pai, dizendo já em prantos:

- *Papai! Eu não acredito! Você está aqui!*



Beijando a filha, o pai de Helena acariciou seus cabelos e apertou-a num forte abraço. Depois pediu que ela cuidasse da mãe e ajudasse com a fazenda. Prometeu que ele sempre estaria com elas, mesmo que elas não conseguissem vê-lo. Sentou a garota junto à árvore e Ilex apareceu para secar as lágrimas de

⁴⁷ Almanak Lemmert, 1905. Edição A00062. p. 1872

Helena com suas lambidas. Ela riu entre prantos, pegou oirãozinho no colo, e repetiu para o pai o último pedido que havia feito antes de sua morte:

- *Posso ficar com ele?*

- *Pode sim, minha filha... Fique com ele e com todas as melhores ilusões que a vida lhe trouxer...* – Foi a resposta do pai, dando-lhe um beijo na testa.

Helena fechou os olhos para aproveitar ao máximo o beijo que recebia... As lágrimas seguiam rolando pela face, mas ela sentiu uma paz indescritível. Ouviu ao longe um belo canto... Com certeza era a voz de Yari... E com aquela paz e aquele canto, adormeceu. Quando acordou, estava só junto à grande árvore, ainda com a foto sobre o peito e o celular ao lado. Não havia nem sinal de Ilex, de Nhoca, de seu pai, de Yari ou qualquer outra pessoa que pudesse indicar que aquilo fora realidade... Somente as lágrimas que umedeciam seu rosto seguiam sendo reais...

A menina levantou-se e caminhou em direção à casa, pensando em tudo o que havia acontecido. Como podia um sonho parecer tão real? O que significaria tudo aquilo? Estava imersa nesses pensamentos quando ouviu conversas e risos no velho barracão. Apressou os passos, desejando entrar lá e encontrar Nadolny, Prohmann, Flizikowski e Yari, mas ao chegar à porta viu sua mãe, Iraquitã, e vários membros do grupo de jovens empreendedores, restaurando o antigo barbaquá e conversando sobre a tal obtenção de Indicação Geográfica. Helena observou a empolgação de Ana por alguns instantes, e se lembrou das palavras do pai e do tataravô, no sonho.

Quando Ana viu a filha se oferecendo para ajudar nos trabalhos de restauração, trocou um olhar satisfeito com a velha Iraquitã.

Uma das amigas de Ana falou com Helena:

- *Sua mãe me disse que você precisa fazer um trabalho sobre história da erva-mate... Eu posso lhe contar algumas coisas. Foi um antepassado meu que inventou o malhador da erva-mate...*

- *O nome dele era Francisco Nadolny?* – Perguntou Helena.

- *Sim... Como você sabe?* – Respondeu a moça, intrigada com a fala da menina.

Ana também ficou surpresa, ainda mais quando a filha discorreu sobre o processo de beneficiamento da erva, as vendas feitas por Flizikowski, o papel de Prohmann e de Nadolny como empresários e inventores, o destaque obtido por Nhoca na produção do mate e os benefícios que o “ouro verde” havia trazido

para a cidade. Todos que estavam ali confirmaram as informações dadas pela garota, e Ana, feliz, disse para Helena:

- Filha, pelo jeito o celular a ajudou hoje... Sua pesquisa foi um sucesso!

Helena riu em silêncio. Nãoalaria a ninguém sobre o sonho, até porque ela mesma não saberia como explicar o que tinha ocorrido. Seus pensamentos foram interrompidos por um latido, vindo da porta do barracão. Um latido conhecido... O filhote de vira-latas correu em sua direção fazendo festa... A menina e o cãozinho rolaram no chão, sendo difícil saber quem estava mais feliz. Ana perguntou para Iraquitan:

- De onde surgiu esse cachorro?

- Ele aparece às vezes pela fazenda. Sempre corro com essa praguinha daqui, mas, pelo jeito, ele encontrou uma dona agora... – respondeu a Índia.

- Não o chame de “praguinha”! – retrucou Helena. O nome dele é “Ilex”!

- Ilex? - perguntou Ana, rindo. Ah, Iraquitan, você tinha razão, essa terra tem magia... Há poucas horas essa menina nem suportava esse local, agora ela sabe tudo sobre a erva-mate e até coloca o nome científico da erva no vira-lata...

A velha índia olhou para os ervais e respondeu:

- Tem magia sim, dona Ana... É a magia de Yarií...

Helena viu a mãe perguntando para Iraquitan:

- Quem é Yarií?

E a resposta da velha surpreendeu a garota:

- É uma antiga lenda indígena... A “Lenda da Erva-Mate”. Meu povo conta que antes dos ervais existirem, havia na nossa tribo um velho guerreiro, já em seus últimos dias de vida. A filha dele, chamada Yarií, era uma bela moça, mas recusara todas as propostas de casamento, pois se dedicava a cuidar de seu pai. Um dia apareceu na cabana deles um viajante, de roupas coloridas e olhos da cor do céu. O velho se preocupou em acolher da melhor maneira o estranho e Yarií colheu as melhores frutas para que ele se alimentasse, e entoou um belo canto para fazê-lo dormir. Na manhã seguinte, ao se despedir, o viajante revelou que era um mensageiro de Tupã, e que o deus concederia qualquer desejo ao velho, pelo tratamento que havia recebido. O guerreiro pediu somente que fossem restauradas suas forças, para que sua filha ficasse livre para se casar. O mensageiro entregou então ao velho uma muda de “Caá”, a árvore de erva-mate. Ensinou como usar as folhas da

árvore para preparar a bebida que restauraria suas forças. Além disso, Tupã transformou Yará em Caá-Yará, a deusa da erva-mate. Dizem que ela anda pelos ervais, ajudando as pessoas de bom coração.

Iraquitán olhou para Helena que, de olhos arregalados, ouvia a tão esperada lenda da erva-mate. E complementou, dando uma piscadela para a menina:

- Isso é apenas uma lenda... Uma ilusão..., mas aprendi que sempre devemos levar com a gente as melhores ilusões que a vida nos traz!

Ilex latiu chamando Helena para correr pelos ervais, e os dois sumiram pela mata verde, da Terra da Erva-Mate.

UM MATE AMARGO, A POESIA DOS SENTIDOS E OS RETRATOS DE UMA PAISAGEM

Alcimara Aparecida Föetsch
Dirce Maria Föetsch
Sandro Zimny Vitonski

A frondosidade da erva, a sonoridade do haicai e a sensibilidade da fotografia se entrelaçam e o efeito não poderia ser diferente: um amálgama único de sensações. Nessa proposição singular aos que são sensíveis à arte da imaginação, **CONVIDAMOS** para que o caminho seja guiado pelos sentidos, florido pelas vivências, reconhecido pelos saberes e (re)lembrado pelas existências – nossas e dos nossos. Permitamos que a palavra seja a matéria-prima, o retrato chamado e as recordações o nosso paradeiro.

Haicai é uma forma japonesa perfeitamente aclimatada no Brasil, manifestação artística em forma de pequena poesia, possui ritmo e convida a projetar nosso próprio entendimento de mundo. A fotografia, por sua vez, para além do estético conduz às memórias e nos liga a um passado rememorado que nos pertence por ser nosso ou nos é apropriado por pertencer a nossos antepassados.

Nessa associação, idealizamos e construímos este texto ilustrado à três mãos: os haicais da professora Dirce Maria Föetsch, as fotografias de Sandro Zimny Vitonski e o escrito da professora Alcimara Aparecida Föetsch. Distante de ser um texto teórico, marcado pelo ceticismo e pelo rigor científico, desejamos que seja um aceno aos sentidos, uma inspiração. Moldamo-nos, construímos e existimos em uma ligação de apego à Terra e aos nossos ancestrais e ao conectar poesia e forma, por meio de haicais e imagens, conduzimo-nos rumo a memórias, histórias e reminiscências de tempos passados vividos, contados ou retratados. Somos gratos.

Que as sensíveis imagens combinadas ao encanto dos versos nos permitam recordar a infância, oferecer gratidão aos que não mais nos acompanham e, acima de tudo, reconhecer os nossos laços, vínculos e compromissos – notando, o que, de fato, nós herdamos e somos.



*No fogão a lenha
Estala o pinhão assado
Tomamos chimarrão*

Foto 1: Sandro Zimny Vitonski

Haicai 1: Dirce Maria Föetsch

Uma lenha no fogão, a semente da Araucária e o mate em chimarrão: histórias, memórias, recordações. Nos galhos de sapé, pinicamos os dedos e juntamos pinhão.



*Árvore antiga
Tronco aberto da erva-mate
Abriga passarinhos*

*Tarde de verão
No tronco da erva-mate
Filhotes de corujas*

Foto 2: Sandro Zimny Vitonski

Haicais 2 e 3: Dirce Maria Föetsch

As nuances do verde das Matas Mistas do Paraná, de São Mateus do Sul, o mesclar da floresta ao som dos passarinhos. Músicas de infância, correria de criança, escalada nas árvores.



*Facão afiado
A erva-mate desfolhada
No final do dia*

*Começa a safra
Na mata cheia de erva-mate
Galhos sem o verde*

Foto 3: Sandro Zimny Vitonski

Haicais 4 e 5: Dirce Maria Föetsch

No clarear do dia, marmitta no bocó, facão na mão, canções na cabeça. No desbaste da erva, as conversas da semana e o suor do rosto.



*Manhã de inverno
Água chia no fogão
Chimarrão quentinho*

Foto 4: Sandro Zimny Vitonski

Haicais 6: Dirce Maria Föetsch

A geadá e o orvalho, blusas aquecem o frio. Chimarrão quentinho confraternizado com a vizinhança. Na casa da vó ou da Bapka a família trabalha.



Foto 5: Sandro Zimny Vitonski

*Na casa da vó
A cuia de chimarrão
Reúne a família*

Haicai 7: Dirca Maria Föetsch

Dia Santo, na casa dos avós, parentes chegando. Entre prosas e falatório, caminha a cuia de chimarrão. Chia a chaleira, risadas altas, pão quentinho do forno, comilança garantida.



Foto 6: Sandro Zimny Vitonski

*Chapa aquecida
A cuia vazia no fogão
Saudades da vovó*

*Manhã de domingo
A cuia de mão em mão
Bate uma saudade!*

Haicais 8 e 9: Dirca Maria Föetsch

Nem tudo é para sempre, somos patrimônio vivo e muito legado já se foi... saudades de quem nos acompanhou nessa vida e não mais aqui está. O fogão frio, a cuia vazia, o paiol velho.

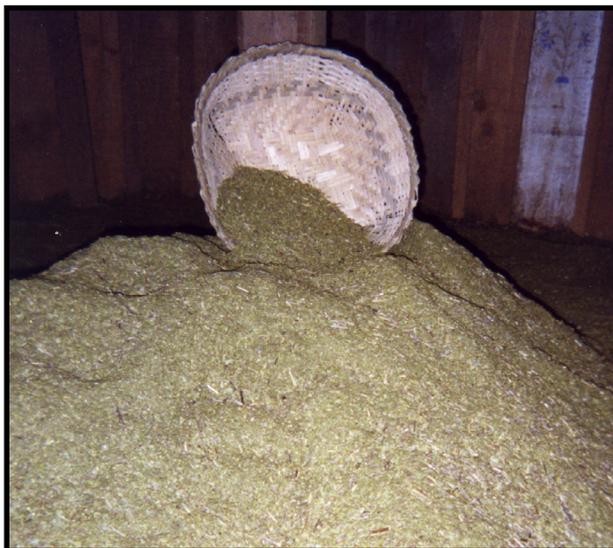


*Feita de madeira
Leva o mate no carijo
Velha carroça*

Foto 7: Sandro Zimny Vitonski

Haicai 10: Dirce Maria Föetsch

Verde e vermelho, cores alegres que enfeitam a carroça. Pom-pom nos cavalos, roda suja de barro, passeios de domingo.



*Guardado no paiol
Encardido de erva-mate
Balaio de palha*

Foto 7: Sandro Zimny Vitonski

Haicai 11: Dirce Maria Föetsch

Ah, o balaio! Carrega lenha, fica verde de erva, é ninho dos gatinhos. No paiol, um parque de diversão.

E que sempre haja tempo para uma fotografia ou a escrita de um haikai na sombra dos ervais.

Para saber mais sobre os haicais:

ODA, T. (Org.). **Goga e haikai**: um sonho brasileiro. São Paulo: Editora Escrituras, 2011.

UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE OS BELOS RÓTULOS DE ERVA-MATE

Jéssica Kotrik Reis Franco

Os surrões, bolsas de couro que eram usadas para transportar a erva-mate, logo se tornaram um dos motivos para a não aceitação do produto no mercado europeu. Atento a isto, além de ser o engenheiro responsável pela Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, André Rebouças, homem de negócios, declarou, segundo consta no livro “História Econômica do Mate”, de Temístocles Linhares, que “*não se vai a um baile com a mesma roupa que se vai ao campo*”. Assim, Rebouças sugeriu que a erva-mate passasse a ser embalada em caixetas de pinho, algo que, segundo ele, seria mais apresentável para a exportação do produto.

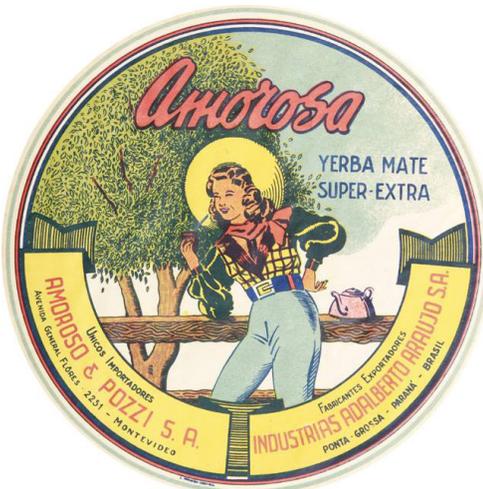
Já no final do século XIX, a demanda por barricas, espécie de barril que servia para armazenar a erva, aumentava cada vez mais as encomendas nas serrarias paranaenses. Porém, as barricas feitas de madeira, passavam despercebidas, além de não transmitirem informações mais apuradas a respeito da origem e qualidade do produto que armazenavam. Foi aí que, diante do surgimento das oficinas de litografia no início do século XX, iniciou-se a produção de rótulos específicos para as barricas de erva-mate. O processo litográfico era bem elaborado, e a maioria dessa tarefa artística, ficava a cargo dos imigrantes alemães. Sobre isso, Rosemeire Odahara Graça, autora da monografia “A Litografia em Curitiba” explica:

[...] como grande parte dos litógrafos eram alemães, eles desenhavam para o rótulo uma indígena ou uma bela mulher, figuras baseadas no que era o ideário do imigrante. A indígena pintada, por exemplo, é uma visão idealizada. Aparecem também desenhos de índios fortes com a ideia de representação de que eles eram grandes porque bebiam mate.

Contudo, a arte dos rótulos não recebia a assinatura dos artistas, mesmo assim, sabe-se que além dos imigrantes alemães, o famoso artista plástico Alfredo Andersen, também criou a arte de alguns rótulos. O processo de produção desses rótulos era complexo, o rótulo era colocado na tampa da barrica, e como

havia barricas de diferentes tamanhos, o rótulo precisava ser ajustável, a fim de que não fosse necessário ter impressões diferentes. Por isso, bordas ornamentais concêntricas emolduravam o desenho, como se fossem um rendado. Quando o diâmetro da barrica era pequeno bastava ir recortando as bordas até que o rótulo se ajustasse à tampa da barrica. Ainda, muitas vezes, um único engenho de mate poderia ter vários rótulos diferentes, uma vez que exportavam seu produto para áreas distintas. Por esse motivo, e pela exigência das importadoras, muitos rótulos que foram produzidos no Paraná foram escritos em espanhol. A seguir, imagens retiradas do Jornal Gazeta do Povo que demonstram alguns desses rótulos:

IMAGENS 1 a 9: Exemplos de rótulos de erva-mate.







Fonte: Estande de erva-mate em uma exposição internacional no início do século passado.
 Reprodução: Aniele Nascimento/GP; Exposição permanente do BRDE – Palacete Leão.
 Fonte: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/erva-mate/economia/> acesso em 29/06/2020.

O começo do fim da utilização desse tipo de arte nos rótulos de erva-mate, segundo Rosemeire Odahara Graça, deu-se, por volta de 1930, quando as impressoras gráficas começam a trabalhar com a técnica de offset. Nesse período, boa parte da mão de obra imigrante foi demitida. Assim, muitas pedras litográficas foram quebradas para que esses artífices não conseguissem continuar trabalhando com a litografia, fazendo concorrência à nova tecnologia de impressão: “algumas pessoas trabalharam, depois, na recuperação destas pedras e no resgate da técnica. Mas os alemães já estavam bem velhinhos e também havia um código de ética entre eles, que era falar apenas em alemão nas fábricas. Por isso é uma técnica que se perdeu, que poucos sabem fazer”.

Além disso, no auge da exportação e comercialização internacional da erva-mate, o ouro verde paranaense embalado nas barricas, gerou interesse de mercado ou foi exportado para diversos países pelo globo. Dos nossos vizinhos sul-americanos, até locais mais longínquos, como o Egito, terra das pirâmides, múmias e faraós na Antiguidade (FRANCO, 2018).

Uma receita com a erva-mate

MOUSSE DE ERVA-MATE



Restaurante Veneza

De: Haroldo Mildemberg Ferreira e Marcia Raquel Kindrat Ferreira

Endereço Rua Theodoro Toppel,
nº 1.480. Telefone: (42) 3532-2706

Ingredientes:

- 1/2 litro de água quente
- 7 colheres de sopa de erva-mate
- 2 caixas de creme de leite
- 1 caixa gelatina sabor limão
- 250 gramas de leite condensado
- Suco de dois limões
- 1 colher de chá do pó da erva-mate.

Modo de preparo do extrato da erva-mate:

Coloque em um coador as 7 colheres de sopa de erva-mate, em seguida adicione a água quente, deixe passar para obter o extrato.

Modo de preparo do mousse:

Com o extrato quente, adicione a gelatina de limão para dissolver, em seguida coloque no liquidificador e bata. Adicione o creme de leite, o leite condensado e o suco do limão e, por último, o pó da erva-mate. Bater tudo por uns 3 minutos, coloque em uma travessa e leve à geladeira por 3 horas.



Vale a pena conferir as outras delícias de erva-mate servidas
no Restaurante Venezuela

BOLO DE ERVA-MATE



Sadas Hotel

*De: Sergio Sussula e Graciéle de
Fátima Nadolny*

Endereço: Av. Ozy Mendonça de
Lima, 911

Telefones: (42) 3532 2132 /
(42) 9 8880 5555

Ingredientes:

Para o bolo:

- 3 Colheres de Erva-Mate peneirada
- 4 Ovos inteiros
- 2 Xícaras de trigo
- 1 Xícara de açúcar
- 1 Xícara de óleo
- 1 Colher de fermento em pó
- 1 Xícara de leite morno, ou até dar o ponto

Para a cobertura:

1 Caixa leite condensado

1 Limão galego

Modo de preparo:

Bolo: **1.** Misturar a erva com o trigo e açúcar; **2.** Aos poucos colocar o óleo, ovos e o leite, misturando tudo; **3.** Bater por 5 minutos; **4.** Para finalizar, acrescentar o fermento, untar a forma com margarina e açúcar e assar por 40 minutos.

Cobertura:

1. Coloca na batedeira o leite condensado; **2.** Liga na velocidade baixa; **3.** Ir acrescentando aos poucos o suco do limão, bater até dar ponto de cobertura; **4.** Despejar sobre o bolo.

O bolo é servido todos os dias no café da manhã do hotel.



AUTORES

Alcimara Aparecida Föetsch

Pós-doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2019). Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR (2014). Professora Adjunta do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, Campus de União da Vitória/PR e Chefe da Divisão de Extensão e Cultura do Campus. Graduada em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória/PR (FAFIUV-2004), possui Especialização (*latu sensu*) com ênfase em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (FAFIUV-2007), Mestrado (*strictu sensu*) em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR-2006).

E-mail: alcimara.foetsch@unespar.edu.br

Arleriane de Fátima Ferreira Portugal

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de União da Vitória, 2017.

E-mail de contato: arleriane@gmail.com

Dirce Maria Föetsch

É graduada em Letras Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (FAFIUV, 1995), especialista em Língua Portuguesa e Literatura (1998) pela mesma instituição e especialista em Educação do Campo (2014) pela Faculdade São Fidélis (FASFI). Formou-se também pelo Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE do Estado do Paraná em 2013 pela Universidade do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO.

E-mail: dmfoetsch07@gmail.com

Filipe de Souza dos Santos

Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Contestado (UnC) (*strictu sensu*). Pós-graduado (*latu sensu*) em Gestão Ambiental e Biodiversidade pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (FAFIUV, 2008). Graduado em Geografia – Licenciatura Plena (FAFIUV, 2007) pela mesma instituição de ensino. Professor do Centro Universitário de União

da Vitória - PR (UNIUV). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Mateus do Sul (IHG/SMS).

E-mail: prof.filipesantos@uniuv.edu.br

Franciele Roberta Nadolny

Graduada em Administração pelo Centro Universitário da Cidade de União da Vitória – PR (UNIUV) Núcleo de São Mateus do Sul – PR.

E-mail: franadolny@hotmail.com

Gerson Cesar Souza

Graduado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com pós-graduações em Responsabilidade Social (Federal do Rio de Janeiro) e Gestão de Negócios (Fundação Dom Cabral), e especialização em Negociação pela Harvard Business School. O autor é poeta e dramaturgo, sendo também pesquisador da história local, atividades estas que geraram seus livros: Mochila de Versos (2001), Dons Diversos (2012), A Estrela de Jacó (2014) e O Imortal Coronel Bodziak (2016).

E-mail: gersoncesarsouza@gmail.com

Hilda Jocele Digner Dalcomuni

Graduada em História pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória/PR (2001), possui especialização *latu sensu* pela mesma Instituição em História: Múltiplas abordagens (2003). Especialização em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG (2018). Atualmente é professora de História na Rede Estadual de Ensino do Paraná e professora do município de São Mateus do Sul/PR atuando na “Casa da Memória Padre Bauer”, há 06 anos. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Mateus do Sul – IHG/SMS.

E-mail: cmpadrebauer@gmail.com

Isabelle Valentim Souza

Isabelle tem 9 anos e é filha do autor Gerson Cesar Souza, colabora com suas belas ilustrações no conto escrito por seu pai.

Jéssica Kotrik Reis Franco

Bacharela e Licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná (2015-2019); já atuou no Museu Egípcio e Rosacruz de Curitiba (2016-2018); cursando especialização em História Antiga e Medieval (ITECNE); atualmente é colunista de História no jornal Gazeta Informativa; professora colaboradora no canal do YouTube “Os Melhores Professores do Mundo”; historiadora colaboradora do programa “Rádio História” na rádio Difusora do Xisto; elaboradora de material didático em História na Editora Edebê do Brasil; possui interesse de pesquisa na áreas de Ensino de História, História Pública, História Antiga, História Local e Arqueologia. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Mateus do Sul. E-mail: jekotrik@gmail.com

Larissa Drabeski

Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria, possui MBA em Administração e Marketing pela Uninter e mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (linha de pesquisa Comunicação e Formações Socioculturais). Atua com foco em comunicação organizacional desde 2012, atendendo empresas e organizações de diversos segmentos.

E-mail: larissa@levante.fot.br

Marivanda Bortoloso Pigatto

Doutoranda em Administração na Universidade Positivo. Mestre em Administração pela Universidade Positivo (2013). Especialista em Turismo: Planejamento e Gestão pela FAFI (2006). Graduada em Turismo (2005) e graduada em Administração pela Fundação Municipal Faculdade da Cidade de União da Vitória (1986). Professora do Centro Universitário da Cidade de União da Vitória – PR (UNIUV).

E-mail: prof.marivanda@uniuv.edu.br

Mayara Griten

Graduada em Administração pelo Centro Universitário da Cidade de União da Vitória – PR (UNIUV) Núcleo de São Mateus do Sul – PR.

E-mail: maygriten@hotmail.com

Sandro Zimny Vitonski

Graduado em Administração pelo Centro Universitário de União da Vitória – UNIUV, com MBA em Gestão de Recursos Humanos, Lideranças e Negócios pelo Centro Universitário de União da Vitória – UNIUV (2019). É Membro do Conselho Polônico junto ao Consulado Polonês em Curitiba. Presidente da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil – BRASPOL, Núcleo de São Mateus do Sul/PR.

E-mail: sandrovitonski@gmail.com

Sidnei Muran

Graduado em Comunicação Social: Jornalismo; e licenciado em História. Pós-graduado em História: Culturas, Memórias e Patrimônio e Comunicação Corporativa. Repórter em rádio, jornal e web. Pesquisador da erva-mate, cultura e tradições dos imigrantes, bem como, da formação regional.

E-mail: sidneimuran@gmail.com

Thuani Radzikowski Mruz

Graduada em Administração pelo Centro Universitário da Cidade de União da Vitória – PR (UNIUV), Núcleo de São Mateus do Sul – PR.

E-mail: thuani.mruz@hotmail.com

Wagner da Silva

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de União da Vitória (2014). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG, 2017). Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Docente do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de União da Vitória.

E-mail: geo.wagner92@yahoo.com.br

Esta coletânea de textos, a que carinhosamente chamamos de “*Bella cidade dos verdes hervaes*”: indicação geográfica, potencialidades e desafios da erva-mate em São Mateus do Sul – Paraná, congrega nossa humilde e voluntária contribuição ao momento oportuno de reconhecimento e valorização do patrimônio natural que como dádiva nos foi herdado. Nos dispusemos – cada um com a especificidade de sua área de formação e atuação – a reunir distintos olhares de historiadores, geógrafos, jornalistas, professores, administradores, escritores e empresários no esforço coletivo de produzir algo sobre a erva-mate em São Mateus do Sul/PR.

Agraciado com essa multiplicidade de perspectivas, o livro foi dividido em: “Aspectos históricos e geográficos”, de cunho teórico e científico, contendo quatro artigos que apresentam interpretações e indicações de professores, historiadores e geógrafos acerca da erva-mate no tempo e no espaço sãomateuense; “Indicação geográfica: potencialidades”, que reúne também quatro textos, de cunho informativo e comunicativo, que descrevem a forma como se deu a obtenção da Indicação Geográfica da erva-mate em São Mateus do Sul; e, “Inspirações e manifestações”, trazendo um apelo sensitivo, essa seção idealizada por professores, escritores, administradores e empresários é um convite especial a perceber a importância da erva-mate reconhecendo seu papel na construção de nossa identidade cultural.

A erva-mate é sinônimo de amizade, familiaridade e momentos compartilhados e, partindo deste encantamento, toda esta proposição é dedicada aos que, sensíveis aos contos, poesias, imagens, pesquisas científicas, trajetórias de construção, registros de memória, fotografias e lugares possam se utilizar da coletânea.



"Bella cidade dos verdes herveas: indicação geográfica, potencialidades e desafios da erva-mate em São Mateus do Sul – Paraná" traz informações sobre a Indicação de Procedência São Matheus. Revela detalhes sobre o processo, a história, o povo da região e os ervais. Trata-se de uma referência aos interessados em melhor conhecer a erva-mate, as pessoas e a própria região. Uma obra para ser lida e apreciada junto com uma boa cuia de chimarrão ou uma caneca de chá. Sorvendo o líquido e a história desse produto, dessa terra, desse povo.

Agenor Maccari Junior
Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

